

ROMANCE  
GRÁTIS



*Para  
Robert*

UMA  
ÚLTIMA  
NOITE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



branca 1

Título: *Uma Última Noite*

Autoria: *Nora Roberts*

Editora: *Maria João Costa*

*Esta edição © 2008 Edições Chá das Cinco Lda.*

*Título original Tonight and Always © 1983 Nora Roberts.*

*Publicado originalmente nos EUA por Jove Books, 1996*

*T r a d u ç ã o : Isabel C. Penteado*

*R e v i s ã o : Idalina Morgado*

*C o m p o s i ç ã o : Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

*D e s i g n d a c a p a e i n t e r i o r e s : Chá das Cinco*

*1ª edição : Agosto, 2008*

*Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência*

*Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal*

*T e l e F a x : 214 583 770*

*w w w . c h a d a s c i n c o . c o m*

ROMANCE  
GRÁTIS

*Rosa  
Roberts*

UMA  
ÚLTIMA  
NOITE



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido

# 1

Estava lusco-fusco, aquele intervalo estranho e quase místico em que a

luz e a escuridão se encontram perfeitamente equilibradas. Em poucos

instantes o azul suave seria transformado pelas cores ardentes do pôr-do-sol.

As sombras alongavam-se; os pássaros calavam-se.

Kasey estava ao fundo da escadaria que conduzia à mansão Taylor.

Ergueu os olhos em direcção aos massivos pilares brancos e velhos tijolos

rosa com enormes áreas de vidro laminado. Três andares. Aqui e acolá lu-

zes brilhavam tenuemente através de cortinas corridas. O lugar tinha uma

dignidade endinheirada. Dinheiro antigo, dignidade inerente.

*Intimidadora*, pensou ela, admirando de novo a casa de cima a

baixo. Mas tinha realmente um certo estilo. À ténue luminosidade do

lusco-fusco, a casa tinha um aspecto sereno.

Levantou um grande batente de ferro e fê-lo bater na espessa porta

de carvalho. O barulho ecoou através do crepúsculo. Kasey sorriu com

o som e depois virou-se para ver as cores desvanecerem-se lentamente

te no céu. Já era mais noite que dia. Atrás dela a porta abriu-se. Kasey

voltou-se e viu uma mulher baixa e negra vestida de uniforme preto e

avental branco.

*Como nos filmes*, pensou, e sorriu outra vez. Afinal até poderia ser uma aventura.

— Olá.

— Boa-noite, senhora. — A criada falou educadamente e manteve-se à entrada da porta como um guarda de palácio.

— Boa-noite — disse Kasey, divertida. — Acho que o Sr. Taylor está à minha espera.

— Menina Wyatt? — Desconfiada, a criada olhou-a dos pés à cabeça.

Não se mexeu para a deixar passar. — Acho que o Sr. Taylor só a esperava

amanhã.

— Sim, mas cheguei esta noite. — Ainda sorrindo, passou pela criada

a passos largos e entrou no hall principal. — Provavelmente era melhor

avisá-lo de que cheguei — sugeriu. E virou-se para admirar um lustre de

três camadas que derramava luz sobre a carpete.

Olhando desconfiadamente para Kasey, a criada fechou a porta. —

Espere aqui, por favor. — Indicou-lhe uma cadeira Luís XVI. — Vou infor-

mar o Sr. Taylor da sua chegada.

— Obrigada. — A sua atenção já tinha sido desviada para um auto-retrato de Rembrandt. A criada afastou-se silenciosamente.

Kasey observou atentamente o Rembrandt e seguiu para outro quadro. Renoir. *Este sítio parece um museu*, pensou ela, continuando depois a deambular pelo corredor fora, vendo os quadros como se estivesse numa

galeria de arte. Para Kasey, obras de arte daquelas deviam ser propriedade

pública — para serem respeitadas, admiradas e, acima de tudo, vistas. *Será*

*que vive mesmo aqui alguém?* — indagou-se, passando um dedo sobre uma

espessa moldura dourada.

O murmúrio de vozes captou a sua atenção e Kasey dirigiu-se instintivamente em direcção ao som.

— É uma das maiores peritas em cultura indo-americana, Jordan.



O último artigo dela recebeu grande aclamação. Com apenas vinte e cinco

anos, é um autêntico fenómeno na área da antropologia.

— Estou bem ciente disso, Harry, ou não teria concordado com a tua sugestão de ela colaborar comigo neste livro. — Jordan Taylor mexia

um martini e bebia-o lenta e contemplativamente. A bebida estava perfeita,

apenas com um toque de vermute. — Dou por mim a pensar como iremos

ultrapassar os próximos meses. As solteironas profissionais são intimidado-

ras e de todo a minha companhia favorita.

— Não andas à procura de companhia, Jordan — lembrou-lhe o outro retirando a azeitona do próprio copo. — Andas à procura de um peri-

to em cultura indo-americana. E é isso que vais ter. — Engoliu a azeitona.

— As companhias podem ser fonte de distracção.

Com uma careta, Jordan Taylor pousou o copo. Sentia-se inquieto e não sabia porquê. — Não me parece que vá achar a tua Kathleen Wyatt

uma distracção. — Enfiou as mãos nos bolsos das calças de corte perfeito

e observou o companheiro terminar o martini. — Até já a imagino:  
cabelo

cor de lama penteado para trás, rosto ossudo, óculos de lentes  
grossas em-

poleirados num nariz proeminente. Fatos justos para acentuar a falta  
de

curvas e sapatos ortopédicos tamanho quarenta.

— Tamanho trinta e seis.

Os dois homens viraram-se em simultâneo para a porta.

— Olá, Sr. Taylor. — Kasey entrou. Atravessou a sala e estendeu a  
mão a Jordan. — E o senhor deve ser o Dr. Rhodes. Trocámos  
bastante cor-

respondência nestas últimas semanas, não foi? Prazer em conhecê-  
lo.

— Sim. Bem... — As sobrancelhas espessas de Harry baixaram.

— Sou Kathleen Wyatt. — Fez-lhe um sorriso deslumbrante antes  
de se dirigir a Jordan. — Como vê, não penteio o cabelo para trás.  
Prova-

velmente não se manteria assim se eu experimentasse. — Puxou um  
dos

caracóis soltos que lhe emolduravam o rosto.

— E em vez de cor de lama, — continuou ela calmamente, — este  
tom é conhecido por louro-morango. A minha cara não é particular-

mente ossuda, embora eu tenha umas bonitas maçãs do rosto. Tem lume? Enfiou a mão na mala à procura de um cigarro e depois olhou para Harry Rhodes. Ele meteu a mão no bolso e encontrou o isqueiro.

— Obrigada. Onde é que eu ia? Ah, sim — continuou ela antes que algum deles pudesse falar. — Uso realmente óculos de leitura, quando

consigo encontrá-los, mas duvido que estivesse a referir-se a isso, não

é verdade? Vejamos, que mais posso dizer-lhe? Posso sentar-me? Estou

cheia de dores nos pés. — Sem esperar uma resposta, escolheu uma ca-

deira de brocado dourado. Fez uma pausa e sacudiu o cigarro para dentro

de um cinzeiro de cristal. — Já sabe que número calço. — Recostou-se na

cadeira e olhou para Jordan Taylor com olhos verdes directos.

— Bem, Menina Wyatt — disse ele finalmente. — Não sei se peça desculpas ou se aplauda.

— Eu preferia uma bebida. Tem tequila?

Com um meneio de cabeça, Jordan dirigiu-se ao bar. — Acho que não; pode ser vermute?

— Serve perfeitamente, obrigada.

Kasey perscrutou a sala. Era ampla e perfeitamente quadrada, com as paredes forradas com bonitos painéis de madeira e a mobília forrada a

seda. Uma lareira de mármore intrincadamente esculpida dominava uma

parede. Porcelana de Dresden era reflectida num enorme espelho emoldu-

rado a mogno que se encontrava sobre a lareira. A carpete era espessa, os

cortinados pesados.

*Demasiado formal*, pensou ela, observando a elegância estruturada.

Ela teria preferido cortinados abertos ou, melhor ainda, nada de cortinados

mas antes algo menos sombrio. E havia provavelmente um bonito chão de

madeira por debaixo da carpete.

— Menina Wyatt. — Jordan acordou-a dos pensamentos quando lhe

estendeu um copo. Os seus olhares cruzaram-se, cada um curioso com o

outro, e em seguida um movimento à porta distraiu-os.

— Jordan, a Mil icent disse-me que a Menina Wyatt já chegou, mas

ela deve ter... Oh. — A mulher que entrou na sala estacou assim que viu

Kasey. — A menina é Kathleen Wyatt? — Com a mesma desconfiança

que demonstrara a criada, examinou a mulher de calças cinzentas e blusa

azul-forte brilhante.

Kasey bebericou e sorriu. — Sim, sou. — Observou também atentamente a elegante dama de sociedade. A mãe de Jordan, Beatrice Taylor,

estava cuidadosamente aperaltada, impecavelmente arranjada e elegan-

temente trajada. Beatrice Taylor sabia bem quem e o que era, pensou

Kasey.— Perdoe a minha confusão, Menina Wyatt. Só a esperávamos amanhã.

— Organizei as coisas mais depressa do que contava — disse Kasey, e bebeu mais um pouco. — Apanhei um voo mais cedo. — Sorriu de novo.

— Não vi qualquer necessidade de perder tempo.

— Claro. — O sobrolho de Beatrice enrugou-se por momentos. — O seu quarto está pronto. — Virou os olhos para o filho. — Instalei a Menina

Wyatt no quarto com mobiliário do período da Regência.

— Ao lado da Alison? — Jordan parou quando se preparava para acender um charuto e olhou para a mãe.

— Sim, pensei que a Menina Wyatt talvez gostasse da companhia. A

Alison é a minha neta — explicou a Kasey. — Vive connosco há três anos,

desde que o meu filho e a mulher morreram. A pobrezinha tinha apenas

oito anos. — A atenção dela voltou-se de novo para Jordan. — Se me dão

licença, vou tratar da sua bagagem.

— Bem. — Jordan sentou-se no sofá quando a mãe saiu da sala. —

Talvez devêssemos tratar de negócios.

— Claro. — Kasey acabou de beber o vermute e pousou o copo na mesa ao lado. — Gosta de horários rígidos? Tipo, das nove às duas, das oito

às dez. Ou gosta de flutuar ao sabor da maré?

— Ao sabor da maré? — repetiu Jordan olhando em seguida para Harry.— Sim. Ao sabor da maré.

Jordan anuiu com a cabeça. Aquela não era definitivamente a cientista austera e discreta que imaginara. — Porque não tentamos um pouco

de ambos?

— Ok. Amanhã gostava de dar uma olhadela no seu resumo e perceber um pouco melhor o que tem em mente. Podia dizer-me o que considerava mais prioritário.

Kasey estudou Jordan por um momento enquanto Harry se servia de mais um martini. *Muito atraente, num suave estilo Wal Street,* decidiu ela.

Cabelo bonito; castanho-claro, apenas com algumas madeixas mais claras.

*Ele deve sair deste museu de vez em quando para apanhar sol,* pensou ela, mas duvidava que ele fosse muito dado a praia. Kasey sempre gostara de

olhos azuis num homem, e os de Jordan eram muito escuros. E muito frios,

pensou. Rosto delgado. Boa ossatura. Indagou-se se ele teria algum sangue

Cheyenne a correr-lhe nas veias. A estrutura do crânio era muito similar.

As roupas e modos sofisticados eram salientados por uma certa sensualida-

de em redor da boca. Ela gostava do contraste. Ele tinha a constituição física

de um tenista, reflectiu Kasey. Bons ombros e mãos fortes e bem tratadas.

O fato era obviamente exclusivo e conservador. *Que pena*, pensou ela de

novo. *Mas cuidado*, disse para si mesma, *há aqui mais do que possa parecer à primeira vista*. Kasey tinha um pressentimento de que havia uma per-

sonalidade forte debaixo daquela sofisticação toda. E sabia, por ter lido os

livros dele, que Jordan era um homem inteligente. O único defeito que en-

contrara no trabalho dele fora uma certa frieza.

— Estou certa de que trabalharemos muito bem em equipa, Sr. Taylor

— disse ela em voz alta. — Estou deseiosa por começar. É um ótimo es-

critor.— Obrigado.

— Não me agradeça, não tive nada a ver com isso. — Sorriu.

Os lábios de Jordan curvaram-se numa resposta instintiva no preciso momento em que ele se interrogava no que é que se teria metido.

— Tenho muito prazer em poder ajudá-lo na pesquisa — continuou ela. — Acho que tenho de agradecer ao Dr. Rhodes por lhe ter sugerido o

meu nome. — O olhar dela virou-se na direcção de Harry.

— Bem... as suas credenciais eram impecáveis. — Harry gaguejou ao



tentar ligar Kathleen Wyatt, cujos artigos tinha lido, com a mulher esbelta

de cabelo encaracolado que estava a sorrir para ele. — Licenciou-se com

distinção na universidade de Maryland?

— Exacto. Especializei-me em antropologia na Maryland e depois fiz o mestrado na Columbia. Trabalhei com o Dr. Spalding na expedição que

ele fez ao Colorado. Acho que foi o meu artigo sobre essa expedição que

chamou a sua atenção.

— Com licença, senhor. — A criada negra apareceu à porta. — A bagagem da Menina Wyatt já foi levada para o quarto. A Sra. Taylor sugere

que talvez ela gostasse de descansar um pouco antes do jantar.

— Dispensó o jantar, obrigada. — Kasey falou directamente para a empregada e depois voltou-se de novo para o Dr. Rhodes. — Mas vou su-

bir. Viajar cansa-me. Boa-noite, Dr. Rhodes. Acho que nos veremos várias

vezes durante os próximos meses. Até amanhã, Sr. Taylor.

Saiu como entrara, deixando ambos de olhar embasbacado.

— Bem, Harry. — Jordan estava perplexo. — O que é que me  
estavas

a dizer sobre distrações?

Depois de seguir a criada escada acima, Kasey parou à porta do  
quar-

to. Rosas-claros e dourados dominavam o esquema de cores.  
Cortinados

cor-de-rosa pendiam sobre paredes tom de pérola; almofadas  
ornadas a

rosa e dourado almofadavam cadeiras da Regência. Havia uma  
mesinha de

toucador orlado a dourado e uma chaise-longue estofada num tom  
de rosa

mais escuro. A cama era enorme, com dossel, completa com  
cortinas e uma

coberta de cetim cor-de-rosa.

— Credo — murmurou ela ao entrar no quarto.

— Desculpe, menina?

Kasey voltou-se para a criada e sorriu. — Nada. É um quarto e  
tanto.

— A casa de banho é por aqui, Menina Wyatt. Deseja que lhe  
prepare

um banho?

— Preparar-me... não. — Kasey fez um sorriso arreganhado, incapaz

de se conter. — Não, obrigada... Mil icent, não é?

— Sim, menina. Muito bem, menina. Se precisar de alguma coisa, é só premir a tecla nove do telefone. — Mil icent saiu silenciosamente do

quarto, fechando cuidadosamente a porta.

Kasey largou a mala de mão em cima da cama e começou a explorar o quarto.

Na sua opinião, era demasiado requintado e cor-de-rosa. Decidiu que

o iria ignorar e passar lá o mínimo de tempo possível. Além disso, naquele-

le momento estava demasiado cansada de aviões e táxis para se importar

onde iria dormir. Começou à procura da camisa de noite que Mil icent ti-

nha aparentemente arrumado numa cómoda.

— Entre — gritou ela quando bateram à porta. Continuou a vasculhar a lingerie cuidadosamente dobrada. Ergueu os olhos até ao espelho.

— Olá. Deves ser a Alison.

Kasey viu uma criança alta e magra com um caro vestido de corte simples. O cabelo louro comprido estava cuidadosamente penteado e pre-

so com uma fita larga. Os olhos eram grandes e escuros, mas a expressão

que continham não era nem de felicidade nem de infelicidade. Kasey sentiu

uma pontada de compaixão.

— Boa-noite, Menina Wyatt. — Alison quebrou o silêncio mas não entrou no quarto. — Pensei que deveria apresentar-me, já que vamos

partilhar uma casa de banho nos próximos meses.

— Boa ideia. — Kasey virou-se e olhou directamente para Alison.

— Embora imagine que não demorasse muito até nos cruzarmos no du-

che. — Se tiver uma hora de preferência para o banho, terei todo o gos-

to em organizar-me consigo, Menina Wyatt.

Kasey dirigiu-se à cama para pousar a camisa de noite. — Não sou esquisita. Já partilhei várias vezes casas de banho. — Sentou-se cuidadosa-

mente à beira da cama e olhou duvidosamente para o dossel. — Vou tentar

não te atrapalhar de manhã. Imagino que vás à escola.

— Sim, este ano vou à escola. No ano passado tive um tutor. Sou mui-

to irascível.

0

— Ah, sim? — Kasey ergueu as sobrancelhas e esforçou-se por não sorrir. — Eu sou muito calma.

Alison franziu o sobrolho. Incapaz de decidir se havia de avançar ou recuar, hesitou à porta.

Kasey reparou na hesitação, nos modos disciplinados, nas mãos entrelaçadas sobre a cintura do vestido caro. Lembrou-se que a criança tinha

apenas onze anos. — Diz-me uma coisa, Alison, o que é que fazes aqui para

te divertires?

— Para me divertir? — Fascinada, Alison entrou no quarto.

— Sim, para te divertires. Não podes estar sempre na escola. — Des-

viou um caracol solto dos olhos. — E eu não vou certamente trabalhar vinte

e quatro horas por dia.

— Há um court de ténis. — Alison aproximou-se um pouco mais.

— E também a piscina, claro.

Kasey anuiu com a cabeça. — Eu gosto de nadar — continuou antes

que Alison pudesse comentar. — Mas não sou muito boa no ténis. Jogas?

— Sim, eu...

— Maravilha! Talvez possas dar-me umas aulas. — Os olhos perscrutaram de novo o quarto. — Diz-me uma coisa, o teu quarto é cor-de-rosa?

Alison fitou-a por um momento, tentando compreender a mudança de assunto. — Não, é em tons de verde e azul.

— Hum, boa escolha. — Kasey fez uma careta às cortinas. — Uma vez pintei o meu quarto de roxo, quando tinha quinze anos. Tive pesadelos

durante dois meses. — Viu o olhar de espanto de Alison. — Algum proble-

ma? — Não parece nada uma antropóloga — disse abruptamente Alison,

sustendo depois a respiração devido à falta de modos.

— Não? — Kasey pensou em Jordan e levantou as sobrancelhas. — Porquê?

— É bonita. — As faces de Alison ruborizaram.

— Achas? — Kasey levantou-se para se admirar ao espelho. Semicerrou os olhos. — Às vezes também acho, mas acho principalmente que o

meu nariz é pequeno de mais.

Alison estava a olhar para o reflexo de Kasey. Quando os seus olhos se

cruzaram no espelho, os de Kasey iluminaram-se com um sorriso. Foi um

sorriso lento, caloroso e aberto. Os lábios de Alison, tão parecidos com os

do tio, curvaram-se inconscientemente em resposta.

— Tenho de descer para jantar. — Saiu do quarto recuando, não que-

rendo perder o sorriso de vista. — Boa-noite, Menina Wyatt.

— Boa noite, Alison.

Quando a porta se fechou, Kasey virou-se e suspirou. Era uma famí-

lia interessante, decidiu. A sua mente voltou-se de novo para Jordan. Muito

interessante.

Dirigiu-se de novo à cama e pegou na camisa de noite, passando-a

languidamente pelas mãos. *E onde é que Kasey Wyatt encaixa no meio disto*

*tudo?* – indagou-se. Com um suspiro, sentou-se na chaise-longue. A con-

versa que ela interrompera entre Jordan e o Dr. Rhodes tinha sido mais

divertida do que incomodativa. Mas, mesmo assim... Kasey recordou a

descrição que Jordan tinha feito dela.

*Típica*, decidiu. A visão típica de um leigo de como é uma mulher cientista. Kasey estava perfeitamente ciente de que perturbara Harry Rhodes. Esboçou um sorriso. Achava que ia gostar dele. Ele era bastante

sóbrio e delicado e, provavelmente, muito querido, reflectiu ela. Beatrice

Taylor era outra coisa. Kasey recostou-se na chaise-longue e obrigou-se

a relaxar. Não havia qualquer tipo de afinidade entre ela e a anfitriã, mas,

se tivessem sorte, podia ser que também não houvesse animosidade,

pensou. Quanto à menina...

Fechou os olhos e começou a desabotoar a blusa. Alison. Madura para a idade – talvez demasiado madura. Kasey sabia o que era perder-se

os pais na infância. Havia sentimentos de confusão, de traição, de culpa.

Era demasiado para uma criança suportar. Quem teria ocupado o lugar



da mãe dela? Beatrice? Kasey abanou a cabeça. Não conseguia imaginar

a elegante matrona com atitudes maternais para uma criança de onze

anos. Ela garantia apenas que Alison estivesse bem vestida, bem alimen-

tada e tivesse bons modos. Kasey sentiu uma segunda ponta de compai-

xão. Depois havia Jordan. Com mais um suspiro, endireitou-se o suficiente para tirar a blusa e descalçar os sapatos. Não seria fácil aproxi-

mar-se dele. Kasey nem sequer tinha a certeza de o querer fazer.

Levantou-se, desapertou as calças e dirigiu-se à casa de banho. O

que queria era aplicar os seus conhecimentos e experiência no livro dele.

Queria ver a informação fornecida utilizada da melhor maneira possível.

Mas o que queria mesmo naquele momento era tomar um banho, pen-

sou, abrindo totalmente a torneira da água quente. As horas que passara

no avião, antecedidas de uma palestra em Nova Iorque, tinham-na dei-

xado de rastos. As reflexões sobre Jordan Taylor iam ter de esperar.

Já faltava pouco para o dia seguinte, pensou enquanto mergulhava na banheira.

## 2

O Sol cintilava sobre a superfície da piscina quando Jordan completou

a décima volta. Avançava pela água com braçadas fortes e seguras.

Quando nadava, não pensava, deixando apenas o corpo assumir o co-

mando. Enquanto romancista, tinha muito frequentemente a mente api-

nhada de personagens e lugares. De palavras. Por isso começava sempre

o dia limpando-a com alguma actividade física.

Naquela manhã tinha tido mais uma personagem a intrometer-se

no seu cérebro. Kathleen Wyatt. Tinha-a achado fascinante. E não tinha

de todo a certeza de querer estar fascinado por uma colaboradora. O tra-

balho era importante para ele, e o romance em que estava a trabalhar no

momento poderia ser o mais importante da sua carreira. Ele achava que

talvez tivesse sido melhor se Kathleen Wyatt tivesse sido mais parecida

com a mulher que imaginara. A realidade era demasiado perturbado-

ra. Quando chegou ao extremo da piscina e se virou para mais uma volta, um movimento captou-lhe a atenção. Olhou para cima e viu um

rosto indistinto rodeado de caracóis vermelhos-dourados.

— Olá.

Jordan sacudiu água dos olhos e semicerrou-os em direcção ao Sol.

Depois focou-os na sua colaboradora. Kasey estava sentada de pernas cru-

zadas na borda da piscina. Os calções de ganga e T-shirt que trazia revela-

vam uma pele ainda pálida de um Outubro passado em Nova Iorque. O

olhar foi animado e divertido quando ela sorriu para ele.

*Completamente*

*perturbadora*, pensou ele de novo.

— Bom-dia, Menina Wyatt. Levantou-se cedo.

— Acho que ainda não me adaptei ao fuso horário. — A voz dela não

tinha sotaque de Leste mas talvez uma pontinha do Sul. — Fui correr um

pouco.— Correr? — repetiu ele, distraído com a tentativa de identificar o

suave sotaque.

— Sim, gosto de correr. — Levantou o rosto e examinou o céu  
perfei-

to. — Na verdade, já gostava de correr antes de isso ser moda.  
Mesmo que

me custe fazer parte de uma tendência, não consigo parar. Nada  
todas as

manhãs?

— Sempre que posso.

— Talvez eu experimente antes disso. Com a natação exercita-se mais  
músculos e não se sua.

— Nunca tinha visto as coisas por esse prisma. — Depois de sair da  
água, Jordan pegou numa toalha.

Kasey viu-o esfregar rapidamente o cabelo. O corpo, cintilando com  
gotículas de água, era bem definido e bronzeado. Notavam-se bem  
os mús-

culos dos braços e dos ombros. Os cabelos do peito eram louros,  
como os

fios mais claros da cabeça que tinham sido clareados pelo Sol. Os  
calções

de banho colavam-se às ancas. Kasey constatou que tinha estado  
certa

quando pensara que deveria haver um corpo atlético por debaixo do  
fato

conservador. Sentiu uma onda de desejo e ignorou-a. Aquele não era homem com quem se envolver, e nem era altura para tal.

— A natação manteve-o sem dúvida em forma — comentou ela.

Ele permaneceu calado por um momento. — Obrigado, Menina

Wyatt. — Abanou a cabeça e pegou num curto robe turco.

Kasey levantou-se num movimento fluido e rápido. A cabeça ficou ao nível do peito dele. — Quer começar a seguir ao pequeno-almoço? Se

tiver outra coisa para fazer, posso eu mesma dar uma olhadela no seu resu-

mo e nas anotações.

— Não, estou desejoso por começar. Estou cada vez mais intrigado com a ideia de tirar proveito dos seus conhecimentos.

— A sério? — Kasey fez um enorme sorriso. — Espero que não te desiludas, Jordan. A partir de agora vou tratar-te por tu. Íamos lá chegar,

mais cedo ou mais tarde.

Ele anuiu com a cabeça. — E eu trato-te por Kathleen?

— Espero bem que não. — Sorriu. — Ninguém me trata assim.

Ele demorou um momento a compreender. — Então, Kasey.

Olhou novamente para ela daquele modo penetrante que a deixa-

va ligeiramente desconcertada. Jordan percebeu uma certa perturbação

atravessar-lhe o olhar.

— Podemos ir comer? — perguntou ela. Seria mais simples se fossem directamente a assuntos de ordem prática, decidiu ela. — Estou cheia

de fome há horas.

...

Kasey e Jordan fecharam-se no escritório imediatamente a seguir ao pequeno-almoço. O gabinete era grande e as paredes estavam cobertas de livros. Sentia-se um aroma a couro e verniz misturado com tabaco. Kasey preferia aquela divisão relativamente a outras zonas que

já tinha visto da casa. Ali conseguia detectar sinais de produção, embora

fosse uma produção escrupulosamente organizada. Não havia papéis es-

palhados nem livros precariamente empilhados.

Com uns óculos grandes de armação escura empoleirados no nariz,

Kasey estava ao pé da janela a ler os apontamentos de Jordan. Tinha os pés

descalços, e um balançava indolentemente no ar enquanto ela examinava

as folhas.

Ela não era linda, decidiu Jordan. Pelo menos, não no sentido clássico. Mas o rosto era irresistível. Quando sorria, parecia que se iluminava.

Os olhos pareciam estar sempre divertidos. Era alta e bastante magra, ancas

estreitas e pernas longas. Um homem devia encontrar ângulos em vez de

curvas quando a levasse para a cama, pensou. Franziu o sobrolho, irritado

com o rumo dos pensamentos.

Havia algo de alegre nos movimentos dela – um entusiasmo e uma energia que também eram perceptíveis na fala. Naquele momento era como

se ela tivesse desligado a corrente. Estava em silêncio. Os traços tranquilos.

O único movimento era o balanço descontraído do pé descalço.

Kasey estava bastante ciente de que Jordan a observava. — Tens aqui

uma história fascinante — disse, quebrando o silêncio e a súbita tensão se-

xual que tinha surgido entre os dois.

— Obrigado. — Jordan ergueu uma sobrancelha. Ele também sentira



a tensão e estava tão atento ao facto como ela.

Kasey pôs as pernas para cima e pegou num cigarro. Segurou-o distraidamente entre os dedos enquanto continuava a fitá-lo nos olhos.  
— Pa-

rece que estás apenas a lidar com os índios das Grandes Planícies. Aparen-

temente são os que mais tipificam a imagem do índio americano, embora

sejam os menos típicos de todos.

— Ah, sim? — Jordan levantou-se para acender o cigarro que ela ain-

da tinha na mão. — Então espero que clarifiques esta falsa ideia e me dê

uma imagem mais exacta.

— Podias fazer isso com bibliografia bem seleccionada. — Kasey recostou-se na cadeira. — Para que é que precisas de mim?

Ele encostou-se e olhou-a contemplativamente. Os olhos fizeram um exame lento e completo. Era propositado para desconcertar.

— E também não era preciso teres mandado vir alguém de Nova Iorque — comentou ela secamente. — Não me vais ver corar de timidez,

Jordan. — Sorriu e viu-o sorrir em resposta. — Fazemos o seguinte — disse

ela num impulso. — Eu acabo já com a tua curiosidade e tu com a minha.

Sou uma antropóloga profissional e não uma virgem profissional. Então, o

que é que queres exactamente de mim no que diz respeito ao livro que estás

a escrever?

— És sempre assim tão directa?

— Nem sempre — disse ela de forma evasiva. Não seria inteligente ser demasiado franca com ele. — Bem, voltando ao livro.

— Factos; detalhes sobre os costumes, as roupas, a vida nas aldeias;

quando, onde e como. — Fez uma pausa, acendeu um charuto e depois ob-

servou Kasey através de uma nuvem de fumo. — Isso são coisas que posso

conseguir em livros de referência. Mas quero mais. Quero o porquê.

Kasey apagou o cigarro que ele lhe tinha acendido. Jordan reparou

que ela não tinha dado mais do que duas passas. Estava mais nervosa do

que queria mostrar.

— Queres que te arranje teorias acerca do motivo que levou uma cul-

tura a desenvolver-se de uma determinada forma e o porquê de ter sobrevi-

vido ou sucumbido a pressões externas.

— Exactamente.

Com o enredo que ele estava a desenvolver e o ponto de vista correc-

to, poderia vir a ser um livro maravilhoso, pensou Kasey.

— Ok — disse ela subitamente. — Vou dar-te uma ideia geral. Podemos entrar nos pormenores à medida que formos avançando.

...

Três horas depois Jordan estava à janela do escritório a olhar para a pisci-

na lá em baixo. Kasey nadava sozinha. Tinha vestido um fato-de-banho

justo ao corpo. Observou-a mergulhar e nadar rente ao fundo de mosaico.

Ela nadava como fazia tudo o resto, pensou ele – com rápidos impulsos de energia intercalados com momentos de acalmia. Ela era uma sprin-

ter, não uma corredora de longas distâncias.

Kasey regressou à superfície, virou-se de costas e flutuou. Pensou em

Jordan Taylor enquanto observava umas farripas de nuvens brancas atra-

vessarem o céu. *Ele é inteligente, conservador, bem sucedido. Incrivelmente*

*sexy. Porque é que isso me incomoda?* Semicerrou os olhos contra o Sol e deixou a mente e o corpo andarem à deriva. *Eu devia estar muito satisfeita*

*por ter sido convidada para trabalhar com ele. E estava . Provavelmente é a casa, concluiu, fechando completamente os olhos. Não tem um grãozinho de pó. Como é que as pessoas conseguem viver sem pó?*

*Ele deve fazer parte de um clube de golfe muito exclusivo. Imagino que*

*existam mulheres muito elegantes na vida dele. Kasey amaldiçoou-se e vi-*

*rou-se ao contrário.*

*Devem existir homens na vida dela, pensava Jordan. Outros cientistas, professores, provavelmente um ou dois artistas esforçados. Amaldiçoou-se e afastou-se da janela.*

Kasey saiu da piscina e sacudiu a água do cabelo. *Bem, se vou conviver*

*durante uns tempos com os ricos, o melhor é aproveitar, pensou, olhando para uma espreguiçadeira. Deitou-se e deixou o Sol aquecer-lhe o corpo húmi-*

*do. Aquilo tinha algo que se lhe dissesse. Piscina privada, court de ténis*

privado. Percorreu com os olhos a enorme área de relvado delimitada por

arbustos verdejantes e um muro de pedra. Franziu o nariz. *Lá privacidade*

*temos. Pergunto-me com que frequência ele sairá daqui.* A mente voltou-se de novo para Jordan. Com um suspiro, Kasey aceitou o facto de que ele iria

provavelmente continuar a intrometer-se nos seus pensamentos. Fechou os

olhos, cedeu ao jet lag e adormeceu.

...

—Vais estorricar aqui fora.

Kasey abriu lentamente os olhos e focou-os. — Olá. — Fez um sorriso sonolento a Jordan.

— És muito clarinha. Vais queimar-te facilmente.

Ela percebeu o toque de irritação na voz dele e examinou-o. — Talvez tenhas razão. — Testou a pele pressionando um dedo contra o ombro.

— Ainda não. — Olhou-o directamente nos olhos. — Algum problema?

— Não. — Ele não queria admitir, nem a ele próprio, que tinha tido dificuldade em concentrar-se no trabalho sabendo que ela estava lá em bai-

xo e que a podia observar da janela.

— Amanhã vou comportar-me mais dentro dos padrões normais —

disse-lhe ela, pensando que talvez ele estivesse irritado porque só trabalhara

algumas horas. — Os aviões deixam-me de rastos. Deve ser da altitude.

— O cabelo já estava praticamente seco e ela passou descontraidamente

uma mão pela cabeça. Parecia quase cobre ao sol. — Preferes-me assim?

Ele olhou intensamente para ela. — Sim, acho que sim.

Kasey percebeu o duplo sentido e achou sensato levantar-se. — Acho

que não estávamos a falar do mesmo. — Sorriu mas manteve-se fora de

alcance.

Ele deu um passo em direcção a ela, surpreendendo ambos. Num

impulso, estendeu a mão para lhe tocar no cabelo. — És uma mulher muito

atraente.

— E tu és um homem muito atraente — disse ela suavemente. — E

vamos trabalhar juntos durante algum tempo. Não me parece que devês-

semos... complicar as coisas. Não estou a ser tímida, Jordan. Estou a ser

prática. Quero muito ver este livro terminado. Pode ser tão importante para

mim como vai ser para ti.

— Vamos acabar por fazer amor, mais cedo ou mais tarde, sabias?

— A sério? — Ela inclinou a cabeça.

— Sim, a sério. — Jordan virou costas e deixou-a sozinha na pis-

cina. *Bem*, pensou ela, colocando as mãos nas ancas. *Será mesmo? Acho que ele está habituado a levar sempre a dele avante.*

Estendeu-se de novo na espreguiçadeira. Embora a arrogância dele a irritasse, Kasey admirava

a frontalidade. Quando queria, ele conseguia largar os modos polidos e a

elegância. Podia ser um caso mais difícil do que ela esperara.

Seria tolice negar que se sentia atraída por ele e igualmente tolice

deixar-se levar pela atracção. Franziu o sobrolho e enrolou um caracol

em volta de um dedo. O que tinham em comum Kathleen Wyatt e Jor-

dan Taylor? Nada. Ela não iria, não podia, envolver-se emocional ou fi-

sicamente com um homem a não ser que existisse uma base sustentável.

A atracção não chegava; e nem o respeito. Havia necessidade de afecto, de

amizade. Kasey não tinha de todo a certeza de conseguir ser amiga de Jor-

dan Taylor. *O tempo o dirá*, disse para si mesma, recostando-se de novo.

Então um movimento chamou-lhe a atenção.

Kasey ergueu os olhos, sorriu e levantou a mão num aceno. Alison pareceu hesitar por um momento, mas depois aproximou-se dela.

— Olá, Alison. Saíste agora da escola?

— Sim, acabei de chegar a casa.

— Eu estou a fazer gazeta. — Kasey recostou-se de novo. — Já algu-

ma vez fizeste gazeta?

Alison fez uma expressão de horror. — Não, claro que não!

— Que pena. É divertido. — *Uma criança adorável e demasiado solitária*, pensou Kasey. Lançou um grande sorriso à menina. — O que é que

estás a estudar?

— Poetas americanos.

— Tens algum favorito?

— Gosto de Robert Frost.



— Eu sempre gostei de Frost. — Kasey sorriu ao relembrar alguns versos. — Os poemas dele fazem-me sempre lembrar o meu avô.

— O seu avô?

— Ele é médico numa zona remota da Virgínia Ocidental. Montanhas azuis, floresta, riachos. Da última vez que lá fui, ele ainda fazia consul-

tas ao domicílio. — *E continuará a fazê-las quando tiver cem anos*, pensou ela, e sentiu de repente uma grande saudade do avô. Já há muito tempo que

não ia a casa. — Ele é um homem incrível; grande e robusto, cabelos bran-

cos e uma voz potente. Mãos delicadas.

— Seria bom ter um avô — murmurou Alison, tentando imaginá-lo.

— Via-o muitas vezes quando era criança?

— Todos os dias. — Kasey reconheceu as saudades. Estendeu a mão para tocar nos cabelos de Alison. — Os meus pais morreram quando eu

tinha oito anos. Foi ele que me criou.

Os olhos de Alison eram muito intensos. — Sente falta deles?

— Por vezes ainda sinto. — *Ela ainda sofre*, pensou Kasey. *Será que algum deles sabe disso?* — Para mim, serão sempre jovens e felizes juntos.

Assim é mais fácil.

— Eles costumavam rir-se — murmurou Alison. — Recordo-me de os ouvir rir.

— Essa é uma boa recordação. Nunca a perderás. — *Não há aqui riso*

*suficiente*, decidiu Kasey, e sentiu um súbito acesso de raiva de Jordan. *Nem de perto*. — Alison. — Interrompeu os pensamentos da criança. — Aposto

como te aperaltas sempre para jantar.

— Sim, senhora.

— Por favor. — Kasey sorriu e abanou a cabeça. — Não me chames isso. Faz-me sentir com um milhão de anos. Trata-me por Kasey.

— A avó não ia gostar que eu tratasse um adulto pelo primeiro nome.— Chama-me Kasey à mesma e eu falo com a tua avó se for preciso.

Porque não sobes comigo e me ajudas a escolher alguma coisa para vestir?

Não quero desgraçar o nome dos Taylor.

Alison fitou-a. — Queres que te ajude a escolher um vestido?

— Sabes provavelmente mais sobre o assunto do que eu. — Kasey sorriu e deu o braço a Alison.

...

Umás horas depois, Kasey parou à porta da sala de estar a observar os

seus ocupantes.

Beatrice Taylor estava na cadeira de brocado dourado. Usava seda negra e diamantes. Jóias cintilavam nas orelhas e pescoço. Alison estava ao

piano, ensaiando obedientemente um trecho de Brahms. Jordan estava

no bar a preparar alguns martinis.

A hora da família. Kasey fez uma careta. Pensou nos jantares que tinha tido com o avô – o riso, as discussões. Pensou nas refeições baru-

lhentas no colégio, com conversas que iam das intelectuais às mais bi-

zarras. Pensou nas refeições muitas vezes intragáveis nas escavações. Era

o dinheiro que enclausurava as pessoas daquela forma? Ou seria uma

questão de escolha?

Kasey esperou que Alison acabasse de tocar antes de entrar na sala.

— Olá. Sabem, uma pessoa podia deambular durante dias por esta casa e

não encontrar viva!ma.

— Menina Wyatt. Só precisava de chamar um criado. Teria sido conduzida até à sala.

— Ah, não faz mal. Consegui, finalmente. Espero não estar atrasada. — De todo — disse Jordan. — Comecei agora mesmo a preparar um

cocktail. Que tal um martini? Ou talvez queiras dizer-me o que preferes

com esta tequila.

— Tens tequila? — Sorrindo, aproximou-se dele. — Foi muito simpático da tua parte. Posso preparar? — Tirou a garrafa das mãos de Jordan.

— Observa com atenção. Estou prestes a revelar-te um segredo antigo e

muito bem guardado.

— O avô da Kasey é médico — anunciou Alison de repente. Beatrice voltou a atenção para a neta.

— Quem é a Kasey, querida? — O tom tinha uma ponta de irritação.

— Uma das tuas amigas da escola?

Kasey olhou e viu Alison corar. — A Kasey sou eu, Sra. Taylor — respondeu ela com descontração. — Temos de pôr um bom bocado de sumo

de limão — disse ela a Jordan. E demonstrou. — Pedi à Alison que me

tratasse pelo primeiro nome, Sra. Taylor. Também queres um, Jordan? —

Serviu dois copos sem esperar pela resposta dele. Sorriu para Beatrice, be-

bericou e depois voltou-se para Jordan. — O que achas? — perguntou-lhe.

— Boa, não é?

Ele bebeu um pouco, olhando para ela. — Deliciosa — murmurou.

— E inesperada.

Ela deu uma pequena gargalhada, sabendo que ele estava a referir-se

a ela e não à bebida.

Jordan teve uma vez mais de controlar o desejo de lhe tocar nos cabe-

los. — Não gostas de saber qual vai ser o rumo da tua vida?

— Credo, claro que não! — disse ela imediatamente. — Gosto de ser surpreendida. Não gostas de surpresas, Jordan?

— Não tenho bem a certeza — murmurou ele. Tocou com o copo no dela. — Então, ao inesperado. Por enquanto.

Kasey não tinha a certeza a que é que estava a brindar, mas ergueu o

copo. — Por enquanto — repetiu.

...

Nos dias que se seguiram, Jordan conformou-se a trabalhar a sério com

Kasey. Harry tinha tido razão acerca de uma coisa: ela era inquestiona-

velmente uma perita naquela área. E era também inquietante. Kasey tinha

uma sensualidade vibrante que não precisava de acentuar. Não usava quase

0

mais nada a não ser roupa confortável, e quase nunca se dava ao trabalho

de se maquilhar.

Observava-a naquele momento à janela do escritório. O Sol raia-

va-lhe sobre os cabelos. Era laranja-acastanhado àquela luz. Ela usava cal-

ções de jogging e estava de novo descalça. No dedo anelar da mão direita

usava uma aliança dourada muito fininha. Ele já tinha reparado no anel e

indagava-se quem lho teria dado e porquê. Duvidava que ela comprasse

jóias de qualquer tipo. Não era coisa a que ela desse importância.

Com um esforço, desviou a atenção da mulher e concentrou-se nas palavras que ela dizia.

— A dança do Sol era importante para a vida cerimonial de muitas das tribos das planícies. — Kasey tinha uma voz baixa e discreta quando fa-

lava assim. — Algumas praticavam automutilação para conseguirem entrar

em transe e receber visões. O dançarino espetava paus afiados em pregas de

pele do peito e amarrava-os a um poste. Depois dançava, cantava e orava

por uma visão até conseguir soltar-se; era também um sinal de coragem e

de resistência. Um guerreiro tinha de se pôr à prova; para ele próprio e para

a tribo. Eram os costumes deles.

— E tu aprovas?

Ela lançou-lhe um olhar divertido e paciente. — Não me cabe a mim aprovar ou desaprovar. Eu estudo. Observo. Enquanto escritor, suponho

que tenhas um ponto de vista diferente. Mas se vais escrever sobre este

tema, é melhor tentares compreender as motivações. — Desviando uns li-

vros do caminho, sentou-se na mesa. — Se um homem conseguia resistir

àquele tipo de dor, dor auto-infligida, não seria destemido numa batalha?

Implacável? A sobrevivência da tribo era a primeira prioridade.

— Necessidade cultural — disse ele, anuindo com a cabeça. — Sim, estou a perceber o que queres dizer.

— Visões e sonhos eram uma parte fundamental da sua cultura. Os homens que tinham visões fortes tornavam-se frequentemente xamãs. —

Kasey virou-se e começou a vasculhar os livros que estavam em cima da

secretária. — Há uma imagem bastante boa... tribo Blackfoot... se eu me

conseguisse lembrar de qual livro.

— És esquerdina — observou ele.

— Hum? Não, na verdade sou ambidextra.

— Isso pode contribuir — disse ele ironicamente.

— Para quê? — perguntou ela, levantando uma sobrancelha.

— Para o inesperado.

Kasey riu-se. O riso dela atingiu algo dentro dele. — Devias fazer isso



mais vezes.

— Fazer o quê?

— Rires-te. Tens uma gargalhada maravilhosa.

Ele ainda estava a sorrir, e isso afectou-a. Durante dias tinha sido capaz de manter os sentimentos sob controlo. Pegou num cigarro e pôs-se à

procura de fósforos. — Claro que se rirmos demasiado aqui, a tua mãe vai

acampar para o alpendre.

Ele observou-a a desviar livros e papéis. — Porque é que ela faria uma

coisa dessas?

— Ora, Jordan, sabes muito bem que ela acha que eu pretendo seduzir-te e fugir com metade da fortuna. Tens lume?

— Não estás interessada em nenhuma das duas coisas?

— Somos colegas de trabalho — disse ela bruscamente. Aproximou-se

da secretária, ainda à procura de fósforos. Estava a começar a sentir-se ligei-

ramente nervosa. Queria acalmar-se antes que piorasse. — E, embora sejas

bastante atraente, o dinheiro não abona a teu favor.

— Ah, é? — Jordan levantou-se e aproximou-se dela. — Porquê?

Normalmente as pessoas sentem-se atraídas pelo dinheiro.

Percebendo a irritação, Kasey suspirou e virou-se de frente para ele.

Achava que era melhor para ambos se esclarecesse bem a sua posição. — A

normalidade é relativa, Jordan.

— Assim fala a antropóloga.

— Os teus olhos escurecem bastante quando estás irritado, sabias?  
O

dinheiro é muito bom, Jordan. Eu própria costumo usá-lo. Mas tem

tendência para toldar a realidade.

— A realidade de quem?

— É exactamente esse o ponto. — Encostou-se à mesa. — As  
pessoas

endinheiradas como tu nunca vêem a vida como ela é para a  
maioria: esfor-

ços diários, orçamentos, credores, facturas. Tu estás afastado disso  
tudo.

— E vêes isso como um defeito?

— Eu não disse isso.

— Não te cabe a ti aprovar ou desaprovar?

Kasey soprou os caracóis da frente dos olhos. Como é que se metera naquilo? — Admito que me põe nervosa, mas esse é um problema pesso-

al. Não achas que o dinheiro tende a isolar o indivíduo das emoções do

dia-a-dia?

— Está bem. — Puxou-a para ele. — Vamos testar a tua teoria.

Cobriu a boca dela com a sua. Não foi o beijo que ela esperara dele.

Foi ávido e possessivo e exigiu uma resposta completa e indiscutível. Ela

resistiu por um instante. Estava determinada a não se render. Mas o corpo

começou a aquecer. Deu por si a emitir um gemido e apertou-o mais contra

ela. Havia algo quase selvagem na forma como a boca dele se apossou

da dela. Não havia suavidade nem sedução. Ele procurava a resposta dela e

exigia mais. Ela dava. As próprias carências não lhe deixaram opção.

Os lábios dele afastaram-se dos dela por um momento e ela tentou

recuar para clarear as ideias. — Ah, não. — Manteve-a bem agarrada.

— Ainda não. Estou longe de ter terminado.

Jordan explorou, invadiu, possuiu. Estava a arrancar algo dela que ela ainda não estava preparada para dar. Ela queria recompor-se, sol-

tar-se, mas os seus braços não o largavam. A boca dela estava determi-

nada a ter mais.

A mão dele foi ríspida quando lhe agarrou no seio. Os dedos eram longos e finos e faziam a pele dela arder com o toque. Era mais do que

prazer, mais do que paixão. Isso ela já tinha sentido antes. Ali estava a

acontecer algo que ela nunca vivera. E isso assustava-a, mas fazia-a desejar

e responder à exigência dele com maior fervor. Então, quando ela percebeu

que o limite da sanidade estava prestes a ser ultrapassado, ele soltou-a.

Kasey ficou a olhar para ele. Pensamentos e emoções estremeciam através dela. O sabor dele permanecia nos lábios.

— Esta é a primeira vez que te vejo ficar sem palavras — murmurou

Jordan. Deslizou a mão até à base do pescoço dela e acariciou-o. Kasey sen-

tiu uma nova vaga de desejo inundá-la.

— Apanhaste-me de surpresa. — Libertou-se dele e afastou-se. Ia ter

de pensar muito bem no que tinha acontecido, mas aquela não era a altura

apropriada. Precisava de reorganizar as ideias.

Ele observava-a atentamente. Agradava-lhe o facto de a ter desconcertado. Mas ela também o desconcertara. Jordan não se tinha preparado

para a intensidade do desejo que sentira ao saboreá-la pela primeira vez.

— Vou ter de me habituar a surpreender-te — disse. Kasey voltou-se de frente para ele.

— Eu não me surpreendo facilmente, Jordan. E não tenciono ter um caso contigo.

— Ainda bem. Isso vai tornar as coisas muito mais interessantes. Eu tenciono ter um contigo.

*Avaliei mal, pensou ela. Ele não está preso a convenções sociais como eu pensava. Há uma forte rebeldia por debaixo daquela polidez social. Teria de ser mais cuidadosa. Obrigou a voz a parecer calma quando perguntou:*

— Não ia mostrar-te uma foto de um xamã?

Ele tirou-lhe o livro da mão e fechou-o com firmeza. — Primeiro

vamos ao que é prioritário. Que tal tirares o dia de amanhã para irmos ve-

lejar? — Velejar? — O tom dela era cauteloso. — Só nós dois?

— Era isso que eu tinha em mente.

A proposta de liberdade depois de dias enfiada em casa e a oportunidade de estar com ele longe do trabalho eram tentadoras. Demasiado

tentadoras. Kasey abanou a cabeça. — Não me parece sensato.

— Não me pareces ser o tipo de mulher que só faz o que é sensato.

— A mão dele deslizou pelo rosto dela até ao cabelo.

— Estou a abrir uma excepção. Gostaria realmente que não fizesses isso. — Começou a sentir o coração a bater com força.

Jordan beijou-a suavemente na têmpora. — Vem comigo, Kasey. Pre-

ciso de um dia longe deste escritório, longe destes livros.

*Talvez só desta vez,* pensou ela.

...

A embarcação era tudo o que ela tinha previsto: elegante, luxuosa e cara.

Agradara-lhe ver Jordan manejar o iate de quatro metros e meio com

uma destreza que revelava bastante experiência. Sentou-se na proa para po-

der ver o barco afastar as águas. *É este o escape dele quando aquele mundo*

*em que se enclausurou se torna insuportável, reflectiu.*

Kasey observou-o à cana do leme. Estava de tronco nu. Como seria fazer amor com ele? Dobrou as pernas debaixo dela no banco almofadado

e examinou-o atentamente. Ele tinha umas mãos maravilhosas. Ali sentada

com o vento a bater-lhe, ainda conseguia sentir o toque dele. Devia ser um

amante exigente, concluiu ela, lembrando-se da agressividade do beijo. Ex-

citante. *Mas... há um mas, e eu ainda não sei o que é. Nem tenho a certeza*

*se quero saber.*

Jordan voltou-se para ela e os olhares cruzaram-se. — Em que é que estás a pensar?

— Estou apenas às voltas com um problema hipotético — disse ela, corando. — Olha! — Por cima do ombro dele, viu um grupo de golfinhos.

Saltavam e mergulhavam e saltavam de novo. — Não são maravilhosos?

— Desdobrou as pernas e dirigiu-se à popa. Equilibrou-se, pondo uma

mão no ombro dele, e depois debruçou-se mais. — Se eu fosse uma sereia,

nadava com eles.

— Acreditas em sereias, Kasey?

— Claro que sim. — Sorriu para ele. — Tu não?

— É a cientista que está a perguntar? — Levou uma mão à anca dela. — A seguir vais dizer-me que o Pai Natal não existe. Para escritor,

tens uma imaginação muito fraca. — Kasey inspirou profundamente o ar

marítimo. Depois começou a afastar-se, mas ele agarrou-lhe no braço. O

barco oscilou um pouco e ele apertou-lho com mais força para a equilibrar.

*Tem calma*, disse ela para si mesma, tentando não responder ao toque dele.

— Podemos discutir isso ao almoço.

— Tens fome? — Jordan sorriu e levantou-se. As mãos subiram para repousar nos ombros dela.

— Habitualmente tenho. Gostava de ver o que é que o François pôs naquele cesto.



— Só um minuto. — Baixou a boca para saborear a dela.

Foi um beijo diferente do que haviam dado no dia anterior. Os lábios ainda eram confiantes, mas naquele dia estavam suaves e mais lentos. Ela

sentia o calor do Sol e o vento em redor. O aroma do sal pairava no ar. As

velas ondulavam acima das cabeças deles.

Ela estava de novo a perder o controlo. E não queria aquela perda de

poder. Com muito cuidado, soltou-se dos braços dele. — Jordan — come-

çou, expirando em seguida para se acalmar. Ele estava a sorrir para ela, e as

mãos nos ombros suavizaram para uma carícia. — Estás muito satisfeito,

não estás?

— Por acaso, estou.

Ele virou costas e manteve-se ocupado por alguns momentos a descer as velas. Kasey encostou-se à balaustrada sem oferecer ajuda. — Jordan,

talvez eu te tenha passado a impressão errada. — O tom estava outra vez

mais descontraído. — Disse-te que não era uma virgem profissional. Mas

não vou para a cama com qualquer um.

Ele nem sequer olhou para ela. — Eu não sou qualquer um.

Ela sacudiu o cabelo para trás. — Não tens problemas de ego, pois não? — Não, que me tenha apercebido. Onde é que arranjaste essa alian-

ça? Kasey olhou para a mão. — Era da minha mãe. Porquê?

— Simples curiosidade. — Pegou no cesto. — Vamos ver então o que é que o François preparou para nós?

### 3

Os dias eram verdes e dourados no eterno Verão de Palm Springs. O céu

límpido, o ar do deserto seco e quente. Para Kasey, a monotonia era simultaneamente inevitável e sufocante. A rotina era uma parte necessária

da vida contra a qual ela por norma se rebelava. Em casa da família Taylor

tudo corria sem incidentes – demasiado bem. Não havia discussões; altos

e baixos. Se havia uma coisa que conseguia enervar Kasey, era uma organi-

zação perfeita. A condição humana incluía falhas que Kasey compreendia e

aceitava. Mas as falhas eram coisa rara na mansão dos Taylor.

Ela trabalhava diariamente com Jordan, e embora estivesse ciente de

que a sua falta de disciplina o frustrava, estava certa de que ele não po-

dia apontar falhas aos seus conhecimentos. Kasey era boa na sua área. Aos

poucos começou a conhecê-lo melhor. Jordan era um escritor disciplinado

e um homem exigente e meticuloso. Era capaz de extrapolar precisamente

o que queria da enxurrada de factos e teorias que ela lhe fornecia. E Kasey,

uma crítica severa, começou a respeitar e a admirar a sua mente. Era mais

fácil para ela concentrar-se na inteligência e no talento dele do que ter de

lidar com ele enquanto homem, um indivíduo que a atraía e inquietava.

Não estava habituada a sentir-se inquieta.

Kasey não tinha a completa certeza de gostar dele. Eram o oposto um

do outro em muitos aspectos. Ele era pragmático; ela volúvel. Ele era re-

servado; ela extrovertida. Ele era racional; ela emocional. Contudo, ambos

estavam acostumados a ter o controlo da situação. Perturbava-a o facto

de não conseguir controlar a atracção que sentia por ele.

Kasey nunca se teria considerado idealista. Mas sempre pensara

que quando se envolvesse profundamente com um homem, seria com

alguém que encaixasse na perfeição com as suas exigências. Teria de ser

forte, inteligente, e ter um poço de emoções que ela pudesse extrair com

facilidade. Teriam de se compreender um ao outro. Ela estava bastante

convicta de que Jordan não a compreendia mais do que ela a ele. Os es-

tilos de vida dos dois eram completamente diferentes. Ainda assim, con-

tinuava a pensar nele, a observá-lo, a indagar-se. Ele estava a apinhar-lhe

os pensamentos.

Sentada no gabinete dele, enquanto lia um rascunho de um ca-

pítulo novo, Kasey reconheceu que, pelo menos, àquele nível, estavam a

atingir uma compatibilidade firme. Ele estava a conseguir captar as ideias

que ela lhe tentava transmitir e depois misturava-as com factos e dados. Era

uma prova da utilidade que ela tinha. Sentir-se útil era para si essencial.

Voltou a pousar as folhas no colo e olhou para ele. — Está maravilhoso,

Jordan.

Ele parou de escrever e, erguendo uma sobrancelha, fitou-a nos olhos.

— Pareces surpreendida.

— Agradada — corrigiu ela. — Existe aqui maior empatia do que eu esperava.

— A sério? — O comentário pareceu interessá-lo e ele recostou-se na

cadeira para a observar.

Kasey sentiu-se constrangida. Ela achava que ele era suficientemente

intuitivo para lhe ler os pensamentos, se assim o desejasse. Mas não se ia

preocupar com isso. Levantou-se e dirigiu-se à janela.

— Acho que podias aprofundar mais as duas subculturas da vida nas Grandes Planícies. As tribos semiagricultoras das planícies orientais viviam

em aldeias e tinham características das Grandes Planícies bem como das

áreas culturais do Leste e do Sudeste. Estas consistiam em...

— Kasey.

— Sim? — Enfiou as mãos nos bolsos e virou-se de novo para ele.

— Estás nervosa?

— Claro que não. Porque estaria? — Começou à procura do maço de cigarros.

— Quando estás nervosa, vais até à janela, — parou e pegou nos cigarros dela, — ou procuras isto.

— Vou à janela para ver o que se passa lá fora — replicou ela, irritada

com a percepção dele. Estendeu a mão para aceitar o maço de cigarros, mas

pousou-os na secretária e levantou-se.

— Quando estás nervosa, — continuou ele, aproximando-se, — tens dificuldade em manter-te quieta. Tens de mexer alguma coisa; as mãos, os

ombros.

— Tenho a certeza de que isso é fascinante, Jordan. — Kasey manteve

as mãos dentro dos bolsos. — Tiraste algum curso de psicologia com o Dr.

Rhodes? Acho que estávamos a falar das subculturas dos índios das Gran-

des Planícies.

— Não. — Ele estendeu a mão e enrolou um dos caracóis dela em redor do dedo. — Eu estava a perguntar-te porque é que estás nervosa.

— Não estou nervosa. — Kasey esforçou-se por manter o corpo per-

feitamente quieto. — Eu nunca fico nervosa. — Ele esboçou um sorriso.

— De que é que estás a rir-te?

— É muito recompensador enervar-te, Kasey.

— Olha, Jordan...

— Acho que nunca te vi irritada — comentou ele, levando a outra mão ao pescoço dela. A pulsação dela estava a começar a acelerar. Ele sentiu

o desejo acender-se ao senti-la sob a palma da mão.

— Não ias gostar de ver.

— Não estou muito certo disso — murmurou ele. Queria-a. Àquela distância só lhe faltava sentir o movimento do corpo dela debaixo do seu.

Queria tocá-la, explorar os ângulos agudos do corpo dela e a suavidade da

pele. Queria que ela se entregasse com o entusiasmo que lhe era tão ca-

racterístico. Jordan não se lembrava de alguma vez ter desejado tanto uma

mulher. — É sempre interessante ver uma pessoa forte perder o controlo

— disse-lhe, acariciando-lhe ainda o pescoço. — És uma mulher muito for-



te e muito suave. É uma combinação excitante.

— Não estou aqui para te excitar, Jordan. — O corpo dela ansiava por

ele. — Estou aqui para trabalhar contigo.

— Fazes muito bem ambas as coisas. Diz-me... — A voz dele deslizava sobre a pele dela tão suavemente como os dedos. — Pensas em mim

quando estás sozinha à noite, no quarto?

— Não.

Ele sorriu outra vez. Embora ele não a tivesse puxado mais para perto, Kasey sentia o desejo agitar-se dentro dela. Ela não estava acostumada a

refrear a paixão, nunca sentira essa necessidade.

— Não sabes mentir lá muito bem.

— A tua arrogância está a evidenciar-se de novo, Jordan.

— Eu penso em ti. — Os dedos dele apertaram-lhe a parte de trás do

pescoço. — Penso de mais.

— Não quero que penses. — A voz dela estava fraca e isso assustou-a.

— Não, não quero. — Abanando a cabeça, afastou-se dele. — Não ia fun-

cionar.— Porquê?

— Porque... — Atrapalhou-se e ficou ainda mais assustada. Nunca ninguém a tinha posto naquele estado. — Porque queremos coisas diferen-

tes. Preciso de mais do que o que tu serias capaz de me dar. — Passou uma

mão pelos cabelos com a certeza de que tinha de sair dali. — Vou fazer um

intervalo. Retomamos depois do almoço.

Jordan viu-a sair apressadamente do gabinete.

*Claro que ela tem razão, pensou, franzindo o sobrolho em direcção à porta. O que ela diz faz todo o sentido. Então porque é que não consigo deixar de pensar nela? Deu a volta à secretária e voltou a sentar-se em frente da máquina de escrever. Ela não devia atrair-me desta forma. Recostando-se, tentou analisar o que sentia por ela e o porquê. Seria simplesmente uma*

atracção física? Se era, porque se sentiria atraído por uma mulher que não

tinha nada a ver com as outras que tinha desejado até então? E porque é

que dava por si a pensar nela nas alturas mais improváveis – quando estava

a fazer a barba, quando estava a meio da construção de um parágrafo? Seria

melhor se aceitasse simplesmente os seus sentimentos como desejo e nada

mais. Não havia espaço para mais nada. Ela tinha razão, decidiu. Nunca iria

funcionar.

Voltou-se de novo para os apontamentos, escreveu duas frases e amaldiçoou-se.

Quando atravessava a sala de estar a caminho do quarto, Kasey viu

Alison a ler muito bem sentada no sofá. A menina levantou os olhos e estes

iluminaram-se.

— Olá. — Kasey ainda sentia nervos e desejos percorrerem-lhe o cor-

po. — Fizeste gazeta?

— É sábado — disse-lhe Alison. Fez um sorriso hesitante a Kasey.

— Oh. — Era preciso ser-se cego para não ver as carências nos olhos

da criança. Pondo de parte os próprios problemas, sentou-se ao lado de

Alison. — O que estás a ler?

— *O Monte dos Vendavais*.

— Pesado — comentou Kasey, folheando alguma páginas e desmar-

cando o sítio onde Alison tinha parado a leitura. — Na tua idade eu lia a

banda desenhada do Super-Homem. — Sorriu e passou uma mão pelos

cabelos de Alison. — E, às vezes, ainda leio.

A criança olhava fixamente para ela com um misto de espanto e desejo. Kasey baixou-se para lhe beijar o topo da cabeça. — Alison. — Pousou

os olhos no fato de calça e casaco de linho azul que a menina tinha vestido.

— Estás colada a esse uniforme?

Alison olhou para baixo e gaguejou: — N-não sei.

— Não tens roupa de andar por casa?

— Roupa de andar por casa? — repetiu Alison.

— Pois, calças de ganga velhas, alguma coisa já com buracos ou uma

nódoa de chocolate.

— Não. Não me parece...

— Deixa estar. — Kasey sorriu e pôs o livro de parte. — Com todas as roupas que tens, não se deve dar pela falta de um fato. Anda. — Levan-

tou-se, agarrou na mão de Alison e puxou-a para a porta do pátio.

— Onde vamos?

Kasey olhou para Alison. — Vamos pedir a mangueira ao jardineiro e fazer esculturas de lama. Quero ver se consegues sujar-te. — Saíram as

duas. — Esculturas de lama? — repetiu Alison enquanto percorriam o jar-

dim.

— Pensa como se fosse um projecto de arte — sugeriu Kasey. — Uma

experiência educativa.

— Não sei se o Haverson nos vai emprestar a mangueira — avisou

Alison.— Ah, não? — Kasey sorriu de expectativa quando se aproximaram

do jardineiro. — Vejamos.

— Bom-dia, menina. — Haverson tocou na ponta do boné e parou de podar.

— Olá, Sr. Haverson. — Kasey dirigiu-lhe um sorriso luminoso. —

Queria dizer-lhe o quanto admiro o seu jardim. Especialmente as azáleas.

— Tocou numa flor em forma de funil. — Diga-me, utiliza folhas de carva-

lho como protecção?

Quinze minutos depois, Kasey tinha a mangueira e estava muito atarefada a fabricar lama atrás de um bloco de arbustos de rododendro.

— Como é que sabias aquilo tudo? — perguntou Alison.

— Aquilo o quê?

— Como é que sabias tanto sobre flores? És antropóloga!

— Achas que um canalizador só percebe de canos? — Sorriu para

Alison, divertida com a expressão de concentração no rosto da criança. —

A aprendizagem é uma maravilha, Alison. Não há nada que não possamos

aprender se quisermos. — Desligou a mangueira e agachou-se. — O que é

que gostavas de fazer?

Alison sentou-se alegremente ao lado dela e tocou na lama com a ponta de um dedo. — Não sei como.

Kasey riu-se. — Não é ácido, querida. — Enterrou a mão na lama

até ao pulso. — Quem poderá saber se Michelangelo não começou assim?

Acho que vou fazer um busto do Jordan. — Suspirou, desejando que ele

não lhe tivesse vindo à ideia. — Ele tem uma cara fascinante, não achas?

— Acho que sim. Mas já é um bocado velho. — Alison, ainda cautelosa, começou a fazer um monte com a lama.

— Oh. — Kasey franziu o nariz. — Ele é apenas uns anos mais velho que eu, e eu ainda mal saí da adolescência.

— Não és velha, Kasey. — Alison ergueu de novo os olhos. O olhar fi-

cou subitamente intenso. — Não tens idade para ser minha mãe, pois não?

Kasey apaixonou-se. O coração rendeu-se e não havia forma de voltar

atrás. Alguém precisava dela. — Não, Alison, não tenho idade para ser tua

mãe. — A voz era suave, compreensiva. Quando a menina baixou os olhos,

Kasey levantou-lhe o queixo com um dedo. — Mas tenho idade suficiente

para ser tua amiga. E também não me importava de ter uma.

— A sério?

A criança ansiava por ser amada, por ser tocada. Kasey sentiu raiva

0

de Jordan ao emoldurar o rosto de Alison com as mãos. — A sério. — Ob-

servou o sorriso formar-se timidamente no rosto da criança.

— Mostras-me como se faz um cão? — perguntou Alison, enfiando as mãos na lama.

Uma hora depois, regressaram para dentro de casa aos risinhos. Cada

uma levava um par de sapatos cobertos de lama. A mente de Kasey estava

mais leve. *Preciso dela tanto quanto ela precisa de mim*, pensou, olhando para Alison. Riu-se e parou para levantar o rosto sujo da menina.

— Estás linda — disse-lhe. Dobrou-se e beijou-lhe o nariz. — Contudo, a tua avó pode não concordar, por isso é melhor subires e tomares um

banho.— Ela foi a uma reunião social — comentou Alison, dando mais

umas risadinhas ao ver a lama na bochecha de Kasey. — Ela está sempre

em reuniões.

— Então não precisamos de a aborrecer, pois não? — Kasey segurou na mão de Alison e recomeçou a andar. — Claro que não deves mentir-lhe.

Se a tua avó te perguntar se estiveste a esculpir esculturas de lama atrás dos

rododendros, terás de confessar.

Alison prendeu o cabelo desgrenhado atrás da orelha. — Mas ela



nunca me iria perguntar uma coisa dessas.

— Isso simplifica as coisas, não é? — Abriu a porta do pátio. —  
Gosto

do cão que fizeste. Acho que tens talento para as artes. — Ao  
atravessarem

a sala de estar, Kasey começou a revistar os bolsos à procura de um  
fósforo.

A sala metia-lhe nervos.

— Eu gostei mais do teu busto. Parecia mesmo o... Tio Jordan!

— Sim, ficou bastante bem. — Kasey parou ao fundo das escadas e  
revistou os bolsos de trás. — Sabes, parece que nunca encontro um  
fós-

foro quando preciso. Porque será? — Depois, reparando na  
expressão de

espanto na cara de Alison, levantou os olhos. — Ah, olá, Jordan. —  
Sorriu

amigavelmente. — Tens lume?

Ele desceu lentamente os degraus, desviando os olhos da menina  
para a mulher. As calças de linho de Alison estavam todas  
emporcalhadas.

O cabelo soltara-se da fita e tinha bocados de lama agarrados. Os  
olhos

dela fitavam-no num rosto bastante sujo. As mãos estavam  
castanhas até ao

pulso. Assim como as de Kasey. Passaram-lhe pela cabeça uma dúzia de ex-

plicações que ele descartou. Se tinha aprendido alguma coisa nos dias que

passara com Kasey, era que o melhor era explorar primeiro o improvável.

— Que diabos andaram a fazer?

— Estivemos a fazer arte — respondeu Kasey com descontração.

— Muito educativo. — Apertou a mão de Alison. — É melhor ires tomar o

teu banho, querida.

Os olhos de Alison voaram dos do tio para os de Kasey. Subiu as escadas a correr e desapareceu.

— A fazer arte? — repetiu Jordan, seguindo a sobrinha com os olhos.

Franziu o sobrolho a Kasey. — Parece-me que andaram a chafurdar na

lama. — Não foi a chafurdar, Jordan. Foi a criar. — Kasey desviou o cabelo

desalinhado dos olhos. — Estivemos a fazer esculturas de lama. A Alison é

bastante boa.

— Esculturas de lama? Estiveram a brincar na lama? Nós nem sequer

temos lama!

— Fizemos um pouco. É muito fácil. Só é preciso água...

— Por amor de Deus, Kasey! Eu sei como se faz lama.

— Claro que sabes, Jordan. — A voz era tranquila mas ele percebeu a

diversão nos olhos dela. — És um homem inteligente.

Jordan sentiu que estava a perder a paciência. — Não mudes de assunto.— Que assunto? — Ela fez-lhe um sorriso ingénuo e quase arregalou

os dentes quando ele respirou fundo.

— Lama, Kasey. O assunto era lama.

— Bem, não há muito mais que eu te possa dizer acerca disso. Disse-

te que sabias como se fazia.

Ele praguejou e cerrou os punhos. — Kasey, não achas que é um pou-

co infantil para uma mulher levar uma menina de onze anos a passar a

tarde num monte de lama?

*Então sempre sabes a idade dela,* pensou Kasey olhando atentamente

para ele. — Bem, Jordan, isso depende.

— De quê?

— De querereres uma sobrinha de onze anos ou uma quarentona anã.

— O que é que estás para aí a dizer? Mesmo para ti, é difícil de compreender.

— A menina está quase na meia-idade e tu estás tão preocupado com o Jordan Taylor que não vês isso. Ela lê *O Monte dos Vendavais* e toca Brahms. É limpinha e sossegada e não se intromete na tua vida.

— Espera. Repete lá.

— Repetir! — A fúria dela costumava aflorar rapidamente. Ajeitou de novo o cabelo. — Ela não passa de uma menina! Precisa de ti, precisa de

alguém. Quando é que conversaste com ela a última vez?

— Não sejas ridícula. Converso com ela todos os dias.

— Tu *falas* com ela — replicou Kasey, furiosa. — Há uma grande diferença!

— Estás a tentar dizer-me que estou a negligenciá-la?

— Não estou a tentar dizer nada. Estou a afirmar! Se não querias ou-

vir, não devias ter perguntado.

— Ela nunca se queixou.

— Oh, bolas! — Virou costas e depois voltou-se de novo para ele.

— Como é que um homem tão inteligente pode fazer uma afirmação tão

ridícula? És realmente assim tão insensível?

— Tem cuidado, Kasey — avisou ele.

— Se não gostas que digam que és um tolo, não devias comportar-te

como tal. — Ela já não queria saber o quão furioso ele pudesse ficar. Eram

o seu próprio temperamento e sentido de justiça que comandavam as pa-

lavras. — Achas que ter casa, comida e banho é suficiente? A Alison não é

um animal de estimação, e até um animal de estimação exige afecto. Ela está

carente mesmo à frente dos teus olhos. Agora, se me deres licença, queria

ir lavar-me.

Jordan agarrou-lhe no braço quando ela ia a passar por ele. Virou-a e

empurrou-a para uma casinha de banho ao fundo do corredor. Sem dizer

nada, Kasey abriu a torneira e começou a esfregar-se. Jordan manteve-se

calado enquanto as palavras dela ressoavam na sua mente. Em silêncio, Ka-

sey amaldiçoava-se.

Ela não tencionara perder as estribeiras. Embora tivesse planeado falar com ele acerca de Alison, fora sua intenção abordar diplomática e cal-

mamente o assunto. A última coisa que queria era expressar as ideias numa

torrente de insultos. Sempre achara que quanto mais se gritava, menos uma

pessoa se fazia ouvir. Dizia continuamente para si mesma para não se des-

controlar quando estivesse a lidar com Jordan Taylor. E continuava a fazê-lo.

Pegou na toalha que ele lhe estendeu e secou cuidadosamente as mãos.

— Jordan, peço desculpa.

Os olhos dele estavam firmes. — Pelo quê, mais precisamente?

— Mais precisamente por ter gritado contigo.

Ele anuiu lentamente com a cabeça. — Pela forma mas não pelo con-

teúdo — comentou, e Kasey suspirou. Ele não era uma pessoa fácil.

— Exactamente. Tenho uma tendência para a falta de tacto.

Jordan reparou na forma como ela passava a toalha pelas mãos. Ela sentia-se desconfortável mas não ia recuar, observou. Sentiu uma agitação

de relutante admiração. — Porque não recomeças? — sugeriu. — Sem a

gritaria.

— Está bem. — Kasey levou um momento a organizar a abordagem.

— A Alison veio apresentar-se a mim na noite em que cheguei. Vi uma

menina impecavelmente arranjada e muito educada. E olhos entediados.

— A compaixão dela foi despertada pela recordação. — Não posso aceitar

o tédio numa criança tão nova, Jordan. Partiu-me o coração.

A paixão regressara à voz, mas era uma paixão de tipo diferente. Desta

vez não era raiva. Estava a pedir-lhe que visse o que ela via. Jordan duvidava

que ela estivesse ciente da intensidade do próprio olhar. Estava a pensar

apenas na menina. A compaixão dela comoveu-o. Era mais uma surpresa.

— Continua — disse-lhe ele quando Kasey se calou. — Desembu-

cha. — Não tenho nada a ver com o assunto. — Kasey passou novamente

a toalha pelas mãos. — Tens toda a liberdade de mo dizer, mas não vai fazer

qualquer diferença quanto ao que sinto. Eu sei como é perder-se os pais... a

rejeição, a terrível confusão. Precisamos de alguém que nos ajude a encon-

trar um sentido, para preencher os espaços que nem sequer compreende-

mos. Não há nada tão devastador como a morte de pessoas que amamos e

de quem dependemos. — Respirou fundo. Estava a dizer-lhe mais do que

tencionara mas parecia que não era capaz de parar. — Não é coisa que se

ultrapasse num dia ou numa semana.

— Eu sei disso, Kasey. Ele era meu irmão.

Os olhos dela procuraram os dele e encontraram algo inesperado.

Também ele amara profundamente. Kasey ficou sem defesas. Esticou o bra-

ço para lhe tocar na mão. — Ela precisa de ti, Jordan. Não há nada como o

amor de uma criança. As crianças não impõem condições às suas emoções.



Dão simplesmente. Têm uma pureza que perdemos quando crescemos. A

Alison está à espera de amar alguém de novo.

Ele olhou para a mão que estava sobre a sua. Pensativamente, voltou-a

para cima e examinou a palma. — Tu impões condições às tuas emoções?

O olhar de Kasey manteve-se firme. — Quando as dou, não.

Ele estudou-a por um momento com uma expressão de concentração nos olhos. — Preocupas-te mesmo com a Alison, não é?

— Claro que sim.

— Porquê?

Kasey olhou fixamente para ele, sinceramente confusa. — Porquê?

— repetiu. — Ela é uma criança, um ser humano. Como poderia não me

preocupar?

— Ela é filha do meu irmão — respondeu ele calmamente. — E parece que eu não me preocupei o suficiente.

Tocada, Kasey levou as mãos aos ombros dele. — Não. Não compreender e não querer saber são coisas completamente diferentes.

O gesto simples comoveu-o. — Perdoas sempre assim com essa faci-

lidade? Algo nos olhos dele lançou avisos de alerta ao cérebro dela.  
Ele estava

de novo a chegar demasiado perto do seu âmago. Uma vez lá, Kasey  
sabia

que nunca mais conseguiria libertar-se dele. — Não me canonizes,  
Jordan

— disse ela loquazmente. Era a defesa de maior sucesso que tinha.  
— Seria

uma péssima santa.

— Não te sentes à vontade com os elogios, pois não? — Ela  
começou

a baixar as mãos, mas ele agarrou-lhas para as manter nos ombros.

— Adoro-os — replicou ela. — Diz-me que sou inteligente e eu der-  
reto-me toda.

— Ah, elogios sobre a tua inteligência! Imagino que estejas  
habituada

a isso. — Sorriu. — Por outro lado, se eu te dissesse que és uma  
pessoa mui-

to carinhosa e generosa, a quem tenho dificuldade de resistir, tu  
rejeitarias

isso. — Não faças isto, Jordan. — Ele estava demasiado perto e a  
porta

isolava-os do resto da casa. — Estou vulnerável.

— Pois. — Olhou-a de forma estranha. — Também isso é uma sur-

presa. Baixou os lábios para a saborear. Ao primeiro toque sentiu os dedos

dela retesarem-se sobre os ombros. Depois ela relaxou e cedeu. Pela segun-

da vez naquele dia, Kasey apaixonou-se. Sentiu o coração perder-se numa

sensação física, desta vez dolorosa. *Ele vai fazer-te sofrer*, pensou ela, mas já era demasiado tarde.

— Cheiras a sabonete — murmurou ele quando passava a boca pelo rosto dela. — E tens uma dúzia de sardas no nariz. Desejo-te mais do que

alguma vez desejei uma mulher. — A voz enrouqueceu. — Raios, não con-

sigo compreender!

Quando a boca regressou à dela, Kasey sentiu o sabor da raiva. A língua penetrou fundo no momento em que a puxou mais contra ele. Pela

primeira vez na vida, Kasey deu tudo: corpo, coração e mente.

Quando as mãos dele começaram a explorá-la, ela não ofereceu resistência e deixou-as deambular. Ela sabia que a razão regressaria muito

em breve. Puxou-o mais, querendo encher-se com o sabor dele. Passou os

dedos pelos cabelos dele e depois desceu até aos músculos dos ombros e

costas. Queria a força dele – uma força equivalente à sua.

Jordan enfiou as mãos debaixo da camisa dela para lhe envolver os seios. A pele dela era extremamente macia – tão macia como o interior da

boca. Ouviu-a gemer quando os polegares roçaram nos mamilos. Ele sabia

que era loucura, mas só queria possuí-la. O desejo impelia-o como nunca

acontecera antes. Jordan sentia uma enorme tentação de a empurrar para o

chão e de a possuir rápida e selvaticamente. Regressaria depois a sanidade?

Conseguiria a sua vida de volta?

Afastou-a abruptamente e olhou fixamente para ela. A respiração de

Kasey era rápida, e a vulnerabilidade que ela alegara era bastante evidente

nos seus olhos.

— Preciso de ti — disse ele sucintamente. — Não gosto disso.

— Pois. — Ela acenou com a cabeça, compreendendo demasiado bem a sensação. — Nem eu.

— E se eu fosse ao teu quarto esta noite?

— Não. — Kasey afastou o cabelo da cara com as duas mãos. Tinha de pensar, mas pensar era impossível quando ela só conseguia sentir. — Ne-

nhum de nós está preparado.

— Não tenho a certeza que tenhamos escolha.

— Talvez não. — Kasey respirou profundamente e sentiu o equilíbrio começar a regressar. — Mas, por enquanto, acho melhor evitarmos estar

juntos na mesma casa de banho.

Ele riu-se e segurou-lhe no rosto. Nunca conhecera alguém que o fizesse rir com tanta facilidade. — Achas mesmo que isso vai ajudar?

Kasey abanou a cabeça. — Não, acho que não. Mas é o melhor que posso fazer neste momento.

## 4

Alison estava sentada sobre a colcha de seda cor-de-rosa a ver Kasey

maquilhar-se. Os frascos e tubos de cor espalhados sobre a mesinha de

toucador fascinavam-na. Aproximou-se e começou a tocar-lhes de modo

hesitante.

— Quando é que achas que terei idade suficiente para usar maquilha-

gem? — Pegou numa embalagem de sombra para olhos para a examinar

mais atentamente.

— Só daqui a alguns anos — murmurou Kasey enquanto escurecia as

pestanas. — Mas com essa carinha, não vais precisar de ilusões.

Alison inclinou-se para espreitar as duas caras no espelho. — Mas tu usas e és muito mais bonita do que eu. Tens olhos verdes.

— Também os gatos — comentou Kasey, e sorriu. — Os olhos castanhos são bastante eficazes, especialmente numa loura. Nada devasta mais

os homens do que olhos castanhos intensos e pestanas longas.  
Quando ti-

veres quinze anos, os rapazes vão todos cair de amores por ti. — Viu  
Alison

sorrir e corar. — Mas não tenhas pressa em começar a seduzir —  
avisou

ela, dando um puxão no cabelo de Alison. — E nada de fazer  
olhinhos esta

noite. Acho que o Dr. Rhodes não ia aguentar.

Com uma risadinha, Alison sentou-se na beira da chaise-longue.

— A avó diz que o Dr. Rhodes é um homem distinto e um bem  
social.

*Aposto que sim*, pensou Kasey pegando no batom. — Eu vi-o mais  
como um ursinho de peluche.

Alison tapou a boca e revirou os olhos. — Kasey, dizes cada coisa  
mais estranha!

— Achas? — Kasey começou à procura de um pincel. — Achei  
que era uma descrição bastante exacta. É todo rechonchudo e  
fofinho.

O Ursinho Pooh de óculos. Eu sempre gostei do Ursinho Pooh. Ele é  
bastante querido, inocente e esperto ao mesmo tempo. Viste o meu  
pin-

cel? Alison apanhou-o de cima da chaise-longue e entregou-lho. — Ele

faz-me festinhas na cabeça — disse ela com um suspiro.

Reprimindo um sorriso, Kasey tentou domar o cabelo. — Ele não consegue evitar. Os homens mais velhos que são solteirões inveterados têm

uma tendência para fazer festinhas na cabeça das crianças. Não sabem o

que mais fazer com elas. — Kasey pegou no frasco de perfume e espargiu

um borrifo sobre Alison. Gostava de ouvir a menina a rir. — Vamos ver se

o Pooh já chegou.

Entraram juntas na sala de estar. Quando viu Harry Rhodes do outro lado, Kasey olhou para Alison e piscou-lhe o olho num sinal de cumplici-

dade. Ao lado de Harry, Jordan reparou na troca de olhares. Perdeu o fio

à meada da conversa do amigo. Quando fora a última vez que vira Alison

sorrir daquela forma? Quando fora a última vez que se dera ao trabalho de

olhar para ela? Sentiu uma pontada de culpa. Enquanto tutor, não podiam



apontar-lhe faltas. Mas enquanto pai, falhara por completo. Estava na hora

de a compensar – e a ele também.

Pousou uma mão no ombro de Harry para parar a dissertação do amigo e depois atravessou a sala em direcção à sobrinha. — Bem, não esta-

va preparado para duas mulheres tão belas! — Levantou o queixo de Alison

com a mão e examinou-a. Ela era bastante bonita. E mais adulta do que ele

pensara. — Terei de te trancar muito em breve se quiser ficar contigo só

para mim.

Os olhos de Alison esbugalharam-se de espanto. O olhar fê-lo repender-se por a ter dado como garantida. Como podia ter vivido tanto tem-

po com ela e não ter reparado? Enquanto a observava, Alison olhou con-

fusa para Kasey. Jordan sentiu um momento de pânico quando a menina

voltou a olhar para ele. Seria demasiado tarde?

— Oh, tio Jordan! — Jordan viu a emoção nos olhos de Alison.

Amor sem condições. Sentiu algo abrir-se no seu âmago. — Ah, sim

— disse ele em voz baixa, tocando na face da sobrinha. — Acho que vou

ficar contigo.

— Alison — chamou Beatrice do outro lado da sala. — Onde estão os teus modos? Vem cumprimentar o Dr. Rhodes.

Alison lançou um sorriso aberto a Kasey e foi fazer o que a avó lhe mandara.

— Bem, Jordan. — Kasey engoliu em seco e clareou a voz. — És um homem e tanto.

Ele olhou para ela e sorriu. — Lágrimas, Kasey?

— Pára. — Ela abanou a cabeça e engoliu de novo em seco. — Vou desgraçar-me.

Os olhos dele voltaram-se fugazmente para Alison. — Tenho de te agradecer por isto.

— Não, por favor. — Kasey abanou mais resolutamente a cabeça.

Ele pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. — Sim. Tenho um sentimento de que será uma dívida difícil de pagar. Tinha o amor mesmo à

minha frente e não o via.

Kasey observou-o atentamente e expirou longamente. *Ainda tens,*

pensou. *Só que é um pouco mais complicado.* — Jordan, a não ser que quei-

ras provocar um ataque ao Dr. Rhodes e à tua mãe e manchares esse len-

ço perfeito que tens no bolso do casaco, é melhor mudares de assunto e

preparares-me uma bebida.

— Está bem. — Beijou-lhe de novo os dedos. — Por agora.

...

Por entre pratos de sopa de cebola, costeletas de borrego e salada do che-

fe, Harry Rhodes bombardeava Kasey com perguntas sobre a ciência da

antropologia. Não conseguia, mesmo com aquele segundo encontro, equi-

parar Kathleen Wyatt, cujo trabalho lera e admirara, com a mulher sagaz

que estava sentada à sua frente. Ela passava rapidamente de um assunto

para outro, fazendo ocasionalmente afirmações que o deixavam completa-

mente boquiaberto. Como conhecia bem Jordan, foi para si fácil ver que o

interesse do amigo por ela não era estritamente académico. E, como Kasey

chegara à casa dos Taylor por indicação sua, isso preocupava-o. Teria arran-

jado um problema a Jordan, em vez de uma solução?

Contudo, os conhecimentos que ela tinha naquela área eram bastante

abrangentes. Na altura em que estava a ser servido o pêssego *flambé*, Harry começou a relaxar.

— A antropologia não é psicologia — respondeu Kasey a um dos comentários dele. — Enquanto psicólogo, o Dr. Rhodes tenta manter a cultu-

ra constante e explorar a mente e a psique. Enquanto antropóloga, eu tento

manter a mente e a psique constantes e explorar a cultura. Tenho um bom

livro sobre o assunto. Talvez gostasse de o ler.

— Sim. — A conversa dela parecia lógica e aliviou-lhe a mente. — Te-

ria muito gosto, Menina Wyatt.

— Ótimo. Se eu conseguir encontrá-lo, pode levá-lo esta noite. —

Kasey comeu mais uma colherada de sobremesa.

— Tudo isso está para além do meu entendimento — interrompeu

Beatrice. Fez um sorriso caloroso a Harry. Ignorou Kasey por completo.

— Os psicólogos e os antropólogos fascinam-me com as suas teorias e filo-

sofias sobre a vida.

— Ora, Beatrice, eu não consideraria as minhas teorias fascinantes

— disse Harry com modéstia.

— Interrogo-me qual será a filosofia de vida da Kasey — reflectiu

Jordan. Lançou-lhe um dos habituais sorrisos deslumbrantes. — Tenho a

certeza de que ficaríamos todos fascinados.

Kasey lambeu a parte de trás da colher. — Do ponto de vista desta

antropóloga... — Calou-se para pegar no copo de vinho. — A vida é como

um bigode. Pode ser maravilhosa ou terrível. Mas faz sempre comichão.

Jordan riu-se e Harry bebeu um enorme gole de vinho.

Meia hora depois os dois homens isolaram-se na sala de jogos. Jordan

jogava snooker e escutava os comentários constrangidos de Harry sobre

Kasey.— Harry, não precisas de estar preocupado. A Kasey está a dar-me

tudo o que preciso, e não só. Estou a achar incrível a quantidade de conhe-

cimentos que ela tem armazenados naquele cérebro estranho.

— É precisamente essa a questão. — Harry franziu o sobrolho. — Ela é estranha.

— Talvez nós é que sejamos estranhos — murmurou Jordan. Desde que ela entrara na sua vida que ele já não tinha a certeza. — Seja como for,

ela conhece a área dela como a maioria das pessoas conhece o alfabeto. —

Colocou-se em posição para uma tacada. — Sem ela eu nunca conseguiria

a profundidade que procuro. — Deu a tacada e mudou de posição. — Mais,

ela é a mulher mais intrigante que já conheci.

— Não estás a envolver-te pessoalmente com ela, pois não?

— Estou a fazer os possíveis. — Jordan franziu o sobrolho quando a quinta bola não entrou.

— Jordan, um envolvimento pessoal com ela poderia interferir com o teu trabalho. Já te tinha dito, quando li o resumo, que este livro tem poten-

cial para um Pulitzer. A reputação já tu tens.

— Talvez seja mais sensato terminar o livro antes de começarmos a pensar em Pulitzers. É a tua vez, Harry — lembrou-lhe Jordan.

Harry enfiou duas bolas e falhou a terceira. Enquanto jogava, reflectia

cuidadosamente sobre as palavras que iria dizer: — Jordan, já tinha repara-

do que tens andado um bocado inquieto. Ia sugerir-te umas férias quando

terminasses o livro.

Jordan sorriu abertamente e debruçou-se sobre a mesa. Posicionou o

taco. — Estás a tentar proteger-me da Kasey, Harry?

— Eu não poria a coisa exactamente nesses termos. — Harry resmungou e apoiou-se no taco. — Percebo que a Menina Wyatt seja bastante

atraente, de um modo bastante fora do comum. Mas também é desconcer-

tante. — Hum. Desconcertante — murmurou Jordan. — Ela consegue real-

mente dominar-me. Não há nada que eu pudesse fazer contra isso, mesmo

que quisesse. A única coisa de que tenho a certeza é que ela me abriu algu-

mas portas que eu não sabia que tinha fechado.

— Não me digas que estás a ficar emocionalmente... — Harry tentou encontrar a palavra mais adequada. — Envolvido?

0

— Se estou apaixonado por ela? — Jordan franziu o sobrolho. Enfiou a nona bola. — Não faço a mínima ideia. Sei que a desejo.

— Meu caro, — começou Harry, — o sexo é... — Hesitou e pigarreou. — Sim? — perguntou Jordan, não conseguindo conter um sorriso.

— Uma parte necessária da vida — terminou Harry rigidamente.

— Harry, tu surpreendes-me. — O sorriso alargou. — É a tua vez.

Os dois homens olharam quando a porta se escancarou.

— Céus, Jordan! Devias mesmo espalhar mapas pela casa. — Kasey entrou de rompante com um livro grosso nas mãos. — Nunca vi tantos

corredores! O seu livro, Dr. Rhodes. — Pousou-o na mesa e soprou a franja

da frente dos olhos. — Intrometi-me em terreno sagrado?

Jordan apoiou-se no taco. Porque é que parecia que uma sala ganhava

vida sempre que ela entrava? — E isso faria alguma diferença? — pergun-

tou ele, e sorriu.

— Claro que não. Estou sempre a pisar terreno sagrado. Posso tomar



alguma coisa?

— Vermute? Não tenho tequila aqui em baixo.

— Sim, obrigada. — Kasey estava já a perscrutar a sala.

Era grande e desafogada, com uma maravilhosa ausência de sedas e brocados. O soalho de madeira, que imaginara na sala de estar, estava

ali em evidência e as janelas tinham uns simples estores de bambu. A

sala estava escrupulosamente limpa, mas havia sinais de vida. Uma vela

grossa tinha derretido até meio no seu castiçal de estanho. Uma colec-

ção de discos estava disposta numa prateleira, um ou dois em ângulos

estranhos.

— Gosto deste sítio — disse ela, dirigindo-se a uma mesa de vidro

que tinha algumas peças primitivas em barro. — Muito mesmo — acres-

centou quando se virou para aceitar o copo de vermute da mão de Jordan.

— Obrigada.

Ele não tinha a certeza do porquê de a aprovação dela lhe agradar

tanto, mas sabia que agradava. Kasey inclinou a cabeça como se quisesse

vê-lo de outro ângulo.

— Esta sala é tua — murmurou ela. — Como o gabinete.

— Acho que se pode dizer que sim.

— Que bom. — Bebeu um pouco de vinho. — Estou a começar a gostar de ti, Jordan. Quase desejava que assim não fosse.

— Parece que temos o mesmo problema.

Kasey afastou-se com um aceno de cabeça. — Snooker, hum? Não quero interromper-vos. Vou terminar a minha bebida antes de voltar para

o labirinto. — Olhou em volta de novo. Era a única sala na casa, para além

do escritório, onde se sentia confortável. — Gostaria de falar consigo sobre

o livro quando terminar de o ler, Dr. Rhodes.

— Claro. — O sorriso dela era de facto bastante cativante, pensou ele. — Não quer jogar uma partida connosco, Menina Wyatt? — propôs,

surpreendendo-se a si próprio.

— É muito simpático da sua parte. — Ela sorriu de novo e viu-o,

embevecida, endireitar os ombros. — Mas devem estar a jogar a dinheiro,

não? — Não é obrigatório — disse Harry.

— Ah, mas eu não quero que alterem as regras por minha causa. —

Kasey bebericou mais um pouco e olhou para um taco de bilhar. — Quais

são os montantes? Talvez estejam dentro das minhas possibilidades.

— Estou certo de que podemos encaixar-te, Kasey. — Jordan fez uma

pausa para acender um charuto. — Que tal um dólar por bola?

— Um dólar por bola — repetiu ela, aproximando-se da mesa. — Vejamos, quantas são? — Franziu o sobrolho e contou-as. — Quinze. Acho

que posso suportar isso. Como é que se joga?

— A rotação deve ser mais simples — comentou Jordan, e olhou para

Harry.— Ok. — O mais velho começou a passar giz no taco.

— Rotação — repetiu Kasey, e depois sorriu quando Harry lhe entregou o taco. — Quais são as regras?

— O objectivo é enfiar as bolas por ordem numérica nas bolsas — ex-

plicou Jordan, reparando que naquela noite ela tinha posto brincos. Pequeno-

nas argolas de prata que reflectiam a luz. Mesmo do outro lado da mesa, o

cheiro dela chegava até ele. Despertou dos pensamentos. — Ou bater com

a bola seguinte noutra para enfiar essa, ou o maior número possível delas.

Bater na bola branca, projectando-a contra as outras do número mais baixo

para o mais alto. O objectivo é enfiar todas as bolas numeradas.

— Percebo. — Kasey olhou circunspectamente para o feltro verde

e acenou afirmativamente com a cabeça. — Parece bastante simples, não

é?

— Depressa vai apanhar o jeito, Menina Wyatt — disse-lhe galanteadoramente Harry. — Gostaria de treinar primeiro um pouco?

— Não, porque não começamos já? — Lançou-lhe outro sorriso.

— Quem avança primeiro?

— Talvez a menina queira começar — continuou Harry, sentindo-se mais descontraído enquanto Jordan posicionava de novo as bolas. — Pro-

jecte a bola branca de encontro às outras. — A que entrar é sua.

— Obrigada, Dr. Rhodes. — Kasey dirigiu-se à extremidade da

mesa.

— Segura no taco assim — mostrou-lhe Jordan, posicionando-lhe os dedos. — Mantém-no estável, mas deixa-o deslizar. Vês?

— Sim. — Ela olhou para ele por cima do ombro. — Tenho de acertar

na bola com o número um, certo?

— É uma forma de começar. — Ele podia beijá-la naquele preciso momento e provocar um ataque cardíaco a Harry. Sentia o perfume do

cabelo dela e a pele macia do ombro sob a sua mão.

— Não vou ser capaz de acertar em nada do que está na mesa se não parares de olhar assim para mim — murmurou ela. — E o Dr. Rho-

des está a começar a corar.

Jordan afastou-se. Kasey aguardou um momento para se acalmar e depois debruçou-se sobre a mesa e atirou.

Enfiou três bolas de uma só tacada. Deslocando-se em volta da mesa, posicionou-se e jogou de novo. Mais uma tacada. Dobrou-se, se-

micerrou os olhos para calcular o ângulo e meteu a bola seguinte. Parou

para passar giz no taco enquanto os olhos percorriam a mesa para anali-

sar a melhor estratégia. A sala estava completamente silenciosa.

Kasey pegou na bebida, bebeu um gole rápido e regressou ao tra-

balho. Ouviu-se um estalido e o bater de bolas e depois o praguejar de

Harry quando ela enfiou três bolas de uma vez. Jordan observou-a en-

quanto ela se concentrava na jogada seguinte. Apoiado no taco, desfru-

tava a vista quando ela se debruçava sobre a mesa e empurrava a bola

seguinte para a bolsa. Kasey enfiou todas as bolas, enviando duas para

cantos opostos. Depois endireitou-se, esfregou o nariz com as costas da

mão e sorriu para os adversários.

— Vejamos, são quinze dólares de cada um, não é? Quer começar desta vez, Harry?

Jordan atirou a cabeça para trás e riu-se. — Harry — disse ele batendo no ombro do amigo. — Acabámos de ser enganados.

# 5

Jordan observava-a atentamente. Kasey lia uma parte dos apontamentos

dele em silêncio. Já estava calada há mais de vinte minutos. Havia algo

de inexplicável acerca da forma como ela conseguia parecer ligar e desli-

gar a corrente. Ela estava a perturbar-lhe a mente como nunca nenhuma

mulher tinha feito. Quando lhe fazia uma pergunta pessoal, ela respondia,

divagando agradavelmente, mas a maior parte das vezes fugia à questão. Ela

revelava muito pouco sobre Kasey Wyatt.

Que segredos deambulariam por aquele cérebro? – indagava-se ele.

*O que é que ela não me diz quando parece que está a dizer tudo o que lhe vem à cabeça? E porque é que eu estou obcecado com a ideia de saber tudo sobre*

*ela?* Jordan franziu o sobrolho e pensou nas alterações que ela já introduzira na sua vida.

Agora vivia naquela casa uma criança. Havia riso, barulho e entusias-

mo. Quanto tempo deixara as coisas andarem à deriva? Os três anos que

Alison estivera com ele? E quanto tempo antes disso?

Deixara o governo da casa – e a responsabilidade pela sobrinha – qua-

se exclusivamente nas mãos da mãe. Tinha sido mais simples. *Mais simples*, reflectiu ele. De um modo geral, a sua vida fora mais simples até Kasey ter

entrado pela porta da frente. Até aí considerara-se uma pessoa satisfeita. E,

tal como Alison, uma pessoa entediada. Harry chamara-lhe inquietação.

Fazia pouca diferença. Ninguém naquela casa ficara indiferente à chegada

de Kasey.

A mãe. Jordan franziu de novo o sobrolho e puxou de um charuto.

Beatrice já fizera algumas queixas subtis. Mas ele também já tinha aprendi-

do a ignorar os comentários da mãe há vários anos. Desde que tinha me-

mória que Beatrice sempre estivera envolvida nas suas reuniões sociais, nos

seus almoços formais. Tanto ele como o irmão tinham sido entregues aos



cuidados de amas e tutores. Jordan aceitara isso. Contudo, agora indaga-

va-se se teria sido sensato deixar a educação de Alison nas mãos dela. *Mais*

*simples*, pensou ele outra vez. Mas o que era simples estava muitas vezes longe do que era certo. Aparentemente, chegara a hora de ver as coisas por

outra perspectiva. Estudou Kasey de novo. Uma série de coisas.

— És muito perceptivo, Jordan — comentou Kasey, ajeitando os óculos no nariz.

— Achas? — perguntou ele. Em tempos teria concordado. Naquele momento estava a começar a interrogar-se quantas coisas lhe teriam passado ao lado.

— Explicaste muito bem aqui a motivação da tua personagem. Está muito bem exposto. Invejo-te.

— Invejas-me? — Jordan deu uma passa longa. — Porquê?

— Palavras, Jordan. — Olhou para ele e sorriu. — Invejo as tuas palavras.— Reparei que também não te faltam.

— Toneladas delas — concordou ela. — Mas nunca conseguiria conjugá-las desta forma. — Jordan viu-a passar rapidamente os olhos pelas

páginas enquanto continuava a ler o manuscrito.

— Devias compreender e aprofundar mais esta secção; a interacção entre parentes na cultura indiana — salientou ela.

— Famílias — murmurou Jordan, pensando na sua.

— Sim. Em muitas tribos, os familiares faziam admoestações públicas. Os infractores eram muitas vezes banidos. Isso era equivalente à execu-

ção, já que as tribos inimigas não hesitavam em matar um índio banido.

— Um pai era capaz de condenar um filho à morte?

— Honra, Jordan. Era um povo de honra e orgulho. Não te esqueças disso. — Dobrou as pernas debaixo dela e entrelaçou os dedos. — O as-

sassinato era tido como prejudicial para a tribo toda. O exílio era o castigo

padrão. Não muito diferente do que fazemos hoje em dia. O comporta-

mento entre parentes era frequentemente regulado por um estrito código

de regras.

— Kasey?

— Sim?

— Posso fazer-te uma pergunta pessoal?

Ela ergueu os ombros. Pôs-se à defesa. — Desde que eu não seja obri-

gada a responder.

Ele examinou por um momento a cinza na ponta do charuto. — Porque é que te tornaste antropóloga?

Ela sorriu. — Consideras isso uma pergunta pessoal? Na verdade, é bastante simples. Ou era isso ou a corrida em patins.

Ele suspirou. Ela ia fugir novamente ao assunto. — Sabe-se lá porquê,

mas vou perguntar. O que é que a corrida em patins tem a ver com a antro-

pologia?

— E eu disse que tinha? — Tirou os óculos e fê-los balançar pela has-

te. — Não me parece. Só te apresentei as minhas duas hipóteses de carreira.

Decidi não enveredar pela corrida em patins por ser uma profissão perigo-

sa. O chão é bastante duro. Não me dou muito bem com a dor.

— E a antropologia era uma alternativa lógica.

— Era a minha. — Estudou-o por um momento. — Sabias que as

rugos na tua face se acentuam quando sorris? É tremendamente atraente.

— Desejo-te, Kasey.

Os óculos pararam de balançar. — Pois, Jordan. Eu sei.

— E tu desejas-me.

Kasey sentiu claramente o desejo, como se estivesse nos braços dele,

a boca dele na sua. — Talvez. — Baixou novamente os olhos para os apon-

tamentos dele e começou a organizá-los.

— Kasey. — Ela olhou de novo para ele. — Quando?

Ela sabia o que ele estava a perguntar. Levantou-se, então, incapaz de

se manter sentada. — Não é assim tão simples, Jordan.

— Porquê?

Ela virou-se e olhou pela janela. *Porque estou apaixonada por ti,* pen-

*sou. Porque vais magoar-me. Porque tenho pavor de não ser capaz de me*

*afastar quando tudo terminar. Assim que te deixar entrar, não haverá volta*

*atrás.* — Jordan, — disse ela suavemente, — eu disse-te que não me dou

muito bem com a dor.

— Achas que vou magoar-te?

Ela percebeu a surpresa na voz dele e encostou a testa ao vidro. —  
Oh,

Deus! Eu sei que vais.

Quando as mãos dele pousaram nos ombros dela, Jordan sentiu os  
músculos tensos. — Kasey. — Passou os lábios pelo topo da cabeça  
dela.

— Não tenho qualquer intenção de te magoar.

O desejo já estava a crescer, a disseminar-se. — Intenção, Jordan?  
—

A voz dela estava a engrossar; ele conseguia perceber as lágrimas.  
— Não,

não acho que possa ser com intenção, mas isso não evita nada. —  
Os dedos

dele subiram para lhe acariciar o pescoço. Ela sentia o controlo a  
escapar.

— Jordan, por favor, pára. — Kasey começou a afastar-se, mas ele  
virou-a

para si. Jordan observou-a atentamente. Depois levantou um polegar  
e lim-

pou-lhe uma lágrima das pestanas. — Porque estás a chorar?

— Jordan, por favor. — Kasey abanou a cabeça. Sabia que estava a

perder. — Não suporto fazer figuras tristes. — As próprias emoções eram

demasiado fortes para suportar; estavam a pressioná-la. E o olhar dele era

demasiado directo e exigente. Começou a sentir o chão fugir-lhe de debaixo

dos pés. Desejo, carências, medos apossavam-se dela. Estava a aproximar-se

rapidamente o momento em que não teria outra opção senão ceder-lhe as

suas emoções – sem condições. — Larga-me — disse-lhe, lutando por se

recompor. — Já te dei o suficiente esta manhã.

— Não. — Ele apertou-a com mais força. — Não chega. Não, até me explicares porque é que estás a desmoronar mesmo à minha frente.

— Explicar! — Kasey atirou a cabeça para trás numa fúria súbita.

— Não tenho de te explicar nada! Porque deveria?!

— Eu acho — disse ele lentamente — que a pergunta deveria ser:

«Porque não?»

Ela estava a sofrer, e o temperamento exaltou-se para a proteger:

— Como posso ter dito que eras perceptivo?! Como posso ter pensado

isso, quando não vês o que está mesmo diante dos teus olhos?  
Estou

apaixonada por ti! — Susteve a respiração, incrédula e chocada com  
o

que acabara de dizer. Olharam fixamente um para o outro, ambos  
aba-

lados pelas palavras.

— Eu não queria dizer isso. — Kasey abanou a cabeça e tentou  
afastar-se. — Perdi o controlo. Não queria dizer isso. Larga-me,  
Jordan.

— Não. — Ele abanou-a uma vez para a fazer parar de tentar liber-  
tar-se. Os olhos dele estavam escuros e intensos quando fitaram os  
dela.

— Achas que podes dizer-me isso e depois sair daqui para fora? Não,  
não

querias ter dito isso — disse ele lentamente. — Mas estavas a falar a  
sério?

Já não havia lágrimas. O desespero tinha-as secado. — E se eu  
disses-

se que não?

— Eu não ia acreditar em ti.

— Então é retórico, não é? — Ela tentou de novo afastar-se, mas ele  
manteve-a presa.

— Não me venhas agora com essa. Não vai funcionar.

— Jordan. — A voz de Kasey estava de novo firme. — O que queres de mim?

— Não tenho a certeza. — Jordan afrouxou um pouco os dedos, subitamente ciente de que devia estar a magoá-la. — Estás apaixonada por

mim, Kasey? — Ela começou a recuar, mas ele abanou a cabeça. — Não.

Olha para mim e diz-me.

Kasey respirou fundo. — Amo-te, Jordan. Sem condições. Sem compromisso. Eu sei que há pessoas que se sentem desconfortáveis ao serem

amadas. Não compreendo isso.

— Assim simplesmente? — murmurou ele.

— Assim simplesmente — concordou ela, e sorriu. Sentia que lhe tinha saído um peso de cima. — Não franzas o sobrolho, Jordan — disse-lhe

ela. — Ser-se amado é fácil. Amar é que é difícil.

— Kasey. — Ele hesitou. Ela comovera-o, desnorteara-o, e ele já não tinha a certeza do que estava a sentir. — Não sei o que te dizer.

— Então é melhor não dizeres nada. — *Não é fácil para nenhum de*



*nós*, pensou ela, e tentou aliviar um pouco a tensão. — Jordan, gostava de me explicar. E fá-lo-ia melhor se não estivesse a tocar-me. — Ele soltou-a

e ela recuou. A ausência de contacto ajudou-a a acalmar-se. — Disse-te que

te amava. Pode ter sido um erro, mas está feito. Gostava que o aceitasses

simplesmente.

Kasey podia ver que ele não compreendia. Emoções dadas sem exigências eram sempre difíceis de entender. Como poderia explicar-lhe uma

coisa que o seu coração aceitara com a objecção da sua mente?

— Toda a minha vida me ensinaram que dar amor, expressar o amor, não é tanto uma opção mas uma obrigação — continuou ela. — Por favor,

aceita-o simplesmente e não me faças agora mais perguntas.

— Nem sei o que perguntar. — Ele queria tocar-lhe outra vez, abraçá-la, mas a expressão nos olhos dela deteve-o. Ele não queria magoá-la,

não queria que ela também estivesse certa nesse ponto. — Kasey, não que-

res nada de mim?

— Não — respondeu ela rapidamente, como se já estivesse à espera da

pergunta. — Disse-te que não havia compromisso, Jordan. Estava a falar a

sério. Acho que hoje não vamos ser capazes de trabalhar mais em conjunto,

e não me parece de todo que neste momento sejamos capazes de conversar

racionalmente sobre isto. De qualquer forma, já é tarde. Eu disse à Alison

que a deixava vencer-me no ténis antes do jantar. — Dirigiu-se à porta.

— Kasey.

Custou-lhe imenso virar-se para trás. — Sim?

A mente dele tinha passado de apinhada para vazia. Sentia-se um tolo. — Obrigado.

— De nada, Jordan.

Conseguiu atravessar a porta antes de o sofrimento começar.

...

Já tinha anoitecido quando Kasey conseguiu um momento a sós. Da ja-

nela do quarto conseguia ver a Lua subir no céu. Estava cheia, com uma

tonalidade laranja que a fazia pensar em campos cultivados e em fardos de

palha. O que estaria a acontecer no mundo lá fora? – indagou-se. *Já estou*

*nesta casa há demasiado tempo, presa por um amor que não me vai levar a*

*lado nenhum. O que é que eu fiz? Num mês perdi o que mais valorizei a vida*

*toda: a minha liberdade.*

Cruzou os braços em redor do corpo e voltou-se para o interior do

quarto. *Mesmo quando sair daqui, e me afastar dele, nunca mais serei livre.*

*O amor amarra-nos – eu sabia disso.*

*E o que estará ele a sentir neste momento? O que iremos dizer amanhã*

*um ao outro? Conseguirei continuar a ser descontraída, a dizer piadas como*

*se nada tivesse acontecido?* Riu-se um pouco e abanou a cabeça. *Preciso de fazer isso, lembrou a si mesma. Devemos terminar sempre o que começamos*

*– não é a primeira regra da Kasey? Vim para fazer um trabalho e o trabalho*

*tem de ser feito. Ofereci-lhe o meu amor incondicional e vou ter de viver com isso. Oh, Deus!* Pensou ela, apertando-se com mais força. *Como detesto sofrer. Que covarde sou.*

Pressionou uma mão contra a têmpora e entrou na casa de banho à

procura de uma aspirina. *Pelo menos vai aliviar-me a dor de cabeça,* decidiu.

Ao pegar num copo, escutou um som vindo do quarto de Alison. Franziu o

sobrolho e parou para ouvir com atenção.

O som era baixinho e abafado, mas tratava-se inequivocamente de choro. Pousou o frasco de aspirinas e dirigiu-se à porta ao lado. Alison esta-

va encolhida sob os cobertores, soluçando com a cara voltada para a almo-

fada. Kasey não conseguiu pensar em mais nada a não ser na criança.

— Alison. — Sentou-se na beira da cama e tocou no cabelo louro emaranhado. — O que foi?

— Tive um pesadelo. — Alison atirou os braços em volta do pescoço de Kasey e agarrou-se. — Foi horrível. Havia aranhas por todo o lado.

— Agarrou-se com mais força quando Kasey a abraçou. — A cama estava

cheia delas.

— Aranhas. — Kasey apertou-a e afagou-a. — Terrível. Ninguém devia ter de as enfrentar sozinho. Porque não me chamaste?

Alison conseguia ouvir o ritmo calmo do coração de Kasey debaixo

do ouvido e sentiu-se confortada. — A avó diz que é má educação incomo-

dar alguém que está a dormir.

Kasey controlou uma súbita e poderosa onda de fúria e manteve as mãos delicadas. — Não se tivermos um pesadelo. Eu costumava berrar

como uma doida quando os tinha.

— A sério? — Alison desencostou a cara. — Também tinhas pesadelos?— Dos piores. O papá costumava dizer-me que eram consequência

de uma imaginação criativa. Quase me fazia sentir orgulhosa deles. — Des-

viou o cabelo das faces de Alison. — Mais uma coisa — acrescentou. — Tu

nunca me incomodas, Alison.

Com um suspiro, Alison voltou a encostar a cabeça ao peito de Kasey.

— Eram aranhas enormes. Pretas.

— Já se foram embora. Devias experimentar cangurus. Pensar em cangurus é muito melhor do que pensar em aranhas.

— Cangurus? — Kasey conseguiu perceber o sorriso sonolento na voz da menina.

— Claro. Deita-te. — Quando Alison obedeceu, Kasey deitou-se na cama ao lado dela.

— Vais ficar aqui comigo? — A voz era fraca e admirada.

— Um bocadinho. — Abraçou-se à criança e sentiu calor. — Sonha com cangurus.

— Kasey.

— Hum? — Olhou para baixo para ver os solenes olhos castanhos de Alison a fitá-la.

— Amo-te.

Ali estava, percebeu Kasey. Sem condição, sem exigências. Amor puro. Até àquele momento ela não se tinha apercebido do quanto necessi-

tava disso. — E eu a ti, Alison. Fecha os olhos.

Jordan estava à porta a observar as duas figuras adormecidas. A cabe-

ça de Alison repousava no ombro de Kasey. Ele perdera a noção do tempo,

fascinado pela visão das duas. Estavam voltadas uma para a outra como se

tivessem encontrado algo que há muito procuravam.

*São as duas minhas*, pensou, surpreendido com a ternura que o inva-

dia naquele momento. As duas amavam-no e ele não tinha visto isso. Agora

que sabia, o que deveria fazer em seguida? O amor não era tão simples como

Kasey lhe dissera. Lembrou-se da forma como tinham olhado para ele: Ali-

son, atordoada e esperançosa; Kasey, exposta e assustada. Aproximou-se da

cama e observou-as a dormir.

Baixou-se e mudou suavemente a posição de Alison. Ela estremeceu uma vez e depois parou; estava a dormir profundamente. Jordan pegou

cuidadosamente em Kasey ao colo. Ela murmurou qualquer coisa, pôs os

braços em volta do pescoço dele e pousou a cabeça sobre o ombro. Algo

na confiança do gesto excitou-o mais do que uma sedução propositada.

Virou-se para a levar para a cama dela. Os olhos de Kasey abriram-se lenta-

mente e olharam para ele.

— Jordan? — Estava desorientada e tinha a voz embargada do

sono. — Kasey. — Jordan beijou-lhe a testa. Como era possível ela passar de

inocente a provocadora só por abrir os olhos?

— O que estás a fazer?

— A tentar decidir se te hei-de levar para o teu quarto ou para o meu.

— Parou à porta do quarto dela. — Porque estavas na cama da Alison?

— Aranhas. — Kasey lembrou-se e tentou organizar as ideias.

— Desculpa?

— Ela teve um pesadelo. — Suspirou. Kasey nunca fora pessoa de conseguir acordar de repente. — O que é que estavas a fazer ali?

— Ultimamente costumo ir ver se ela está a dormir bem. Algo que já devia ter começado a fazer há muito mais tempo.

Com um sorriso, Kasey tocou-lhe no rosto. — És um homem bom,

Jordan. Eu tinha a certeza. — Bocejou e encostou de novo a cabeça no om-

0

bro dele. — Podes pousar-me quando quiseres. — Sem muito esforço, po-

deria adormecer profundamente de novo.

— Kasey. — Jordan reparou na almofada e nos cobertores em cima da chaise-longue. — Porque não dormes na cama?



— Claustrofobia — disse-lhe ela, ensonada. — Entre o dossel e aque-

las cortinas sinto como se estivesse num caixão. Vou ser cremada.

— É fácil mudar o teu quarto. — Ela encaixou-se melhor no ombro dele e fê-lo sentir uma onda de desejo.

— Não. Não é preciso. A chaise-longue serve perfeitamente, e o pessoal da casa já acha que sou excêntrica.

— Não sei porquê. — Jordan deitou-a na chaise-longue e sentou-se ao lado dela. — Cheiras sempre a violetas — murmurou ele. A boca procu-

rou a dela e encontrou-a macia, quente e carente. Ele percebeu o momento

exacto em que o sono desapareceu do cérebro dela.

— Jordan. — Kasey já estava bem acordada e de coração aos pulos.

— Apanhaste-me em desvantagem. — Pôs as mãos contra o peito dele e

manteve-as firmes.

— Sim, eu sei. Já me tinha indagado se alguma vez te apanharia. —

Pegou numa das mãos dela e beijou-lhe a palma. — Tenciono tirar proveito

da situação, Kasey. — Passou um dedo pelo ombro dela e desceu até ao seio.

Sentiu o mamilo endurecer contra o tecido fino da camisa de noite.  
— Esta

noite — murmurou ele. — Agora.

— Jordan. — O desejo ardia dentro dela, exigindo satisfação. — Já te

tinha dito, é uma questão de opção.

— E também me disseste, apenas há algumas horas, que me amavas.

— Baixou novamente a boca sobre a dela. Céus, como a queria! Nunca uma

mulher lhe provocara tamanho desejo. O desejo estava-lhe no sangue, nos

ossos. Ela podia ter opção, mas não lhe deixara nenhuma.

— Eu disse-te que te amava. — Kasey invocou o último resquício de força. — Não te disse que ia fazer amor contigo. Tens de me deixar alguma

coisa, Jordan.

Ela não podia permitir que tal acontecesse. Sabia que assim que se entregasse ficaria completamente ligada a ele. Não se tratava simplesmente

de uma questão de querer ser tocada ou de sentir prazer, era uma questão

de necessitar de pertencer.

Jordan estudou-a em silêncio, segurando-lhe ainda na mão. Ela estava de novo indefesa, como estivera enquanto dormia com a menina. Ele

não ia magoá-la; jurou a si mesmo que não iria magoá-la. Mas não conse-

guia deixá-la. Quando lhe largou a mão e se levantou para sair, Kasey soltou

um suspiro baixinho de alívio. Mas ele trancou a porta e virou-se para ela.

Ela sentou-se de repente, pronta para o mandar embora.

— Kasey. — Aproximou-se dela mas não lhe tocou. — Deixa-me

amar-te esta noite. Preciso de ti. É a primeira vez na vida que preciso de

alguém.

Ela não o mandou embora. Poderia ter resistido a uma tentativa de sedução. Recusaria uma exigência. Mas sentia-se impotente perante uma

carência. Envolveu-o nos braços.

A boca dele ficou imediatamente desesperada, esmagando-se contra a dela até ficarem os dois zonzos. Ele puxou-a mais – apertou-a com mais

força, como se receasse que ela fugisse de repente. Mas o que ela oferecia

não voltava a tirar. Jordan desceu-lhe a camisa de noite dos ombros, ansioso

por sentir a pele dela. Pensou de novo quão magra ela era, o quão cuidado-

so teria de ser para não a partir. Mas as mãos recusavam-se a ser meigas.

Kasey não sentia qualquer dor, apenas um desejo avassalador. Sentia

a urgência explodir de dentro dele. Queria que ele precisasse dela. Naquele

momento, era suficiente. Puxou-o em direcção à cama.

Ele deitou-se em cima dela. Ela queria sentir o peso dele; estava impaciente com a roupa que os separava. A boca estava ávida. Kasey deu-lhe

tudo o que tinha através do beijo; um beijo longo, profundo e de tal forma

envolvente que as mãos dele deixaram de a procurar. Aplacou ambos.

Lentamente, com cuidado, ele começou a despi-la. Já não havia a pressão de uma satisfação rápida. Queria saboreá-la. Levou os lábios

ao pescoço dela, e o suspiro de prazer que ela emitiu arrepiou-o. Ainda

procurando, mas já não desesperado, passou ao seio. Kasey abriu-lhe o

robe até conseguir sentir a pele dele sob as mãos. Encontrou o vigor que

queria. Deixou-o possuí-la profunda e lentamente, não tanto com ternu-

ra mas com meticulosidade; nenhum dos dois queria ternura naquele

momento. Talvez mais tarde, quando o calor estivesse menos intenso e as

forças esgotadas. Ele mordiscou-lhe o seio, experimentando texturas e sa-

bores. Ela despiu-lhe o robe e ele ficou tão nu quanto ela. Jordan passou a

língua pelo mamilo dela e depois fez uma lenta viagem até ao pescoço. Ali

o sabor era forte e quente, e atraía-o.

Kasey deixou as mãos deambularem livremente, testando músculos,

explorando o contorno das costelas, deslizando sobre as ancas estreitas e

rijas. Estava perdida nele. Ele era tudo o que ela desejava, e os lábios no pes-

coço dela estavam a fazê-la delirar de prazer. Querendo saboreá-lo de novo,

murmurou-lhe que a beijasse outra vez.

Erguia-se uma tempestade. Kasey sentiu-a na textura do beijo. O cor-

po já estava a responder, movendo-se debaixo dele, aceitando, exigindo. Os

gemidos passavam dos lábios dela para os dele. Jordan deslizou a mão sobre

o seio dela e desceu até à anca. As coxas eram magras e fortes. Os dedos dela

agarraram com força os ombros dele. O corpo dela ardia de paixão. Kasey

abriu-se para ele, estremeando de desejo.

Estava quente e húmida. Ele queria perder o controlo. O seu estava

a escapar-lhe rapidamente. Rápido de mais. Jordan não queria que nada

daquilo acabasse. Queria continuar a tocá-la, a saboreá-la. Queria con-

tinuar a ouvi-la gemer o seu nome. Enlouquecia-o de excitação. Sentia

o sangue pulsar-lhe nas veias, mas avançava lentamente, deixando os lá-

bios roçarem ao de leve na anca dela e a língua delinear-lhe a barriga.

Ouvia a respiração dela – rápida e superficial. Ela movia-se debaixo dele

numa entrega total. Era totalmente sua. Ele precisava de o saber e não

perguntou o motivo.

Quando voltou a colar os lábios aos dela, sabia que tinha perdido todo o controlo. Sentiu uma onda de poder por saber que só ele, e apenas

ele, tinha a chave para chegar a ela. Então Kasey segurou-o e conduziu-o

para dentro dela. Ele deixou de pensar. Era dela.

...

Kasey estava aninhada nele e suspirava de felicidade. Não sentia quais-

quer remorsos. Amava-o. Só sabia que tinha encontrado o homem por

quem esperara a vida inteira. E tê-lo-ia o máximo que pudesse. Pensaria no

amanhã quando chegasse. Naquela noite tinha tudo o que queria.

Jordan estava quieto na escuridão. O corpo relaxado. Não se tinha apercebido da tensão a que o tinha sujeitado nas últimas semanas. Mas a

sua mente...

*Nunca foi assim...* pensava ele, um pouco zozzo com a constatação.

*Não lhe posso dizer isso. Ela não ia acreditar. Nem eu sei se acredito. Ela*

*atrain-me; eu não devia deixá-la.* Fechou os olhos e tentou limpar a mente.

Mas ela estava quente e macia encostada a ele, a mão sobre o seu peito.

*Deus! Acabei de a possuir e quero-a de novo. Ela é como uma droga.* Ele que-

ria sentir-se zangado, contrariado com o que ela lhe estava a fazer, mas não

conseguia deixar de sentir simplesmente necessidade dela. Ouviu-a suspi-

rar e sentiu-a mexer a cabeça e olhar para ele.

— Jordan?

— Sim? — Sem conseguir conter-se, estendeu a mão para a acariciar. — Esqueci-me completamente do dossel. Não é estranho?

Ele olhou para baixo e viu o brilho alegre nos olhos dela. Todas as dúvidas e tensões se desvaneceram da mente e ele sorriu. Não havia como

resistir-lhe. — Uma cura para a claustrofobia?

— Sem dúvida. — Rolou para cima dele. — Mas uma cientista testa sempre uma teoria diversas vezes. Estás disposto a doar o teu corpo à ex-

periência?

— Sem dúvida. — Puxou a boca dela de encontro à sua.



## 6

—As tribos nómadas das altas planícies viviam quase exclusivamente dos búfalos. Não tinham agricultura e dedicavam-se pouco à pesca. — Kasey bocejou e recostou-se na cadeira. — Desculpa. — Sorriu

para Jordan. — Estive acordada até tarde.

A descontração dela naquela manhã não era fingida. Kasey sentia-se

à vontade. Tinha-lhe dito que o amava, agira com base nesse amor e não se

arrepentia. A tensão que sentira antes resultara do facto de insistir em lutar

contra os próprios instintos e em esconder a verdade. — Estava a pensar se

poderia abandonar por momentos os meus valores e chamar alguém para

me trazer café. — Bocejou de novo.

Ele observou-a atentamente enquanto ela se espreguiçava voluptuosamente. — Não gostas de criados, pois não?

— Claro que gosto. — Kasey apoiou os cotovelos nos joelhos. — Não gosto é de os ter. E quanto ao café, eu própria não me importava de o fazer

mas o François não gosta que ninguém se meta na cozinha dele.

— Porque é que não gostas de os ter?

— Jordan, não consigo filosofar adequadamente só com três horas de sono. — Suspirou quando ele não disse nada e continuou a fitá-la. — De

que cor são os olhos da Mil icent?

— A que propósito vem isso?

— Para realçar que as pessoas raramente reparam em quem as serve.

Eu servi à mesa na faculdade e...

— Eras empregada de mesa?

— Sim. Isso surpreende-te?

— Estou perplexo! — Sorriu para ela. — Não consigo imaginar-te a equilibrar tabuleiros e a anotar pedidos.

— Eu era uma ótima empregada de mesa. — Kasey franziu a testa e

ajeitou os óculos sobre o nariz. — O que é que eu estava a tentar dizer?

— Quando?

— Como é que consegues estar tão desperto e implicante quando não

dormiste mais do que eu?

Ele sorriu enquanto se levantava e se dirigia a ela. — Porque tenho estado aqui a ouvir-te falar sobre os Arapho e as diversas tribos das Grandes

Planícies e a pensar que o que mais quero é fazer amor contigo outra vez.

— Levantou-a da cadeira. — Agora!

Kasey aceitou o beijo com um murmúrio de concordância. Se tivera alguma desilusão, fora a de não ter sido capaz de acordar ao lado dele na-

quela manhã. Mas tinha de pensar em Alison. A última noite tinha sido

demasiado curta, pensou ela com a boca ardendo sob a dele. E a daquele

dia ainda ia demorar a chegar.

— Não me parece que consigamos adiantar muito o trabalho desta forma — sussurrou ela.

— Não vamos fazer trabalho nenhum. — Jordan tirou-lhe os óculos e pousou-os atrás dele sobre a mesa. — Anda.

— Onde?

— Lá para cima. — Já estava a puxá-la em direcção à porta.

— Jordan. — Kasey riu-se e tentou libertar-se. — São onze da manhã.

— Onze e dez — corrigiu ele, olhando para o relógio quando atravessaram a sala de estar.

— Jordan, não estás a falar a sério, pois não?

— Diz-me isso daqui a meia hora. — Começou a empurrá-la escada acima. — A Alison está na escola, a minha mãe está numa das famosas

reuniões sociais e eu quero-te. — Abriu a porta do quarto. — Na minha

cama. Ela viu-se dentro do quarto presa nos braços dele. Não havia como

negar a fome dele. Já se sentia zozna. A boca dele devorava a dela como se

ele estivesse sedento do seu sabor.

— Jordan. — Kasey conseguiu respirar quando os lábios dele desceram até ao pescoço. — Não estamos propriamente sozinhos aqui.

— Não estou a ver mais ninguém — murmurou ele deslizando os lábios até à orelha dela.

Ela gemeu e tentou manter o equilíbrio. — A esta hora da manhã há criados espalhados pela casa toda. — Ele puxou-a para um beijo rápido e

violento, e depois soltou-a. Kasey sentiu o chão oscilar.

Em duas passadas largas, Jordan estava ao pé do telefone. Levantou

o auscultador e pressionou um botão sem tirar os olhos dela. —  
John, dá

dia de folga ao pessoal. Sim, ao pessoal todo. Agora. De nada. —  
Desligou o

telefone e sorriu para ela. — Quinze pessoas estão prestes a ficar-  
me muito

gratas.— Dezasseis — corrigiu Kasey. — Obrigada, Jordan.

Ele voltou para ao pé dela. — Porquê?

— Por compreenderes que eu precisava de estar sozinha contigo.

Mesmo sozinha. É importante para mim.

Jordan levou uma mão ao rosto dela. Kasey estava a tornar-se impor-

tante para ele. Muito importante. — Mas agora vais ter de ser tu a  
fazer o

café — murmurou ele.

— Que café? — Com um sorriso, Kasey começou a desabotoar-lhe a  
camisa. — Queres saber a minha opinião sobre o café?

— Agora não. — Jordan sentiu o desejo apoderar-se dele quando ela  
passou ao segundo botão.

— Bem, se calhar ia aborrecer-te um bocado — reflectiu ela,  
desaper-

tando o terceiro botão.

— Se há coisa que não acredito que me possas fazer, é aborrecer-me.

Os dedos de Kasey pararam e o sorriso alargou-se lentamente. —

Obrigada, Jordan. É muito simpático da tua parte dizeres isso.

Ele levou os dedos ao botão superior da camisa dela. — Mas se eu te

dissesse que és a pessoa mais generosa e genuína que conheço, ias mudar

de assunto.

Ela sentiu-se inundar de paixão e deixou de conseguir raciocinar.

Não sabia o que responder, estava apavorada com a hipótese de reagir de

forma exagerada e de estragar o momento. Estar apaixonada tornava muito

mais complicado, e também necessário, controlar as emoções. — Sim, ima-

gino que sim. Provavelmente diria algo do estilo: «Onde é que compras as

camisas? Este tecido é realmente maravilhoso».

— Kasey. — O olhar dela foi ao encontro do dele. — És linda.

Ela riu-se, imediatamente mais relaxada. — Não sou nada!

— Fazes uma covinha na bochecha esquerda quando sorris. Quando

estás excitada, os teus olhos escurecem e turvam de tal forma que o doura-

do desaparece.

Ela sentia a pulsação acelerar, a pele ruborescer de calor. — Estás a tentar pôr-me nervosa, Jordan?

— Sim. — Despiu-lhe a camisa. Depois deslizou as mãos até à cintura

dela. — Estou a conseguir?

Ela estava a tremer. E estupefacta com o facto. Ele mal lhe tocara e o

corpo pulsava de desejo. Ele tinha demasiado poder sobre ela, a todos os

níveis – coração, corpo e mente. Ela tentava resistir. Entregara-lhe o seu

amor mas recusava-se ceder a sua força. Ele tinha de a querer tanto quanto

ela o queria. Kasey desapertou-lhe o último botão.

— Tu pões-me nervosa, Jordan — segredou ela deslizando lentamente

te as mãos sobre o estômago, costelas e peito dele. Sentia os músculos dele

retesarem sob as palmas das mãos. Quando lhe despiu a camisa, beijou-lhe

o ombro. — Fazes-me suspirar por ti. — Desceu as mãos e levou os lábios

ao pescoço dele. — Fazes-me sentir desejo. — Desapertou-lhe as calças e

começou a descer-lhas. Quando os lábios dela começaram a descer pelo

pescoço, ela ouviu-o gemer de prazer. Empurrou-o para o chão.

A paixão tinha sabores. A pele dele estava quente e húmida de paixão

onde ela o beijava. Ela sentia o batimento do coração dele sob a língua. Era

como um sonho. O corpo estava drogado, mas a mente activa. Kasey queria

conhecer cada pedacinho dele – o que lhe agradava, o que o excitava. Se-

guia o instinto, deixando as mãos deambularem; quando sentia uma reac-

ção, insistia. O corpo dele era bem musculado e tonificado, e excitava-a. As

carências dele excitavam-na. Ela sentia-as jorrarem de dentro dele. Naquele

momento ele estava tão vulnerável quanto ela.

Kasey regressou ao pescoço dele com uma série de beijos lentos. A

respiração dele era rouca aos ouvidos dela. Agarrando-a pelos cabelos, Jor-



dan gemeu o nome dela e puxou-a até as bocas se encontrarem. A paixão

explodiu no beijo. Kasey sentiu-a chicoteá-la – uma mistura incrível de

dor e prazer. Jordan mordeu-lhe o lábio e ela gemeu. Aquilo não era ne-

nhum sonho, mas a pura realidade. As mãos dele tornaram-se subitamente

violentas quando a voltou de costas. Penetrou-a rápida e violentamente e

levou-a à loucura. Ela acompanhava-o, indefesa, forte. Ela sabia que tinha

parado de respirar. Estavam unidos por pele húmida e desejo. Não pararam

até serem apenas corpos exauridos e mentes vazias.

Ele deitou-se sobre ela, rosto enterrado nos cabelos, incapaz de se

mover, embora soubesse que ela era demasiado frágil para o peso dele. O

corpo dela ainda estremecia levemente sob o seu. Jordan levantou a cabeça.

Queria vê-la à plena luz do dia, depois de a amar.

A expressão era suave, o olhar ainda meio turvo. Sentiu uma dor ines-

perada e aguda atingi-lo no estômago. Ela sorriu e a dor aumentou. Seria

possível que a quisesse outra vez? Tão rapidamente? Decerto isso explicaria

o desejo incontável que sentia só de olhar para ela. Levou a boca à dela,

mas foi recebido com ternura e não paixão.

— Kasey. — Beijou-a na face, sem ter a certeza do que iria dizer

em seguida. As emoções que sentia eram completamente novas. Ela ti-

nha uma nódoa negra no ombro e ele levantou outra vez a cabeça para

a examinar. Era pequena e ténue e parecia ser uma dedada. Ficou hor-

rorizado. Que se tivesse apercebido, nunca na vida tinha marcado uma

mulher.

— O que se passa? — Kasey viu o choque no olhar dele e seguiu-lhe a

direcção. Depois sorriu um pouco quando viu a nódoa negra. — Tens mãos

fortes — comentou.

Ele fitou-a nos olhos. Era difícil para ele; a opinião dele quanto a

magoar uma mulher era muito concreta. Jordan não encontrava desculpa

para o acontecido. De repente, lembrou-se da expressão dela quando lhe

dissera que ele iria magoá-la. — Kasey. — Abanou a cabeça. — Não quero

magoar-te.

— Jordan. — Ela reconheceu o significado profundo das palavras e

levou a mão ao rosto dele. — Eu sei que não. — Quando ele se deitou de

costas, ela acompanhou-o e encostou a cabeça ao ombro dele. — Não pen-

ses agora no futuro — murmurou. — Vamos viver um dia de cada vez.

Ele aconchegou-a mais contra si, encaixando melhor os corpos. *Um dia de cada vez*, pensou, e fechou os olhos. — Estás cansada. — Percebera a fadiga na voz dela.

— Tu disseste alguma coisa sobre uma cama — respondeu ela, mas estava satisfeita por estar onde estava. Perto dele.

Jordan levantou-se, e antes que ela conseguisse terminar o protesto,

levantou-a em braços. — Precisas de dormir um bocado. — Quando a dei-

tou na cama, Kasey estendeu os braços.

— Dorme comigo.

Jordan puxou as cobertas para trás e envolveu-a nos braços.

...

Já era bem tarde quando Kasey acordou. Lembrava-se de quando Jordan

a deixara, dizendo-lhe para continuar a dormir. Ela puxara-o para um beijo que conduziu a mais uma tempestade de amor. Uma vista de olhos ao

seu relógio informou-a de que ele já tinha saído há mais de uma hora.

*Preguiçosa*, disse para si mesma. Espreguiçou-se. Se ele ainda ali esti-

vesse, Kasey não teria tido qualquer problema em virar-se para o outro lado

e continuado a dormir. Imaginou-o lá em baixo no escritório a trabalhar.

Tinha trabalho para fazer, lembrou a si mesma. Obrigou-se a sair da cama

e vestiu-se.

Quando ia a meio das escadas, ouviu Alison a ensaiar no piano. Desta

vez era Beethoven. Uma peça lindíssima tocada sem entusiasmo. Parou à

porta e ficou a observá-la. *Está a cumprir uma obrigação*, pensou Kasey

com alguma pena.

— Sabias que Beethoven foi considerado um revolucionário no tempo dele? — A cabeça de Alison ergueu-se de repente ao ouvir a voz de Ka-

sey. Estava à espera de a ouvir desde que regressara da escola. Kasey sorriu

e aproximou-se dela. — A música dele é tão poderosa.

Alison olhou para os seus dedos. — Não quando eu a toco. O tio Jordan disse que estavas a dormir.

— E estava. — Kasey passou uma mão pelos cabelos de Alison. —

Tocas muito bem, Alison, mas não te entregas.

— É importante ter boa formação nos clássicos — afirmou Alison.

Kasey conseguiu ouvir Beatrice naquelas palavras e reprimiu um suspiro.

— A música é um dos grandes prazeres da vida.

Alison encolheu os ombros e franziu o sobrolho enquanto tocava.

— Acho que não gosto de música. Se calhar não tenho ouvido musical.

Desta vez Kasey fez um esforço para não sorrir. — Isso podia ser real-

mente um problema. — Surgiu-lhe uma ideia. — Espera um minuto.

Saiu da sala. Alison soltou um suspiro e regressou a Beethoven. Ainda estava a debater-se com as notas quando Kasey regressou.

— Esta é uma grande amiga minha — informou-a Kasey, pousando o estojo da guitarra. — É uma ótima companhia — continuou, retirando

o instrumento já usado do estojo. — Ela dá-se bem com as viagens. Eu

não. — Sorriu para Alison e ficou contente por ter captado o interesse da

menina. — Posso levá-la comigo para uma escavação, para uma palestra;

é muito mais prático para mim do que um piano. Eu preciso de músi-

ca. — Começou a afinar a guitarra enquanto falava. Alison levantou-se

do banco do piano e observou mais atentamente. — Relaxa-me, dá-me

prazer, acalma-me. Também é bom tocá-la e fazer o mesmo por outra

pessoa.— Nunca tinha pensado dessa forma. — Alison estendeu a mão para

tocar no braço da guitarra. — Não se pode tocar Beethoven com isto.

— Ah, não? — Puxando pela memória, Kasey começou a tocar o andamento que Alison tinha estado a ensaiar.

Os olhos de Alison esbugalharam-se. A menina ajoelhou-se para ver

com mais atenção. — Não parece a mesma coisa.

— Um instrumento diferente. — Kasey parou e segurou no queixo da criança. — Uma sensação diferente. A música pode apresentar-se sob

muitas formas, Alison, mas continua a ser música. — *Porque é que ninguém*

*se dá ao trabalho de conversar com esta criança?* — indagou-se Kasey. *Ela absorve as palavras como uma esponja.*

— Podes tocar outra coisa? — Alison sentou-se aos pés de Kasey.

— Tem um som maravilhoso.

— Talvez afinal sempre tenhas ouvido para a música. — Kasey sorriu para ela e recomeçou a tocar.

Jordan estava à porta a observá-las. Ela não parava de o surpreender. Não era a música dela que o surpreendia. Se lhe tivessem acabado

de dizer que ela sabia conduzir uma orquestra, nem teria pestanejado.

Duvidava que houvesse alguma coisa que ela não conseguisse fazer. Mas

a capacidade que ela tinha para dar e atrair amor enchia-lhe as medidas.

Teria nascido assim? Teria aprendido? Teria ela consciência do poder que tinha?

Alison amava-a. Podia ver-se nos olhos da menina. Aceitava simplesmente Kasey pelo que ela era e amava-a. Sem questões, sem dúvidas.

E Kasey retribuía-lhe da mesma forma. *Mas eu tenho dúvidas, reflectiu ele.*

*E questões. Ela tem razão novamente. Quando crescemos, perdemos o talento*

*para amar incondicionalmente.*

0

Kasey levantou os olhos e viu-o. Abriu imediatamente um sorriso.

— Olá, Jordan. Estamos na hora de apreciação musical.

Ele devolveu o sorriso. — Estou convidado?

— Tio Jordan. — Alison levantou-se rapidamente e esqueceu-se de alisar as rugas da saia. — Devia ouvir a Kasey tocar. Ela é maravilhosa.— Já ouvi. — Olhou de novo para Kasey. — És mesmo.

— A Alison estava a ter alguma dificuldade com Beethoven — explicou Kasey. — Por isso fui lá acima buscar a minha amiga. Ela tem estado a ajudar-me.

— Amiga? — Jordan olhou para Alison quando se sentou no sofá.

Puxou-a para o colo. — Não achas um pouco estranho tratar uma guitarra



por «amiga»?

Alison deu umas risadinhas e olhou para ele. — Eu achei, mas não quis dizer.

— Muito discreta. — Encostou o nariz ao pescoço dela.

Alison respondeu agarrando-se ao pescoço dele. A profundidade da reacção abalou-o. Kasey dissera-lhe que não existia nada como o amor de

uma criança, mas ele não tinha compreendido plenamente o que ela qui-

sera dizer. Agora, com a menina abraçada a si, sentia todo o poder desse

amor. Como é que nunca tinha dado por isso? Como é que pudera igno-

rá-lo? Fechou os olhos, apertou-a bem e deixou o simples prazer do amor

incondicional inundá-lo. Ela cheirava a pó de talco e champô, e o cabelo era

fino e macio contra o rosto dele. A filha do seu irmão. Agora sua. E ele já

perdera demasiado tempo.

— Amo-te, Alison — murmurou.

Sentiu-a agarrar-se mais ainda. — A sério? — A voz dela estava abafada contra o pescoço dele.

— Sim. — Beijou-a nos cabelos. — A sério.

Ouviu-a suspirar e relaxar. Ela manteve o rosto enterrado contra o pescoço dele. Jordan abriu os olhos e cruzou-os com os de Kasey. Ela estava a chorar em silêncio. Quando ele olhou para ela, Kasey abanou violentamente a cabeça como se quisesse negar as lágrimas. Levan-

tou-se, mas ele impediu-a de sair disparada da sala.

— Não vás — disse-lhe.

Ela voltou-se para olhar para ele e depois começou atabalhoadamen-

te à procura de um cigarro. Pela primeira vez, ouviu-a praguejar por não ter

um fósforo. Kasey dirigiu-se à janela e olhou lá para fora.

*Amo ambos,* pensou ela encostando a testa ao vidro. *Amo de mais.*

Vê-los juntos, a descobrirem-se um ao outro, encheu-a de alegria. Suspirou

e deixou as lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto. Ele parecera-lhe tão ator-

doado quando a menina o abraçara. Kasey conseguia ver as emoções que

o atingiam.

*Quanto tempo tenho antes de perder ambos?* Respirou fundo para ten-

tar controlar-se. *Não vou pensar nisso agora. Não posso pensar nisso agora.*

*Quando abri a porta, sabia que mais cedo ou mais tarde se ia fechar na mi-*

*nha cara.* Sentiu a dor crescer dentro dela. Afastou as lágrimas do rosto e virou-se no preciso momento em que Beatrice entrou na sala.

— Jordan, vou sair agora. Vou à festa dos Conway. — Franziu a testa ao ver Alison ao colo dele. — A Alison está doente?

— Não. — Jordan sentiu a criança endireitar-se e manteve o braço à volta dela. — A Alison está ótima. Divirta-se.

Beatrice ergueu uma sobrancelha. — Devias estar a cuidar de ti. Não devias negligenciar as tuas obrigações sociais.

— Vou ter de as negligenciar por mais algum tempo. Dê cumprimentos meus aos Conway.

Beatrice suspirou. Quando se preparava para sair, viu a guitarra de Kasey. — O que é isto?

— É uma guitarra, Sra. Taylor. — Kasey recuou para o meio da sala.

— Eu sei, Menina Wyatt. — Beatrice olhou-a de esguelha. — O que é que está a fazer aqui?

— É da Kasey — disse Alison. Sentia-se protegida e segura nos braços

de Jordan. — Ela vai ensinar-me a tocar. — Olhou para Kasey por não lho

ter perguntado antes.

— Ah, sim? — A voz de Beatrice era ríspida e fria. — E que interesse teria para ti aprenderes a tocar um instrumento destes?

— É fundamental que uma criança desenvolva interesse pela música em tenra idade, não acha, Sra. Taylor? — Kasey sorriu e evitou a resposta

fria que Jordan tinha na ponta da língua. Ele viu a mãe arquear a sobrancelha e relaxou de novo.

— Naturalmente.

— Eu sou defensora da apresentação dos clássicos às crianças, e de todas as formas de música na infância. Têm-se feito estudos bastante inte-

ressantes sobre a matéria.

— Estou certa que sim. — Os olhos de Beatrice regressaram à guitarra-

ra. — Mas...

— A guitarra espanhola, como esta, foi desenvolvida no século dezas-

sete a partir de modelos orientais. — Kasey tinha ligado a voz de palestra

e Jordan estava a tentar não sorrir. A mãe tinha sido definitivamente der-

rotada. — Durante os séculos dezanove e vinte, uma sucessão de virtuosos

espanhóis, incluindo, como estou certa de que saberá, Andrés Segovia, de-

monstraram que a guitarra é um importante instrumento artístico. Tenho

a certeza de que concordará que alargar as capacidades musicais da Alison

será uma maravilhosa mais-valia quando ela tiver de assumir o seu lugar na

sociedade adulta.

Beatrice ainda estava de sobrolho franzido mas parecia um pouco

surpreendida. Kasey fez-lhe um sorriso amistoso. — O seu vestido é muito

bonito, Sra. Taylor — acrescentou.

Beatrice olhou para a seda malva. — Obrigada. — Roçou levemente a

mão pela saia. — Eu tinha planeado usar o meu *voile* branco, mas esta noite está bastante fria. Não se usa branco quando está frio.

— A sério? — As sobrancelhas de Kasey ergueram-se de curiosidade.

— Esse vestido não me parece muito quente.

Beatrice lançou-lhe um olhar de descrédito. — Tenho um vison para

usar por cima. — Virou-se e saiu da sala, sem perceber bem como é que

tinha perdido a posição de superioridade.

— Meu Deus — resmungou Kasey. — Não sou mesmo uma tola?

— Uma tola muito astuta — salientou Jordan. A mãe tinha-a irritado, disso não restavam dúvidas. Mas ela conseguira controlar-se muito mais

do que ele. E o olhar dela ainda continha vestígios de humor. Riu-se subi-

tamente.

— A tua avó acabou de ser confundida por uma perita — disse ele a Alison. — Guitarras orientais e século dezassete. — Abanou a cabeça.

— Há alguma coisa que esse teu cérebro enciclopédico não contenha?

Kasey ficou pensativa por um momento. — Não, não me parece. Alguma coisa que quisesses saber?

Ele inclinou a cabeça, divertido com o desafio. — Qual é a capital do Arcansas?

Alison deu umas risadinhas e sussurrou-lhe ao ouvido.

— Arcansas — murmurou Kasey. Olhou para o tecto. — Arcansas...

centro-sul dos Estados Unidos. Fronteira a norte: Missouri; fronteira

les-  
te: Mississípi e Tennessee; a sul: Louisiana; a ocidente: Texas e Oklahoma.

Vigésimo quinto Estado desde Junho de mil oitocentos e trinta e seis. O

Arcansas tem solo favorável para a agricultura, numerosos depósitos

mi-  
nerais que incluem a única mina de diamantes nos Estados Unidos e vastas

áreas florestais. O nome vem de uma tribo Siouan, a Quapaw. Não tem

lagos naturais de relevância e tem um clima relativamente temperado. Ah,

sim! — Levantou um dedo. — Little Rock é a capital, bem como a maior

cidade. Baixou os olhos e sorriu alegremente para Jordan. — Alguém está

interessado em dar uma volta antes do jantar?

# 7

O clima em Palm Springs era seco, quente e soalheiro. Os criados da mansão Taylor eram bem preparados e solícitos. A comida era invariavelmente soberba. E a monotonia de tudo isso estava a dar com ela

em doida.

Se Kasey pudesse ter amado menos Jordan, poderia ter fugido.

Mas à medida que os dias passavam, ela sabia que acrescentava anéis às

correntes que a prendiam àquele lugar. O tempo que passava com Jordan

a fazer pesquisa era um estimulante, assim como o tempo que passava

com Alison. Mas havia longas horas apenas de ócio e ela nunca conse-

guira lidar muito bem com o ócio.

De noite, nos braços de Jordan, permitia-se esquecer de tudo o

resto. Mas as horas que passavam juntos como homem e mulher eram

demasiado fugazes. Quando ele saía da cama dela, ela ficava com dema-



siado tempo para pensar. Era difícil admitir que, com toda a educação

sofisticada e ideias liberais, se sentia desconfortável em ter um caso amo-

roso. Se o relacionamento pudesse ter sido mais aberto, talvez ela tivesse

tido menos dúvidas. Mas tinha uma criança em que pensar.

Já estavam em Dezembro. Para Kasey, o tempo estava a esgotar-se.

Mais um mês, talvez seis semanas, e a sua utilidade findaria. E depois?

– indagou-se ao sair para o jardim. Quanto mais tempo poderia adiar

pensar no futuro? Devia estar a agendar outra palestra para Janeiro. De-

via informar-se se a escavação Patterson iria iniciar-se em Março, dentro

do prazo previsto.

Enfiou as mãos nos bolsos e fitou uma palmeira. Precisava de sair

dali, decidiu. Precisava de voltar a pensar em si. Tinha de escrever a tese

de doutoramento. Fechou os olhos de encontro à luz do Sol.

Se não começasse já a fazer um corte, seria muito mais doloroso

depois quando chegasse a hora. Como se sentiria Jordan quando ela se

fosse embora? Kasey saiu do pátio para o relvado. Sentiria como se tives-

se perdido algo? Ou recordaria simplesmente os momentos que tinham

passado juntos como um Outono agradável?

Sendo alguém que tinha o hábito de analisar o cérebro humano, achava estranho não conseguir compreender totalmente o de Jordan. Tal-

vez fosse porque para ela ele era mais importante do que qualquer outra

pessoa. As emoções enublavam-lhe a intuição e ela não conseguia ver com

clareza. Só tinha certezas quanto a Alison.

Tinha o amor da criança. Era simples, sincero. Aos onze anos uma criança não tinha máscaras. *Quantas terá ele* – indagou-se, pensando em

Jordan. *Quantas tenho eu? Porque fazemos questão de as usar?* Olhou no-

vamente em redor para a relva bem aparada, para as árvores bem tratadas

e flores organizadas. *Tenho de sair daqui*, pensou novamente. *Não suporto muito mais a perfeição.*

— Kasey!

Virou-se e viu Alison correr na sua direcção alguns passos à frente

de Jordan.

*E quando eu for realmente, eles ter-se-ão um ao outro, reflectiu. Pelo menos disso posso estar certa.*

— Não conseguíamos encontrar-te. — Alison agarrou-lhe na mão e sorriu para ela. — Queríamos que viesses nadar connosco.

O simples pedido desencadeou uma série de reacções emocionais.

*Eles não te pertencem*, lembrou a si mesma quando o coração começou a

bater com mais força. *Tens de parar de fingir que sim*. Manteve os olhos na menina, nada disposta a lidar com um dos olhares intuitivos de Jordan.

— Hoje não, querida. Ia agora fazer uma corrida.

— A natação exercita mais músculos — comentou Jordan. — E não suamos.

Kasey levantou o olhar e cruzou-o com o dele. Viu os olhos de Jordan

semicerrarem-se imediatamente e percebeu que ele pressentira que algo se

passava. Ela não estava disposta a ser lida tão claramente.

Sorrindo, deu um rápido apertão na mão de Alison. — Continuo a achar que prefiro correr. — Virou costas e afastou-se.

— Passa-se alguma coisa de errado com a Kasey. — Alison olhou

para o tio, mas ele estava a ver Kasey correr em direcção ao muro que deli-

mitava a propriedade. — Estava com uns olhos tristes.

Jordan olhou para Alison. As palavras dela tinham espelhado os seus pensamentos. — Sim, estavam.

— Fomos nós que a pusemos triste, tio Jordan?

A pergunta abalou-o e ele ergueu os olhos a tempo de ver Kasey desa-

parecer pelo portão lateral. *Teremos sido?* A capacidade dela para sentir era muito maior do que a de qualquer outra pessoa que ele conhecia. Não sig-

nificaria que a capacidade dela para sofrer seria igualmente grande? Jordan

abanou a cabeça. Talvez estivesse a exagerar e ela estivesse simplesmente de

mau humor.

— Toda a gente fica de mau humor de vez em quando, Alison — mur-

murou ele. — Até a Kasey tem direito a isso. — Quando voltou a olhar para

a menina, ela ainda tinha os olhos postos no portão. Jordan pendurou-a ao

ombro para a ouvir rir.

— Não me atire para a água! — Ela ria-se e contorcia-se.

— Atirar-te? — ripostou Jordan como se fosse uma coisa que não lhe tivesse passado pela cabeça. Aproximou-se da piscina. — O que é que te

leva a pensar que eu faria uma coisa dessas?

— Foi o que o tio fez ontem.

— Foi? — Olhou por cima do ombro em direcção aos arbustos e muro. Kasey estava do outro lado. Isso fê-lo sentir-se desconfortável. Com

um esforço, voltou de novo a atenção para Alison. — Detesto repetir-me

— disse, atirando-a para dentro da piscina.

Uma hora depois encontrou Kasey na sala de estar. A corrida não lhe tinha melhorado o humor. Viu-a andar de um lado para o outro, de janela

em janela. Sentiu a inquietação dela.

— Estás a pensar fugir?

Kasey voltou-se ao ouvir a voz dele. — Não te ouvi entrar. — Procurou uma descontracção que não conseguiu encontrar e depois virou costas

de novo. — Mudei de ideias — disse-lhe. — Este lugar não é um museu, é

um mausoléu.

Jordan ergueu uma sobrancelha e sentou-se no sofá. — Porque não me dizes o que se passa, Kasey?

Quando ela se virou para ele, havia raiva no olhar. Era mais fácil sentir raiva do que desespero. — Como é que aguentas? — atirou-lhe. — O Sol

constante não te incomoda?

Ele estudou-a por um momento, depois recostou-se nas almofadas.

— Estás a tentar dizer-me que estás irritada por causa do tempo?

— Não é o tempo — corrigiu ela. — O tempo muda. — Kasey desviou o cabelo do rosto com ambas as mãos. Sentia uma dor incomodativa

na base do pescoço.

— Kasey. — A voz de Jordan era baixa e razoável. — Senta-te e fala comigo.

Ela abanou a cabeça. Não estava com vontade nenhuma de ser razo-

ável. — Espanta-me — continuou ela. — Espanta-me completamente que

consigas escrever como escreves quando te isolaste de tudo.

Ele ergueu de novo a sobrancelha. — Achas que essa é uma afirmação

rigorosa? Vivo num clima favorável, por isso isolei-me de tudo?

— És tão pretensioso! — Ela virou costas de novo e cerrou as mãos em punhos dentro dos bolsos. — Estás aqui no teu pequeno mundo este-

rilizado sem fazeres a mínima ideia de como as pessoas vivem no mundo

real. Não precisas de te preocupar com o facto de o teu frigorífico poder

avariar.— Kasey. — Jordan esforçou-se por manter a paciência. — Estás ou-

tra vez a divagar.

Ela virou-se e fitou-o. Porque é que ele não compreendia? Porque é que não conseguia ver o que estava subjacente a tudo aquilo? — Nem toda

a gente pode criar fama e deitar-se na cama.

— Ah, voltámos a isso. — Jordan levantou-se e aproximou-se dela. —

Porque é que consideras o meu dinheiro uma mancha no meu carácter?

— Não faço ideia de quantas manchas tens no carácter — retorquiu

ela. — A minha objecção quanto ao teu dinheiro é que o utilizas para te

isolares.

— Do teu ponto de vista.

— Claro. — Ela acenou concordantemente com a cabeça. — Do meu ponto de vista, toda esta secção da Califórnia é uma afronta: golfe, peles, festas, jacuzzis...

— Com licença. — Alison estava parada à porta a olhar espedada para os dois. Era a primeira vez que os via zangados. Jordan sufocou uma resposta e virou-se para ela.

— É alguma coisa importante, Alison? — A voz estava calma, mas os olhos não. — A Kasey e eu estamos a ter uma discussão.

— Estamos a ter uma briga — corrigiu Kasey. — As pessoas brigam, e eu nunca grito durante uma discussão.

— Está bem. — Ele anuiu com a cabeça a Kasey e depois olhou de novo para a sobrinha. — Estamos a ter uma briga. Importas-te de nos dar

alguns minutos para a terminarmos?

Alison deu um passo atrás mas hesitou. — Vão gritar um com o outro e tudo? — Havia mais fascinação do que preocupação na pergunta, e

Jordan reprimiu um sorriso.

— Sim — disse-lhe Kasey. Alison olhou mais uma vez para os dois e



depois correu escada acima.

Jordan riu-se antes de se voltar para Kasey. — Aparentemente ela está

satisfeita com a perspectiva de uma briga a sério.

— Não é a única.

Ele estudou Kasey por um momento. — Pois, posso ver que não. Talvez gostasses de atirar alguma coisa. Fica sempre bem.

— Qual preferes perder? — replicou ela, detestando o facto de ele estar controlado e ela não. — A jarra Ming ou a caixa Fabergé?

— Kasey. — Jordan colocou as mãos nos ombros dela. *Chega*, pensou; *já chega*. — Porque não te sentas e me dizes o que realmente se passa?

— Não te armes em condescendente, Jordan. — Afastou-se dele, bas-

tante irritada. — Já me basta a tua mãe.

Havia pouco que ele pudesse responder àquilo, já que sabia que era verdade. O que ele ainda não sabia era que as atitudes de Beatrice afectavam

Kasey. Talvez ainda houvesse muito a saber sobre Kasey. E talvez a altura

certa para as saber fosse quando ela estivesse suficientemente alterada para

baixar a guarda.

— A minha mãe não tem nada a ver connosco, Kasey. — A voz dele tinha suavizado, mas ele não se aproximou dela.

— Ah, não? — Kasey abanou a cabeça. Como era possível que ele não

reparasse nem compreendesse o quão difícil era fazerem amor numa casa

em que ela tinha de lidar com constantes reprovações? — Bem, esse é um

pequeno ponto de desentendimento. Temos outros.

— Que são?...

— Não te preocupa que a principal preocupação na cabeça da Alison daqui a cinco anos seja que vestido há-de usar?

— Por amor de Deus, Kasey! Do que é que estás a falar? — A frustra-

ção fê-lo exaltar-se tanto quanto ela. — Não te importas de ir ao cerne da

questão?

— Questão?! — Ela já estava aos gritos, furiosa pela incapacidade de exprimir os seus sentimentos e pela incapacidade dele para compreender o

que ela estava a tentar dizer. — Que questão pode haver quando não tens

qualquer noção de como me sinto nem do que preciso? — Abanou de novo

a cabeça. — Não vale a pena, Jordan. Não vale mesmo. — Saiu a correr pela

porta do pátio.

Dez minutos depois estava sentada sob um carvalho no canto norte

do relvado a tentar controlar as emoções. Detestava perder as estribeiras.

Nada do que dissera a Jordan fizera qualquer sentido – nem para ele, nem

para si mesma. A honestidade forçava-a a admitir que era um medo primitivo

que a impedia de dizer o que lhe ia no coração. Amava-o demasiado

para ter paz de espírito.

Coração ou intelecto – a qual dos dois devia dar ouvidos? O intelecto

dizia-lhe que ela não devia amá-lo. Ele não a amava. Desejava-a, precisava

dela, talvez se preocupasse com ela. Tudo palavras brandas e fracas com-

paradas com amor. O intelecto lembrava-a de que havia demasiadas diferenças

fundamentais entre eles que tornavam impossível mais do que uma

relação passageira. O intelecto afirmava que estava na hora de se lembrar

das prioridades – do doutoramento, do trabalho de campo. Estava na hora

de fazer as malas e regressar.

Mas o coração dizia-lhe que o amava. Estava dividida entre os dois

– coração ou intelecto – e não era capaz, talvez pela primeira vez na vida, de

tomar uma decisão clara.

Levantou as pernas e encostou a testa nos joelhos. Quando ouviu

Jordan sentar-se ao seu lado, não se mexeu. Precisava de mais algum tem-

po, e ele, pressentindo isso, não disse nada. Ficaram sentados lado a lado,

mas não suficientemente perto para se tocarem, enquanto um passarinho

começava a cantar nas folhas mesmo acima das suas cabeças. Ela suspi-

rou. — Desculpa, Jordan.

— Pela forma, mas não pelo conteúdo? — retorquiu ele, lembrando-se da outra vez em que ela tinha pedido desculpas.

Ela deu uma rápida gargalhada mas manteve a cabeça apoiada nos joelhos. — Não tenho a certeza.

— Acho que não me importo que gritem comigo desde que eu saiba o motivo.

— Culpa a Lua — murmurou ela. Mas ele pôs-lhe uma mão debaixo do queixo e levantou-o.

— Kasey, fala comigo. — Ela abriu a boca, mas ele interrompeu-a antes de ela poder começar. — Fala mesmo a sério — acrescentou ele em

voz baixa. — Sem as evasões sagazes. Se eu não te conheço nem sei do

que precisas, talvez seja porque fazes os possíveis para me impedir de o

descobrir.

Os olhos dela estavam muito claros e fixos nos dele. — Tenho medo de te deixar entrar mais do que já deixei.

A doçura dela desequilibrou-o. Após um momento encostou-se ao tronco da árvore e puxou-a para ele. Talvez a forma mais fácil de começar a

saber mais sobre ela fosse através do passado. — Fala-me do teu avô — pe-

diu Jordan. — A Alison disse-me que ele era médico.

— O meu avô? — Kasey manteve-se encostada ao braço dele e ten-

tou relaxar. O assunto parecia-lhe bastante seguro. — Ele vive na Virgínia

Ocidental. Nas montanhas. — Olhou para o relvado bem aparado. Não ha-

via uma única pedra à vista. — É médico há quase cinquenta anos. Todas

as Primaveras planta um jardim de vegetais, e no Outono corta a própria

lenha. No Inverno a casa cheira a fumo de madeira. — Fechou os olhos e,

encostada a Jordan, deixou as recordações aflorarem. — No Verão há gerâ-

nios na estufa fora da cozinha.

— E os teus pais? — Jordan sentiu-a relaxar enquanto o pássaro con-

tinuava a cantar acima deles.

— Eu tinha oito anos quando eles morreram. — Kasey suspirou de novo. Cada vez que pensava neles o absurdo da sua morte abalava-a. — Ti-

nham ido passar um fim-de-semana fora. Eu estava com o meu avô. Esta-

vam a ir buscar-me quando outro carro atravessou um separador central e

lhes bateu de frente. O outro condutor tinha estado a beber. Escapou com

um braço partido. Eles não escaparam de todo. — A dor tinha amainado

com o tempo, mas ainda permanecia. — Eu sempre dei graças por eles te-

rem tido primeiro aqueles dois dias a sós.

Jordan deixou-se ficar calado uns momentos. Começava a perceber porque é que ela compreendera tão rapidamente Alison. — Depois foste

viver com o teu avô?

— Sim, após o primeiro ano.

— O que é que aconteceu no primeiro ano?

Kasey hesitou. Não tencionara abordar aqueles assuntos, mas a falta de exigência nas perguntas dele tinham facilitado a conversa. Com um en-

colhimento de ombros, continuou: — Eu tinha uma tia, irmã do meu pai.

Era bem mais velha do que ele; acho que uns dez ou quinze anos.

— Viveste com ela durante o primeiro ano?

— Vivi com ela e com o meu avô durante esse ano. Houve uma disputa

pela custódia. A minha tia não queria que uma Wyatt fosse viver para a selva.

Era assim que ela chamava à casa do meu avô. Ela era de Georgetown, DC.

Jordan recordou-se de algo. — O teu pai chamava-se Robert Wyatt?

— Sim.

Jordan ficou em silêncio enquanto tentava organizar os pensamentos. A família Wyatt de Georgetown – uma família antiga e bem conhecida.

Dinheiro e política. Samuel Wyatt devia ser o avô paterno. Ele fizera fortuna

na banca e depois tornara-se um dos principais conselheiros presidenciais.

Robert Wyatt era o filho mais novo. Dois irmãos mais velhos tinham con-

seguido lugar no Senado. A irmã devia ser Alice Wyatt Longstream, mulher

de um congressista e anfitriã política. Uma família bastante rica e conserva-

dora. Tanto quanto se lembrava, falara-se a certa altura no filho mais novo

para um lugar em Washington.

Robert Wyatt era um jovem e brilhante advogado. Tinha saído muita coisa na imprensa quando ele morrera. E a mulher... Jordan franziu o so-



brocho ao tentar lembrar-se de coisas que tinha lido e ouvido  
dezassete anos

antes. A mulher também era advogada. Tinham aberto em conjunto  
um

escritório de advocacia, algo que a família dele não tinha de todo  
aprovado.

— Lembro-me de ter lido sobre o acidente — murmurou Jordan. —

E, de vez em quando, alguma coisa sobre o processo de custódia. A  
minha

mãe e o meu pai discutiam ocasionalmente o assunto. Ela conhece a  
tua tia.

Houve bastante publicidade.

— Claro. — Kasey ergueu um ombro. — Família rica disputa cus-  
tódia de uma criança com um médico rural. O que há de melhor  
para a

imprensa? — Jordan percebeu uma ponta de amargura nas palavras.

— Fala-me disso, Kasey.

— O que há para dizer? — Ela ter-se-ia levantado nessa altura, mas o

braço dele manteve-a no lugar. O abraço foi suave mas firme. —  
Processos

de guarda são feios e horríveis para a criança envolvida.

— Os teus pais eram advogados — interrompeu Jordan. — Decerto

teriam testamentos bem claros quanto a um tutor legal para ti.

0

— Claro que sim. O meu avô. — Kasey abanou a cabeça. Como é que ele conseguira arrancar tanto dela apenas com algumas palavras? Ela

nunca discutia aquela parte da sua vida com ninguém. — Os testamen-

tos podem ser contestados, especialmente quando se tem muito dinheiro

e muito poder. Ela queria-me, não por mim, mas porque eu tinha o nome

Wyatt. Até aos oito anos eu percebi isso. Não era difícil; ela nunca gostou da

minha mãe. Os meus pais conheceram-se na Faculdade de Direito. Foi uma

daquelas atracções imediatas. Casaram-se duas semanas depois. A minha

tia nunca o perdoou por se ter casado com uma desconhecida estudante de

Direito que só estava na Universidade de Georgetown graças a uma bolsa.

— Disseste que durante o primeiro ano viveste com o teu avô e a tua

tia. O que querias dizer com isso?

— Jordan, isto foi tudo há muito tempo...

— Kasey. — Interrompeu-a e virou o rosto dela para ele. — Fala comigo. Ela aninhou-se outra vez no ombro dele e fechou os olhos. A tensão

tinha regressado aos músculos. — Quando a minha tia deu entrada no pro-

cesso, as coisas começaram a ficar feias. Começaram a aparecer jornalistas.

Iam à minha escola, à casa do meu avô. A minha tia contratou uma firma

de detectives para provar que ele não estava a cuidar bem de mim. Seja

como for, eu estava a ter bastante dificuldade em lidar com tudo isso. O

meu avô achou que talvez fosse melhor para mim eu ir viver uns tempos

com a minha tia. Aliviaria alguma da pressão e talvez eu chegasse à conclu-

são de que queria viver com ela. Nessa altura odiei-o por me ter mandado

embora. Pensei que ele não me queria. Não parei para pensar que tinha

tido a coisa mais difícil que ele já tinha feito. Eu era tudo o que lhe restara

da minha mãe.

Jordan viu-a passar o polegar sobre a fita de cabelo dourada que ti-

nha na cabeça. — A minha tia tinha uma linda casa em Georgetown.  
Na

Thirty-fifth Street. Tectos altos e lareiras em todas as divisões.  
Antiguidades

fabulosas e porcelana Sèvres. Ela tinha uma colecção de bonecas de  
porce-

lana e um mordomo negro a quem chamava Lawrence. — Kasey  
começou

de novo a levantar-se. Precisava de se movimentar.

— Não. — Jordan manteve-a contra ele. — Senta-te. — Ele sabia  
que,

se ela se levantasse, encontraria forma de evitar dizer-lhe mais  
alguma coi-

sa. — O que aconteceu?

— Ela comprava-me vestidos de organdi e doces e exibia-me por  
toda

a parte. Eu estava inscrita numa escola privada e tinha aulas de  
piano. Foi a

época mais triste da minha vida. Ainda não tinha ultrapassado a  
morte dos

meus pais e a minha tia era tudo menos maternal. Ela queria um  
símbolo;

uma criança simpática e sossegada que pudesse embonecar e  
mostrar às

amigas. O meu tio estava quase sempre fora de casa. Acho que ele até era

bastante simpático, mas muito voltado para si mesmo. Ou talvez eu não

esteja a ser justa; ele tinha uma grande carga de responsabilidades. Nenhum

dos dois conseguia dar-me o que eu precisava e eu não conseguia dar-lhes

o que eles queriam. Eu fazia perguntas desagradáveis.

Jordan riu-se um pouco e beijou-lhe a têmpora. — Aposto que sim.

— Ela queria moldar-me e eu recusava-me a ser moldada. Era tão

simples quanto isso. Eu estava rodeada de coisas belas que não podia to-

car. Iam à casa pessoas fascinantes com quem eu não podia falar, a não

ser responder «Sim, senhor», ou «Não, senhora», quando me perguntavam

alguma coisa. Era como estar enjaulada.

— A tua tia desistiu do processo.

— Levou três meses a perceber que não conseguia viver comigo.

Disse-me que se existia alguma coisa de Wyatt em mim, estava muito bem

escondida e mandou-me de volta para casa do meu avô. Foi como poder

voltar a respirar.

Jordan franziu a testa e olhou para o relvado. De onde se encontravam

só conseguia ver o andar superior da casa. *Estará ela a sentir-se enjaulada*

*aqui?* Recordou-se da forma como ela andara de janela em janela na sala de estar. Ele queria um pouco de tempo para digerir as coisas que acabava de

saber. — És muito chegada ao teu avô — murmurou.

— Ele foi a minha âncora durante o meu crescimento. — Sorriu e puxou uma folhinha de relva. — É um homem carinhoso e inteligente que

consegue sustentar três pontos de vista ao mesmo tempo e acreditar em

todos. Ele conhece-me, aceita-me como sou e ama-me. — Ergueu de novo

os joelhos e pousou a cabeça neles. — Ele tem setenta anos e eu já há quase

um ano que não vou a casa. Daqui a três semanas é Natal. Vai haver neve e

alguém lhe oferecerá uma árvore como pagamento. Os pacientes dele vão

encher a casa o dia inteiro, oferecendo-lhe tudo desde pão a whisky casei-

ro. *Ela está a pensar ir-se embora*, percebeu ele com um pânico repentino e inesperado. Viu o sol atravessar as folhas e iluminar os cabelos dela. *Ainda não*, pensou. *Ainda não*. — Kasey. — Tocou-lhe nos cabelos. — Não tenho o direito de te pedir para ficares. Mas vou pedir à mesma. Fica.

Ela soltou um suspiro. *Por quanto tempo?* – indagou-se. *Eu devia ir para casa até recuperar disto, recuperar dele*. Kasey levantou a cabeça, prepa-

rada para dizer o que achava que tinha de ser dito.

Jordan estava a olhar para ela. Os olhos claros e expectantes. Não ia perguntar-lhe de novo; não ia insistir. Kasey apercebeu-se de que ele não

precisava. O silêncio – os olhos – estavam a fazê-lo por ele.

— Abraça-me — sussurrou ela, estendendo os braços.

Não ia conseguir deixá-lo, pensou enquanto o apertava contra si. Não

até não ter outra hipótese. Tinha-se aberto a ele, tinha-lhe oferecido o seu

amor. Não podia afastar-se agora.

Ele começou a beijá-la suavemente, sem exigências. Nunca tinha sido

assim tão carinhoso, abraçando-a como se ela fosse algo frágil. Não, não ia

conseguir deixá-lo naquele momento. O coração de Kasey tinha maior po-

der sobre a sua vida do que o intelecto. Onde amava, era vulnerável, e onde

era vulnerável, a mente não tinha domínio. Apertou-o com mais força.

O beijo aprofundou-se, mais terno ainda, mas íntimo e envolvente.

A mão dele acariciou-lhe a pele da face. Era macia, tão macia, e fê-lo sentir

desejo. Jordan murmurou o nome dela e deslizou os lábios até ao pescoço.

Ali havia calor e um sabor por que ele ansiava.

Como é que ela podia dar-lhe tanto e não pedir nada em troca? Mas

havia uma coisa que ele podia dar-lhe, que podia dar a ambos. — Kasey,

este fim-de-semana preciso de ir a Nova Iorque. Tenho uns assuntos a tra-

tar com o meu editor. — Não acrescentou que andava a adiar a viagem há

semanas. — Vem comigo.

— Nova Iorque? — Kasey ergueu as sobrancelhas. — Não me tinhas dito nada.

— Pois não. Dependia do progresso do livro. Kasey. — Beijou-a de novo. Não queria que ela fizesse perguntas. — Vem comigo. Quero pas-



sar algum tempo contigo, a sós. Quero mais do que algumas horas à noite.

Quero dormir contigo. Quero acordar contigo.

Ela também queria. Estar com ele, longe da casa. Poder passar a noite

com ele em total liberdade. Kasey começou a sentir algum do peso começar

a aliviar. — E a Alison?

— Por acaso, ela perguntou-me esta tarde se podia passar o fim-de-se-

mana com uma amiga da escola. — Jordan sorriu e afastou um caracol do

rosto de Kasey. — Chamemos-lhe destino, Kasey, e aproveitemos.

— Destino. — Os lábios dela curvaram-se num sorriso e Jordan viu-o chegar-lhe finalmente aos olhos. — Eu acredito muito no destino.

## 8

Nova Iorque. O avião tinha aterrado sob uma chuva gelada que rápida-

mente se estava a transformar em neve. As ruas estavam enlameadas,

escorregadias, apinhadas de carros. Os passeios estavam cheios de pessoas

caminhando apressadamente. Nada poderia ter agradado mais a Kasey. Os

nova-iorquinos estavam sempre com pressa, reflectiu ela. E não havia cida-

de que ela conhecesse que apreciasse melhor a época do Natal. Para onde

olhava havia decorações – árvores, luzes e enfeites cintilantes. E havia Pais

Natais por toda a parte.

Ela tinha tentado absorver tudo aquilo durante a viagem de táxi do aeroporto até ao hotel. Naquele momento, no quarto da suite que iria par-

tilhar com Jordan, encostou o nariz ao vidro da janela e continuou a olhar.

Havia luzes e pessoas e o ruído abafado do trânsito. Abalava-a o quão sen-

tira a falta das visões e cheiros de humanidade. Tinha sentido a necessidade

do barulho e do movimento.

Jordan não estava à espera que ela tivesse aquele tipo de entusiasmo

pela cidade. Por aquilo que ela lhe contara sobre a infância, achara que ela

preferisse um ambiente rural. Mas ela não fora capaz de ver o suficiente.

Não se calara durante a viagem de táxi, apontando e rindo-se. Qualquer

pessoa pensaria que se tratava da sua primeira visita, mas ele sabia que ela

passara várias semanas em Manhattan no início do Outono.

— Ages como se nunca cá tivesses estado — comentou ele.

Ela voltou-se e sorriu para ele. O brilho estava lá de novo. Ele quase conseguia esquecer a infelicidade que vira nos olhos dela apenas uns dias

antes. — É um lugar maravilhoso, não é? Tantas pessoas, tanta vida. E está a

nevar! Não sei se teria conseguido passar Dezembro sem ver neve.

— Foi por isso que vieste? — Aproximou-se dela para lhe passar uma

mão pelos cabelos. — Para ver neve?

— Claro. — Ela levantou o rosto para roçar os lábios nos dele. — Não

me ocorre outro motivo. E a ti?

— Ocorrem-me um ou dois — murmurou ele.

Ela soltou-se dos braços dele para deambular pelo quarto. — Bonito

— comentou, passando um dedo pela superfície da cómoda. O vago aroma

a verniz pairava no ar. — Não são as minha habituais condições de traba-

lho. — Não estamos a trabalhar.

Ela olhou para ele por cima do ombro. — Não?

— Uma festa, algumas reuniões. — Jordan deslocou-se de novo até ela e virou-a de frente para ele. — Eu podia ter recusado o convite para a

festa e tratado das reuniões por telefone se o único propósito da nossa via-

gem fosse o trabalho.

— Jordan, eu sei que fizeste isto por mim. — Kasey cobriu as mãos dele com as suas. — Obrigada.

— Também o fiz por mim. — Abraçou-a. O que é que ela lhe estava a

fazer? Conhecia-a há dois meses e ela estava a tornar-se rapidamente a coisa

mais importante da sua vida.

— Estamos mesmo sozinhos? — murmurou ela. Sentiu um alívio percorrê-la. — Céus! Estamos mesmo sozinhos?!

— Sozinhos — concordou ele, atraindo a boca dela até à sua.

— Quando é que é a festa? — Baixou o casaco dos ombros dele e começou a mexer-lhe na camisa.

— Daqui a uma hora. — As mãos dele deslizaram por debaixo da camisola dela.

— Diz-me... — Mordiscou-lhe o lábio e sentiu um estremecimento em resposta. — Consideras-te rude, ou elegante?

— Rude. — Baixou as mãos para desapertar o cinto fino que ela usava. — Muito rude.

— Vamos ser rudes, Jordan. — Abriu-lhe a camisa e suspirou quando passou as mãos pelo torso dele. — Vamos ser terrivelmente rudes.

Quando se deitaram nus sobre a cama, ele não teve pressas. Tinham

tempo para amar. Kasey deslizou para uma nuvem de prazer. Onde ele to-

cava, ela ardia de desejo; onde ele beijava, ela ansiava. Ele foi cuidadoso para manter o toque suave, lembrando-se das marcas que lhe deixara antes. A

força e determinação dela tornavam difícil lembrar-se da sua fragilidade.

A pele dela era macia e clara, apenas com uma ténue marca de bron-

zeado. Embora tivesse passado bastantes horas ao ar livre, ela não bronzea-

va com facilidade. Jordan conseguia ver o contraste da sua mão bronzeada

contra o branco leitoso do seio dela. Levou a boca ao mamilo e ouviu-a

gemer. Ela era mais responsiva do que qualquer outra mulher que ele já

conhecera. Não tinha quaisquer inibições. Amava livremente.

Com muito cuidado, mordiscou-lhe o mamilo e sentiu-a arquear de-

baixo dele ao catapultar da satisfação para a paixão. Jordan usou a língua

para a fazer estremecer até ela perder o fôlego. Kasey enterrou as unhas

nos ombros dele. Os murmúrios dela incitavam-no a apressar-se. Mas ele

passou sem pressas para o outro seio.

— Jordan. — Ela mal conseguia falar, pois ondas de desejo assola-  
vam-na. — Quero-te agora.

— Ainda é cedo. — Desceu com os lábios pelo peito dela. — Muito

cedo. A boca dele deambulava e ela continuava a tremer. Jordan enfiou os

dedos dentro dela, conduzindo-a a um violento clímax.

Delírio. Kasey sabia que tinha perdido completamente o controlo.

O prazer não podia ser maior, a paixão não podia levar mais nada dela.

Mas ele continuava a enlouquecê-la. Cada célula do seu corpo pulsava com

vida. Ela estava desesperada por tê-lo e agarrou-se a ele, querendo que ele

sentisse o mesmo desespero. As mãos dele ardiam na pele dela e faziam-na

estremecer.

Então ele levou a boca de novo à dela – faminta, urgente. Levou-a ao

pescoço e mordeu-lho. Esquecera a promessa de ser cuidadoso. Esquecera

tudo a não ser a sensação do corpo delgado e frágil sob o seu – e o seu pró-

prio desespero.

Necessidades despoletavam necessidades, e ele entrou finalmente nela. Já não havia tempo para amar devagar.

...

Jordan chegou à conclusão de que não se estava a habituar a Kasey com

o passar do tempo, mas que cada vez se sentia mais intrigado com ela.

A elegante cooperativa que dava para o Central Park estava apinhada de

membros do mundo literário: escritores, editores, agentes literários. Mas

ela era o vórtice. Outras mulheres cintilavam com jóias, diamantes, safiras,

esmeraldas. Ela não precisava de nada disso.

Estava sentada no braço de um cadeirão, bebericando champanhe e

rindo com Simon Germaine, o presidente de uma das principais editoras

do país. J. R. Richards estava debruçado sobre o ombro dela. Ia no quarto de

uma série de romances de grande sucesso que tinham sido transpostos com

enorme êxito para o cinema. Ao lado dela estava Agnes Greenfield, uma

das melhores e mais implacáveis agentes do ramo. Ela representava Jordan

há dez anos e ele percebeu que era a primeira vez que a via sorrir. Enquanto



a observava, Kasey pousou uma mão no ombro de Germaine e disse-lhe

algo que o fez atirar a cabeça para trás e rir às gargalhadas.

Os olhos de Kasey levantaram-se e encontraram Jordan no meio da multidão. Ela sorriu lentamente enquanto levantava o copo para mais um

gole. Uma onda de desejo percorreu-o, fazendo-o quase perder o equilí-

brio. *Como é que ela faz isto?* – indagou-se. *Como é que me faz desejá-la desta forma quando ainda há pouco a possuí? Quando é que me vou dar por satisfeito?* Pôs as questões de parte e indagou-se quanto tempo ainda faltaria para poderem sair dali e poder tê-la de novo só para si.

— O cisma cada vez maior entre a literatura elitista e popular tornou difícil para o leitor comum desfrutar de uma leitura agradável e leve sem se sentir culpado.

Kasey ergueu o sobrolho a J. R. quando Jordan se aproximou. —

Eu li os seus livros todos e tenho a consciência tranquila. —  
Bebericou o

champanhe e sorriu para Jordan.

J. R. demorou algum tempo antes de começar a rir por entre

dentes. — Acho que acabaram de me pôr no lugar. Sinto-me tentado

a começar a colaborar se conseguir encontrar uma parceira como esta,

Jordan.— Tenho estado a tentar convencer a Kasey a escrever um livro.

— Germaine emborcou o whisky sem pestanejar. Tinha uma cara redonda e vermelha e um bigode grisalho sobre o lábio. Kasey achou que

ele se parecia ligeiramente com um apresentador de programas infantis

da televisão que ela via quando era criança.

— Agradeço, Simon. — Kasey prendeu os caracóis atrás das orelhas e cruzou as pernas. — Mas sempre achei que ser-se escritor significava

ser-se frugal com as palavras. Eu sou muito pródiga com as minhas.

— É realmente uma óptima contadora de histórias, Kasey. —

Deu-lhe umas palmadinhas amigáveis no joelho e ela viu Jordan erguer

uma sobrancelha. — Tenho editores para lidar com o excesso.

— E sou temperamental. — Kasey terminou o champanhe e entregaram-lhe imediatamente outra taça. — Obrigada. — Lançou um sorriso

amigável a J. R.

— Que escritor não é? — Germaine bufou e puxou de um charuto.

— És temperamental, Jordan?

— Por vezes.

— Eu sou uma colaboradora sempre difícil, o que, pelo menos, me torna previsível — interpôs Kasey.

— Se há coisa que descobri é que não és nada previsível. — Jordan ergueu a taça de champanhe.

— O elogio perfeito. Jordan, está ali um caviar com óptimo aspecto. Não me sentiria bem se não me empanturrasse.

Atravessaram a sala até um bufete sumptuosamente preparado. Jordan observou Kasey pôr caviar numa tosta. — Tu e o Germaine parecem

ter-se entendido muito bem.

— Ele é um querido — disse Kasey de boca cheia. Já estava a pegar noutra tosta. — Deus! Estou a morrer de fome! Sabes que horas são, de

acordo com o horário da costa oeste? Comemos no avião? Nunca me lem-

bro do que acontece a trinta mil pés de altitude.

— Querido? — repetiu Jordan, ignorando o resto. O adjectivo

aplicado a Germaine foi suficiente para lhe prender a atenção. — Acho

que nunca tinha ouvido ninguém descrevê-lo nesses termos.

— Ah, já ouvi as histórias. — Kasey começou a procurar outra coisa e encontrou uma travessa de camarões. — O paraíso — murmurou ela por

entre dentes, espetando um com um palito. — É suposto ele ser rijo como

couro e mau como um cão esfaimado. O que é isto? — Apontou para outra

travessa.

— Língua de vaca.

— Vamos passar isso — decidiu. Serviu-se de mais um camarão.

— Eu gosto dele.

— Aparentemente, o sentimento é mútuo.

Kasey sorriu e parou o tempo suficiente para beber um pouco de champanhe. — A tua sensibilidade foi atingida quando ele pôs a mão em

cima do meu joelho. Ficas terrivelmente querido quando és reservado e

convencional, Jordan. Ficarias extremamente embaraçado se eu te beijasse

neste preciso momento?

Ela estava a picá-lo e ele sabia. Com firmeza, agarrou-a pela nuca e

puxou-a. Os olhos dela riram-se para ele antes de ele lhe dar um beijo longo

e violento. Ela tinha o sabor forte e exótico da comida do bufete. Quando a

afastou, Kasey ainda estava a sorrir.

— O caviar é bom, não é?

— Aparentemente, é algo de que gosto bastante.

Kasey virou-se e cobriu outra tosta. — Come mais um pouco — convidou com um sorriso provocador. — Nem eu consigo fartar-me.

Jordan deu uma dentada na tosta que ela lhe levou à boca. — Quero-te fora daqui — disse-lhe em voz baixa. — Quero-te a sós, onde possa

arrancar-te essa roupa, peça a peça.

— Uma proposta interessante — murmurou Kasey, levando um dedo à gravata dele. — Posso fazer-te o mesmo?

— Deves.

— Jordan! — Uma mulher robusta, na casa dos quarenta e desavergonhadamente loura e curvilínea, aproximou-se dos dois. Kasey reconhe-

ceu-a de fotos dos jornais como sendo Serena Newport, uma romancista de

renome que escrevia livros cheios de homens bons e de sexo.

Serena beijou Jordan em ambas as faces. — Não costumamos aparecer

nessas coisas — queixou-se ela. — Eu gosto de ser vista com homens de classe.

— Serena. É um prazer rever-te.

— E quem é esta? — Olhou intensamente para Kasey. — Deus! Margra como um palito e extremamente atraente! Se eu ficar aqui demasiado

tempo, vou acabar por parecer um elefante albino. És escritora, querida?

Quem é que te pinta o cabelo?

— Uma fã, e o cabelo é natural.

— Deus, que horror! — Pôs a mão na anca larga e abanou a cabeça.

— Não a parte da fã, mas a do cabelo. É natural? Terrivelmente injusto. E és

fã de quem? Do Jordan ou minha?

— De ambos. — Kasey estava a gostar cada vez mais dela.

Serena riu-se. — Isso é muito invulgar. Não é qualquer pessoa que lê

*Última Abstinência e A Vitória da Paixão*, pois não, Jordan?

— A Kasey é invulgar, Serena. Serena Newport, Kathleen Wyatt.

— E o que fazes? Já sei. — Levantou uma mão antes que Kasey pudesse-

se responder. — Não me digas... és modelo.

Kasey sorriu, divertida.

— Não... atriz — afirmou ela, mudando de ideias. — Tens um rosto bastante expressivo.

— Obrigada, mas não sou atriz profissional. Só em situações do dia-a-dia.

— E inteligente também — murmurou Serena. — Não és uma agente

que está a tentar tirar o Jordan à Agnes?

— Não, se dou valor à vida — respondeu Kasey.

— Bem, querida, estou fascinada e completamente desorientada. —

Serena fez sinal a um empregado que estava de passagem e agarrou numa

taça de champanhe. Tinha os dedos cheios de anéis com enormes pedras

preciosas, e as unhas eram de um vermelho-vivo. — O que fazes, então?

— Sou antropóloga.

— Estás a brincar. — Serena olhou para Jordan para confirmar. — Ela está a brincar?

— Não farias essa pergunta se a questionasses sobre os rituais tribais

dos Sioux — respondeu Jordan, e terminou a bebida.

— Não me digas!

— A Kasey está a colaborar comigo num livro.

— Humm. — Serena bebeu um bom gole de champanhe. — Por acaso não sabes nada de interessante sobre os Algonquinos, sabes, querida?

— Originalmente uma tribo da América do Norte que foi dispersa pelos Iroqueses no século dezassete. A maioria implantou-se no Quebeque

e Ontário — retrucou Kasey.

— Destino! — exclamou Serena, agarrando no braço de Kasey. — Acreditas no destino, querida?

Kasey olhou para Jordan e sorriu. — Por acaso, acredito.

— Acabo de iniciar um livro. A primeira parte passa-se em Inglaterra, mas na segunda o meu aristocrata falido vai para as colónias. Está meio

faminto e quase a morrer quando encontra um grupo de Algonquinos. Eles

não iriam escalpá-lo nem fazer nada de horrível, pois não?

Kasey sorriu. — Muitos dos Algonquinos foram durante algum tempo amigos dos brancos. Depende de que tribo está a falar. Contudo...



— Perfeito. Maravilhoso. — Serena enfiou o braço de Kasey no seu.

— Vou roubá-la por uma hora, Jordan. É bom de mais para perder esta

oportunidade. Toma mais um bocado de champanhe. — Deu-lhe uma pal-

madinha maternal na bochecha. — Mando-ta de volta quando terminar.

Kasey olhou para trás e encolheu os ombros enquanto era arrastada.

...

— Foi a primeira vez que conheci alguém que consegue falar mais do que

eu — disse Kasey mais tarde. Encostou-se no banco traseiro do táxi e ani-

nhou-se na curva do braço de Jordan. — Reconheço-o com humildade.

— Pensei seriamente em estrangulá-la depois da primeira hora. —

Ela estava perto e o aroma dos seus cabelos pairava sobre ele. Kasey esta-

va quente e ligeiramente ensonada, e um pouco alegre do champanhe. Ele

desejava-a. — Ela massacrou-te durante duas horas e dez minutos.

Kasey riu baixinho. — É uma pessoa maravilhosa.

— Também sempre achei, até esta noite.

— Ela gosta muito de ti. — Kasey sorriu para ele. — Disse-me que eras

um escritor maravilhoso e um homem encantador, especialmente quando

te esqueces de ser educado. — Riu-se quando o viu erguer a sobrancelha.

— Eu tive de concordar com ela.

— Se os livros da Serena forem um barómetro, ela prefere um tipo mais... rudimentar.

— Oh, Jordan! Adoro quando te armas em fino. — Mordiscou-lhe a orelha. — Porque não me beijas outra vez como me beijaste na festa? Tipo macho dominante.

— Raios te partam, Kasey. — Estava a rir quando cobriu os lábios dela. — Ui! Trata-me mal e eu sou tua — murmurou ela.

— Tem cuidado — avisou ele, sentindo-se cada vez mais excitado apesar da brincadeira. — Perdi a paciência há uma hora.

Kasey riu-se outra vez e encostou a cabeça zozna no ombro dele. — E

ele ardia de desejo por ela, ardia com uma intensidade que só ela podia

satisfazer. — Ela suspirou e aconchegou-se. — Serena Newport, *A Mulher*

*de Chesterfield.*

Ela estava mais do que alegre com o champanhe, percebeu Jordan.

Estava praticamente embriagada. — Kasey, estás com os copos — disse ele,

divertido.

— Bem dito — concordou ela. — Vocês escritores têm bastante jeito

0

para as palavras. — Aproximou a boca da dele. — Vais aproveitar-te da

minha condição?

— Claro.

— Ah, ainda bem. — Colocou os braços em volta do pescoço dele.

— Começa agora.

O táxi encostou e Jordan desenleou-se. — Acho que é melhor pagar primeiro ao taxista.

— Detalhes. — Kasey saiu para o passeio com a ajuda do porteiro. O ar frio, ainda cheirando a neve, chicoteava-lhe as faces. Mas em nada con-

tribuiu para lhe clarear as ideias. — Jordan. — Deu-lhe o braço quando ele

chegou ao pé dela. — Acabo de me lembrar de uma coisa que me disseste

no táxi sobre o barómetro da Serena. Isso quer dizer que lê os livros dela?

— Claro que leio os livros dela. — Jordan conduziu Kasey através das

portas e do átrio do hotel. — Isso surpreende-te?

— Estou pasmada.

— O que é de pasmar é que consigas aguentar-te de pé — ripostou ele, premindo o botão do elevador.

— Mas, Jordan, tenho dificuldade em imaginar-te a ler *A Mulher de Chesterfield*. — Kasey deixou-se arrastar para dentro do elevador.

— Porquê? — Ele premiu o botão do andar correspondente e puxou-a para os braços. — Citando o Germaine, ela é uma óptima contadora de histórias.

Jordan começou a beijá-la com uma fome rápida e desesperada que a

fez perder o equilíbrio. Ela ficaria tonta, mesmo sem o champanhe. Kasey

sentiu a seda fria contra a pele quando ele passou a mão pelas suas costas.

Foi aquecendo lentamente, até ficar totalmente rendida nos braços dele.

Paixão temperada com vinho efervescia com o toque dele. A boca dela era

macia sob a dele, e a língua dele entrou em busca da dela. As coxas dela

estremeciam com desejo e a cabeça não parava de girar. Ela estava zozna,

excitada e mole. Já não conseguia agarrar-se e entregou-se por completo.

— Céus, Kasey. Nunca vi um elevador tão lento. — Enterrou a cara nos cabelos dela e tentou recuperar a própria sanidade. Ela estava tão ma-

leável, tão completamente disposta a que ele a amasse; Jordan sentiu-se in-

crivelmente forte. Nunca pensara que até a fraqueza dela o pudesse excitar

quando tinha sido precisamente a força que o atraía a princípio.

A porta do elevador abriu-se e ele conduziu-a pelo corredor.

— Jordan. — Kasey virou-se de novo para ele, encostando-se com o rosto levantado. Os olhos dela estavam turvos, mas percebia-se o sorriso.

— O que foi?

— Lembras-te o que o Chesterfield faz à Melanie no capítulo oito mesmo antes de o navio ser atacado pela fragata britânica?

Ele sorriu, lembrando-se muito bem. — Sim, por acaso, lembro-me.

Porquê?

— Bem... — Kasey pôs de novo os braços em volta do pescoço dele.

— Estava a pensar... uma ideia puramente académica... se a ficção pode-

ria ser transposta para a realidade. Estou a pensar fazer um artigo sobre o

assunto.

— E gostavas que eu te ajudasse a testares a tua teoria?

— Exactamente. — Passou uma mão pelo cabelo dele. — Importas-te?— No interesse da academia, posso deixar-me persuadir. — Tomou-a

nos braços. — Não começava mais ou menos assim? — Enfiou a chave na

fechadura e levou-a para dentro.

# 9

Ela ainda estava a dormir quando ele acordou. Jordan sentiu imediata-

mente o calor dela e o suave toque dos cabelos dela no seu ombro. O

quarto ainda estava pouco iluminado, com as pesadas cortinas corridas,

mas uma vista de olhos ao relógio informou-o de que já era manhã. Jordan

tinha uma reunião marcada para daí a pouco mais de uma hora. Com um

suspiro, olhou para Kasey.

Nunca vira ninguém dormir tão profundamente. Afastou-lhe o cabelo da testa. Ela nem se mexeu.

Jordan pensou em como ela fora na noite anterior; a sexualidade sono-

lenta, o riso rouco, os olhos pesados. Se ele fosse um homem fantasioso, teria

achado que se tratava de uma bruxa. Ela tinha algo do outro mundo. Cada

vez que tinha algum poder sobre ela, acabava por ser apanhado pelo dela.

Mas naquele momento, enquanto dormia, ela era como qualquer ou-

tra mulher. Naquele momento era apenas uma mulher a descansar de uma

noite de champanhe e amor. Por isso, como é que, mesmo assim, ainda o

atraía? Enquanto dormia, não podia lançar-lhe nenhum olhar sedutor nem

aqueles olhares que eram simultaneamente convidativos e o desafiavam.

E, ainda assim, sentia-se atraído por ela. Beijou-a nos lábios.

O beijo foi suave e Kasey não se mexeu. Ele tinha desejado aquilo:

acordar ao lado dela. Acordá-la. Os lábios dela eram tão macios que ele

achava que podia perder-se neles. Murmurou o nome dela e beijou-a de

novo. O rosto dela era pálido sem a maquilhagem e tinha meia dúzia de

sardas sobre o nariz. Beijou-lhe a face, e com a mão procurou-lhe o seio.

Ela não acordou, não se mexeu, mas suspirou no sono como se estivesse

a sonhar com ele. Jordan encontrou a pulsação no pescoço dela com os

lábios e sentiu-a lenta. A sua estava a começar a acelerar.

Acariciou-a docemente, sentindo a paixão aumentar. Conhecendo



a excitação da possessão, percorreu-a com a mão de cima a baixo. A pele

no interior das coxas era suave como água. Jordan gemeu, atordoado

com o desejo que sentia por ela.

Levou a boca à orelha dela, à têmpora, e depois regressou à boca

para a beijar com fervor. Kasey acordou lentamente do sonho e moveu

os lábios sob os dele com um gemido baixo. O coração dela disparou

subitamente sob a mão dele. Ele penetrou-a antes de ela estar totalmente

acordada, conduzindo-a a uma paixão tão delirante como a sua.

Kasey estava de novo aninhada nele, braços bem apertados, cabeça

pousada no ombro. Suspirou e beijou onde os lábios chegavam com facilidade.

— Bom-dia — murmurou.

Ela conseguia arrancar algo de primitivo nele que ele não tinha a certeza de lhe agradecer. Jordan nunca experimentara o grau de paixão que ela

conseguia extrair dele. O riso na voz dela era irresistível. — Bom-dia. Como

te sentes?

— Humm... maravilhosamente. — Aconchegou-se mais a ele. — E tu? — Ótimo, mas não era eu que estava a cambalear ontem à noite.

— Afastou-se apenas o suficiente para conseguir olhar para ela. Os olhos

dela estavam límpidos. A covinha na bochecha surgiu quando ela sorriu.

— Nada de ressaca? Tens direito a uma.

— Eu nunca tenho ressacas. — Beijou-o ao de leve. — Recuso-me a acreditar nelas. — Rolou até ficar encostada ao peito dele a olhar para ele.

— Já pensaste na quantidade de chatices que podiam ser evitadas se sim-

plesmente não acreditássemos nas ressacas?

— Uma teoria interessante.

— Tenho dúzias delas.

— Já reparei. — Sorriu e passou um dedo pela face dela. — A tua teoria ontem à noite foi particularmente interessante.

Kasey riu-se e encostou a testa ao peito dele. — Funcionou.

— Lindamente.

— Vamos contar à Serena? — Levantou novamente a cabeça e os olhos estavam vivos com humor.

— Acho que não.

Kasey beijou-o de novo, mais lentamente. — Lembras-te de eu te ter dito uma vez que tinhas um corpo estupendo?

— Sim. Recordo-me de ter ficado surpreendido na altura. Mas nessa altura não te conhecia tão bem.

Kasey suspirou ao sentir as mãos dele descerem até às ancas. — Ain-

da acho. — Encostou a cara ao peito dele. Sentia uma alegria que nunca

sentira antes. — Hoje tens reuniões, não tens?

— Sim. Tenho uma... — Levantou o braço para olhar para o relógio.

— Daqui a cerca de meia hora. Vou chegar atrasado.

— Se estivéssemos nas Fiji, podíamos ficar assim o dia todo e não ias

precisar de nenhum relógio — murmurou ela.

— Se estivéssemos nas Fiji, não terias tido a tua neve — retrucou ele.

Kasey suspirou de novo e fechou os olhos. — És tão lógico, Jordan. É

uma das coisas de que mais gosto em ti.

Ele ficou calado por um momento. Ela não lhe falava em amor desde

o primeiro dia em que lho confessara. Jordan desejara ouvi-lo de novo para

poder explorar a própria reacção. Naquele momento sentiu-a começar a

adormecer outra vez.

— Não gosto de te deixar sozinha — murmurou.

— Há milhares de pessoas ali fora. — Kasey bocejou e aninhou-se sob as cobertas. — Não vou estar sozinha.

— Preferia estar contigo.

— Não te preocupes comigo, Jordan. Vou procurar uma sweatshirt e umas calças de ganga para a Alison. Alguma coisa barata e simbólica com

que ela possa andar à vontade em casa.

— Para fazer esculturas de lama? — Sentiu um sorriso formar-se-lhe novamente nos lábios.

— Hum-hum. — Ela sorriu, lembrando-se da expressão na cara dele no primeiro dia em que ela e Alison as tinham feito. — E quero ver todas as

decorações de Natal. Vou divertir-me muito mais do que tu.

— Podes interromper a tua agenda para ires almoçar comigo?

— Talvez. Onde?

— Onde gostavas de ir? — Ele sabia que já devia estar a vestir-se, mas

não conseguia mexer-se.

— No Rajah — disse ela, sonolenta. — Na Forty-eight Street.

— Então, às duas.

— Ok. Eu trouxe o meu relógio? — perguntou-lhe ela.

— Nunca te vi de relógio.

— Trago-o dentro da mala para não me sentir intimidada.

Ele beijou-lhe o cimo da cabeça. — Tenho de me levantar. Se ficar muito mais, vou ter de fazer amor contigo outra vez.

Ela levantou o rosto, e os olhos estavam meio fechados. — Prometes? Ele puxou-a para os braços.

...

—Vinte minutos atrasado. — Agnes olhou irritada para o relógio.

— Não é nada teu costume, Jordan.

— Desculpa, Agnes. — Jordan instalou-se numa cadeira de pele. Agnes estava sentada atrás de uma secretária de dois metros apinhada de ma-

nuscritos e memorandos. Jordan sempre achara que, sentada atrás daquela

mesa, ela parecia um general a planear uma batalha.

— Bem. — Ela viu o humor nos olhos dele e recostou-se, batucando com um lápis no lábio. — Espero que tenha valido a pena.

Jordan levantou uma sobrancelha e não disse nada. Agnes não espe-

rara outra coisa. Nunca fora capaz de o apanhar. *Um sujeito muito contro-*

*lado*, pensou ela. Lembrou-se da mulher animada que ele levara à festa da noite anterior. Uma combinação interessante.

— Acerca da tua colaboradora — começou Agnes, desviando alguns papéis. — É tão boa como te fizeram crer?

— Melhor — disse-lhe ele.

Ela anuiu com a cabeça. — Então é dinheiro bem aplicado.

— Quero que ela fique com uma percentagem dos direitos.

— Uma percentagem dos direitos? — Agnes franziu o sobrolho e ajeitou-se na cadeira. — Contrataste-a por um montante fixo.

— Ela também vai receber isso. — Jordan recostou-se e entrelaçou os dedos.

— Jordan, o montante que lhe vais pagar é bastante generoso. — A voz dela era paciente. — A tua vida pessoal é uma coisa, mas negócio é negócio.

— Isto é negócio — replicou ele. A voz de Jordan também era pacien-

te, mas firme. Agnes reconheceu o tom e reprimiu um suspiro. Para além

de ser controlado e cauteloso, ele era teimoso e ela sabia disso. — Quando

redigimos o acordo original, nunca pensei poder extrair tanto dela. Agnes,

o livro é quase tanto dela quanto meu. Ela tem direito a lucrar com ele.

— Ética. — Agnes suspirou. — Tens um carácter tão recto, Jordan.

— Também tu, Agnes. — Sorriu para ela. — Ou não serias minha agente. Agnes encolheu os ombros. — Que percentagem tinhas em mente?

...

Kasey mexia-se com dificuldade na Gimbel's e estava a adorar. Tinha

dado de caras com uma promoção e levava três sweatshirts e dois pa-

res de calças. Compras era uma coisa que ela raramente fazia, mas quando

fazia, fazia-o apaixonadamente. Era capaz de gastar trezentos dólares num

vestido sem quaisquer remorsos e regatear furiosamente por causa de uma

camisola de cinco dólares. Passava com dificuldade por entre as multidões

e vasculhava alegremente pechinchas de loja em loja.

Ao passar por uma montra, detectou um unicórnio de estanho de dois centímetros e meio de altura e correu para dentro da loja para pergun-

tar o preço. Um rugido no estômago lembrou-a das horas e ela começou a

revistar a mala à procura do relógio.

— Seis e vinte e sete — murmurou por entre dentes, franzindo o sobro-

lho. — Não me parece. — Voltou a enfiá-lo na mala e sorriu para o emprega-

do que estava a embrulhar o unicórnio. — Sabe dizer-me que horas são?

— Uma e cinquenta. — Respondeu ele ao sorriso.

Decidindo que conseguia fazer vinte quarteirões em dez minutos em passo acelerado, pôs-se a caminho sem chamar um táxi. Quando chegou

ao Rajah, tinha as bochechas vermelhas e os olhos brilhantes. Atravessou o

pórtico elaborado e entrou.

Foi recebida pelo calor. Era uma sensação maravilhosa depois do frio



cortante, e ela tirou as luvas e enfiou-as na mala.

— Senhora.

Sorriu para o recepcionista. — Jordan Taylor.

— O Sr. Taylor acabou de chegar. — Fez-lhe uma vénia. — Por aqui, por favor.

Três horas de compras sem ter tomado o pequeno-almoço tinham-na

deixado faminta. Jordan viu-a aproximar-se e levantou-se.

— Olá. — Beijou-o e depois deixou-o ajudá-la a despir o casaco.

— Estou a ver que estavas a falar a sério sobre as compras — comen-

tou ele, olhando para o saco antes de ela o enfiar debaixo da mesa.

— Completamente — concordou ela enquanto se sentava. — Comprei-te um presente. Podes abri-lo depois de eu ver o cardápio. Estou esfo-

meada.— Queres primeiro um pouco de vinho? — Fez sinal ao empregado

que estava ao seu lado enquanto Kasey examinava a lista.

— O caranguejo de Goa é sempre bom. E a espetada de Barra também. — Pousou o cardápio e sorriu. — Acho que vou querer os dois. Andar

às compras abre-me o apetite.

— Parece que tudo te abre o apetite — comentou Jordan  
ironicamen-

te. Segurou-lhe na mão, sentindo necessidade de lhe tocar. — Já te  
vi comer.

É espantoso. — Levou a mão dela aos lábios. — Compraste-me  
mesmo um

presente?

— Sim. Está no saco com as sweatshirts da Alison. — Kasey esticou

o braço para o procurar e pegou na caixa. — Podes abri-lo se  
prometeres

encomendar imediatamente a seguir.

— De acordo. — Ele levantou a tampa da caixa e destapou o unicór-  
nio. — É para dar sorte — disse-lhe Kasey quando o empregado  
apareceu

com o vinho. — Nada pode dar errado com um unicórnio. Estive  
quase

para te comprar um autocolante com uma frase obscena, mas não  
me pare-

ceu que ficasse muito bem no teu Mercedes.

— Kasey. — Emocionado, ele pegou de novo na mão dela. — És  
mui-

to querida. — Jordan provou o vinho e acenou afirmativamente com  
a ca-

beça. — Para a senhora é caranguejo de Goa e espetada de Barra. Eu quero

caril de peixe.

— Quanta fome tens? — perguntou ela quando o empregado se retirou. — Alguma. Porquê?

— Estava a pensar se poderia provar um bocado do teu peixe. — Kasey sorriu quando ele se riu e enfiou a pequena caixa no bolso.

— Então compraste um unicórnio para mim e camisolas para a Alison. Compraste alguma coisa para ti?

— Não. — Kasey afastou o cabelo dos olhos, pousou os cotovelos na mesa e apoiou o queixo nas mãos. — Havia uns brincos na loja onde com-

prei o unicórnio, umas gotinhas cintilantes em ouro, mas não quiseram

regatear o preço. Eu estava com vontade de regatear. E fiquei com fome.

— Sorriu e pegou no copo de vinho. — Como correu a tua reunião?

— Bem. — Tinha considerado discutir os direitos com ela e decidira não o fazer. Ela poderia objectar, citando o argumento de Agnes sobre

o acordo original e, de qualquer forma, ele não queria que os negócios

se intrometessem no tempo que passavam juntos. Só lhes restava uma

noite. — Tenho outra às quatro com o Germaine. Ele vai provavelmente

pedir-me para usar a minha influência para te convencer a escrever o tal

livro. Kasey riu-se e abanou a cabeça. — Acho que a escrita está segura

nas tuas mãos. Mas dá-lhe os meu cumprimentos.

— O que gostarias de fazer esta noite? — Colocaram um cesto de pão à frente deles e Kasey atacou-o imediatamente. — Gostavas de ver

uma peça?

— Humm... um musical. — Untou profusamente o pão com manteiga e ofereceu-lhe um bocadinho. Jordan abanou a cabeça, sorrindo

quando ela deu uma enorme dentada. — Alguma coisa com muitas luzes

e um final feliz.

— Encontramo-nos no hotel às seis?

Kasey anuiu com a cabeça e depois pegou noutra pedaço de pão.

— Ok. — Semicerrando os olhos, calculou o tempo entre as seis e o início

do espectáculo. Sorriu sobre o rebordo do copo. — É melhor  
planearmos

um jantar tardio.

...

Kasey estava a sonhar. Era um sonho familiar, demasiado familiar, e  
a

sua mente lutava para o rejeitar antes que este a dominasse. Estava  
so-

zinha, repentinamente largada num mar branco puro dentro de um  
pe-

queno barco. Ela sabia o que iria acontecer em seguida e tentou  
afastar a

imagem. Mas não foi suficientemente forte.

O barco começou a oscilar quando o vento aumentou de  
intensidade,

mas ela não tinha vela nem remos para se orientar. Tanto quanto a  
vista

alcançava, só havia água. Não havia hipótese de nadar até terra.  
Estava per-

dida, sozinha e com medo. Era apenas uma criança.

Quando viu o navio vir na sua direcção, gritou, cheia de esperança.  
O

avô estava ao leme e, erguendo uma mão, atirou-lhe uma bóia  
salva-vidas.

Antes que ela conseguisse alcançá-la, surgiu outro navio à direita. O mo-

vimento dos dois navios fez o pequeno barco começar a oscilar perigosa-

mente. A água atingia-lhe o rosto e depressa encheu o barco até à altura

dos tornozelos. Ela estava no meio enquanto cada navio tentava puxá-la

para bordo.

Kasey não conseguia alcançar a bóia do avô. As ondas faziam-na desequilibrar-se dentro do barco até ela gritar de frustração e lhe pedir

que a fosse buscar. Ele abanou a cabeça e recolheu a bóia. Ela estava mui-

to mais próxima do segundo navio. Mas as ondas eram cada vez maiores

e atiraram-na para dentro de água. O mar tapou-lhe a cabeça, a luz.

— Não!

Sentou-se subitamente na cama, tapando a cara com as mãos.

— Kasey. — O grito dela tinha acordado Jordan. Ele tocou-lhe e viu que ela estava gelada e a tremer. — O que se passa?

— Foi só um sonho. — Ela tentava controlar-se. — Estou bem, não foi nada.

A voz dela tremia tão desesperadamente como o corpo e, embora ela resistisse, ele puxou-a para perto. — Não estás nada bem. Estás gelada.

Agarra-te a mim.

Kasey queria fazer o que ele dizia, mas estava com medo. Já dependia

demasiado dele. Sempre tinha enfrentado sozinha o sonho, e era o que ia

fazer. — Não, eu estou bem.

A voz tornou-se mais ríspida quando ela se libertou dos braços dele.

Levantou-se da cama e vestiu o robe. Quando Jordan acendeu o candeeiro

da mesa-de-cabeceira, ela começou à procura dos cigarros. Ele continuou

a observá-la enquanto pegava no próprio robe. A cara dela tinha perdido

toda a cor, e os olhos estavam escuros de medo. Kasey tremia da cabeça

aos pés, e a respiração ainda era irregular.

Quando encontrou o maço, tirou com dificuldade um cigarro.

— Sou uma cientista; sei o que é um sonho. — Tapou a boca com a mão

ao ouvir a insegurança na própria voz. Tinha os dentes a bater. — Uma

sequência de sensações, imagens e pensamentos que passam pela mente

adormecida de uma pessoa. Não é real. — Pegou no isqueiro de Jordan,

mas a mão tremia-lhe e ela não conseguiu acender o cigarro.

Jordan aproximou-se silenciosamente dela. Pegou no cigarro e no isqueiro que ela tinha na mão e pousou-os na mesa. — Kasey. — Colocou

as mãos nos ombros dela, sentindo-a estremecer convulsivamente sob as

palmas. — Pára com isso. Deixa-me ajudar-te.

— Daqui a nada já estou bem. — Ela retesou-se quando ele a abraçou de novo. — Jordan, por favor. Não suporto desmoronar desta forma.

Odeio.— Tens de enfrentar tudo sozinha? — Jordan acariciou-lhe as costas,

tentando aquecê-la. — Precisares de consolo torna-te fraca? Se eu precisas-

se de ser abraçado, tu viravas-me as costas? Kasey, deixa-me ajudar-te.

Com um soluço, ela agarrou-se e encostou o rosto ao pescoço dele.

— Oh, Jordan! Assusta-me tanto como da primeira vez.

Sem dizer nada, ele pegou-a ao colo e levou-a de volta para a cama.



Deitou-a e abraçou-a com força. — Já o tiveste outras vezes?

— Desde criança. — A voz dela era abafada contra o peito dele. Ele conseguia sentir o bater acelerado do coração dela. — Já não o tenho com

muita frequência. Às vezes passam-se anos sem o ter. — Fechou os olhos e

tentou estabilizar a respiração. — Quando o tenho, é sempre a mesma coisa,

sempre tão vívido!

Os tremores tinham diminuído, mas ele manteve-a bem segura nos braços. Kasey estava a despertar algo de novo nele: a necessidade de prote-

ger. — Conta-me.

Ela abanou a cabeça. — É uma tolice.

— Conta-me à mesma.

Ela manteve-se em silêncio por um momento e depois, com um suspiro, começou. A descrição foi sucinta e as palavras não transmitiram qual-

quer perturbação, mas ele conseguiu sentir a emoção subjacente. Era um

sonho extremamente simples de perceber, mas, também, era o sonho de

uma criança.

— Nunca o contei ao meu avô — continuou ela. — Sabia que o iria perturbar. Só tive este sonho duas vezes durante o tempo em que estive

na faculdade. — A voz já estava mais firme e o abraço a Jordan menos de-

sesperado. — Tive-o uma vez quando li um novo artigo sobre o processo

de custódia que um jornalista tinha ido desenterrar quando um dos meus

tios se recandidatou ao Senado. E, de novo, na noite anterior à entrega dos

diplomas de curso. — Suspirou e sentiu o corpo relaxar.

— E desde então? — Jordan sentira o medo e a tensão desaparecerem. O corpo dela estava a aquecer.

— Mais algumas vezes. Uma vez, quando o meu avô estava com pneumonia no hospital. Apanhei um susto de morte; ele está sempre a

transbordar saúde. Outra vez numa escavação. Tínhamos precisado de ma-

tar um cão raivoso. Partiu-me o coração. — Ela sentia-se segura e começou

0

a ficar outra vez com sono. Agora confiara-lhe os seus receios assim como o

seu amor. Naquele momento sentia-se feliz por alguém cuidar de si.  
— Isso

foi há dois anos. Não sei o que provocou isto esta noite.

Jordan ouviu a voz dela engrossar e não disse nada. *Está quase a*  
*ador-*

*mecer,* pensou ele olhando para o tecto. Ele não ia dormir. A sua  
mente

estava demasiado ocupada com Kasey Wyatt.

Quando a conhecera, achara-a uma excêntrica determinada e com  
imenso carisma. Agora percebia que havia muito mais para além  
disso.

A respiração dela já era estável e tranquila. No dia seguinte regres-  
sariam a Palm Springs para terminarem o livro. Daí a algumas  
semanas,

Kasey concluiria a parte dela. Depois ficaria por conta dele.

Estendendo o braço, Jordan pegou num charuto que estava em cima  
da mesa-de-cabeceira e acendeu-o. Fumou-o em silêncio enquanto  
escuta-

va Kasey dormir profundamente.

# 10

Faltavam duas semanas para o Natal. Kasey sentia o tempo correr. A bre-

ve pausa em Nova Iorque tinha contribuído imenso para a acalmar. Já

se sentia de novo no controlo da situação. Já era capaz de aceitar novamente

o que tinha com Jordan, sem as dúvidas e o desconforto que se tinham

vindo a acumular. Amava-o, precisava de estar com ele. Quando chegasse

a altura de sofrer as consequências, sofreria. Ainda assim, desejava que o

tempo não passasse tão rapidamente.

Por Alison, gostaria que o Natal chegasse rapidamente, mas por si, podia esperar. Depois do Natal viria o Ano Novo. E, com o novo ano, a hora

de se ir embora.

Observar o simples prazer da criança ajudava-a a distrair-se dos problemas. Durante duas semanas poderia passar o tempo livre a alegrar o

Natal da menina. A elegante grinalda e os sinos prateados que vira os cria-

dos desempacotarem não eram realmente Natal. Ela passara um só Natal

formal na vida. Tinha-lhe bastado.

— Jordan! — Correu escada abaixo e irrompeu pelo gabinete de Jordan. — Tens de ver isto. Vem cá acima. — Estava a puxar-lhe o braço e a

rir-se.— Kasey, estou ocupado.

— Pára um pouco — ordenou ela. — Trabalhas demasiado. — Inclinou-se e deu-lhe um beijo rápido e intenso. — É realmente magnífico. Vais

adorar — garantiu ela. — Anda, Jordan! Estarás de regresso antes que a tua

máquina de escrever dê pela tua falta.

Era difícil dizer-lhe que não em qualquer situação, mas quando ela lhe estava a puxar o braço e a rir-se daquela forma, era impossível. — Está

bem. — Jordan levantou-se e deixou-a arrastá-lo para as escadas. — O que

é?

— Uma surpresa, claro! Sou doida por surpresas! — Quando chegaram ao andar superior, Kasey abriu a porta do quarto e fez-lhe sinal para

que entrasse. Ele olhou e depois examinou o quarto em silêncio.

Havia fitas de papel vermelhas e verdes penduradas por toda a parte,

entrelaçadas e de parede a parede. Ornamentavam a cama e emolduravam

as janelas. Havia anjos de cartolina, Pais Natais e duendes pendurados em

maçanetas de portas e uma meia de feltro vermelha a abarrotar de doces.

Uma estrela dourada pendia do meio do tecto.

Jordan deu uma volta e virou-se de novo para Kasey. — Andaste a fazer redecoração?

— Não fui eu. — Pôs-se em bicos de pés e beijou-o de novo. Ficava encantada quando ele utilizava aquele tom seco. — Foi a Alison. Não é ma-

ravilhoso?

— Posso certamente afirmar que estou surpreendido. — Abanando a cabeça, Jordan olhou de novo em redor. — Posso realmente dizer que

nunca vi nada semelhante.

— Devias ver a casa de banho — disse-lhe Kasey. — Está um espectáculo! Ele sorriu para Kasey e fez baloiçar um duende. — E, como é óbvio,

disseste-lhe que adoraste.

— E adoro mesmo — replicou Kasey. — É uma das coisas mais bonitas que alguém já me fez. Ela queria que eu me sentisse em casa no Natal.

E agora sinto.

Jordan fez-lhe uma festa nos cabelos. — Se eu soubesse que fitas de

papel te faziam feliz, também tinha feito algumas.

Kasey sorriu e abraçou-se ao pescoço dele. — Sabes fazer?

— Acho que conseguia desenrascar-me.

— Sabes fazer cordões de pipocas?

— O quê?

— Cordões de pipocas — repetiu Kasey, entrelaçando as mãos atrás do pescoço dele. — O que eu gostava mesmo de fazer na véspera de Natal

eram cordões de pipocas para a árvore. E quero arranjar um cachorrinho

para a Alison.

— Espera um bocado. — Jordan afastou-a. — Às vezes demoro um bocadinho a perceber as coisas.

— Diz apenas que sim a ambas e pensa na confusão que vamos evitar.

Não suporto uma árvore sem cordões de pipocas, Jordan. É como se esti-

vesse nua. E a Alison precisa de um cachorrinho.

— Porquê?

— Porquê o quê?

Jordan suspirou e esfregou a cana do nariz entre o polegar e o indica-

dor. Como é que ela conseguia fazer aquilo tantas vezes? — Porque é que a

Alison precisa de um cachorrinho?

— Primeiro, porque ela gostava de ter um. O que é uma boa razão.

— Sorriu para ele. — E um cachorrinho seria uma companhia e uma res-

ponsabilidade para ela. O que achas de um cocker spaniel?

Jordan encostou-se à porta. — Sou forçado a admitir que nunca pen-

sei muito em cães.

— Então, dá-me um minuto — sugeriu ela. — É uma raça meiga, boa

para as crianças. Um animal de estimação é muito importante na infância,

Jordan. Ter um ensina uma variedade de coisas...

— Espera. — Jordan levantou uma mão para a fazer calar. — Seria



mais simples se eu dissesse simplesmente que sim e nos poupasse muito

tempo.— Eu disse-te que eras lógico. — Kasey sorriu, satisfeita consigo pró-

pria. Jordan pôs as mãos nos ombros dela. — Também acho que é muito

atencioso da tua parte.

— Também eu — disse ela descontraidamente. — Sou uma pessoa muito atenciosa.

— Pois és — disse ele, puxando-a para os braços. — Quer gostes ou não de ouvir, alteraste muito a vida da Alison... e a minha.

Ela não conseguiu dizer nada e encostou simplesmente a cabeça ao peito dele. *Amo os dois*, pensou ela fechando os olhos com força.

— Isso quer também dizer sim às pipocas? — perguntou-lhe ela. Sen-

tia-se tão aconchegada nos braços dele, tão segura. Era impossível acreditar

que em breve teria de os deixar.

— Acho que não ia suportar ver uma árvore de Natal nua.

Ela apertou-o. — Obrigada.

— Agora tenho eu um pedido a fazer-te.

Kasey ergueu o rosto em direcção ao dele e sorriu. — O teu timing é

excepcional — disse. — Sou obrigada a dizer sim a quase tudo.

Ele beijou-lhe o nariz. — Talvez seja bom lembrares-te disso numa altura mais oportuna, mas por agora talvez tenhas reparado que a minha

mãe tem andado a suspirar muito porque eu não fui a nenhuma das festas

de Natal.

— Por acaso, reparei. — Kasey manteve a voz descontraída. — E tam-

bém reparei o quão bem a ignoras — disse.

— Prática de uma vida inteira — disse Jordan secamente. — Mas vai haver um baile num clube no final da semana. Eu devia ir. Vem comigo.

— Estás a convidar-me para sair, Jordan?

— Parece que sim. — Ele riu-se subitamente e abanou a cabeça.

— Kasey, fazes-me sentir como se tivéssemos dezasseis anos. Vens co-

migo?— Eu gosto de dançar. — Ela entrelaçou as mãos atrás do pescoço

dele. — Gostava de dançar contigo. — Deu-lhe um beijo, aprofundando-o

lentamente até o ouvir gemer de prazer. — Acho que vou comprar um ves-

tido novo — murmurou. — Tens alguma cor preferida?

— Verde. — A boca dele deambulou até ao pescoço dela. — Como os teus olhos.

Ela riu-se um pouco e encostou-se mais. — Jordan, há mais uma coi-

sa que tenho de te dizer.

— Hum. O quê? — A boca dele cobriu a dela.

— A Alison — começou Kasey, aceitando o beijo. — Quando terminou aqui, foi para o teu quarto.

— Fez o quê? — murmurou ele, deleitado com o sabor de Kasey.

— Foi para o teu quarto.

— Para o meu quarto? — Afastou-se ligeiramente para olhar para ela.

— Meu quarto?! — Olhou, por cima da cabeça dela, para as tiras de papel

e as figuras de cartolina. Com uma expressão de incredulidade estampada

no rosto, olhou de novo para Kasey. — *Meu quarto?*

— Jordan, estás a repetir-te. — Kasey riu-se quando ele bufou longa-

mente. Colocou os braços em volta da cintura dele e abraçou-o com força.

— Vais adorar — prometeu-lhe. — Vais ter um boneco de neve feito de esponja.

...

Na tarde seguinte, Kasey observava Alison a dedilhar a sua guitarra.

Ainda o fazia de forma um pouco desajeitada, mas tentava com entu-

siasmo. Kasey lembrou a primeira vez que vira Alison rigidamente senta-

da ao piano a tocar Brahms com precisão e desinteresse.

*Acabaram-se os olhos inexpressivos*, pensou ela, e estendeu a mão para

tocar no cabelo da menina. Como seria ter-se um filho? Abanou a cabeça.

Estava a ficar demasiado sentimental e muito, muito apegada.

— Ótimo — disse a Alison quando ela terminou. — Aprendes depressa.— Achas que vou conseguir tocar tão bem como tu?

— Em breve tocarás ainda melhor. — Kasey sorriu e guardou a guitarra no estojo. — Eu tenho gosto pela música. Tu tens gosto e jeito.

— Antes não pensava assim. — Alison sentou-se ao piano e começou

a tocar. — Agora posso tocar coisas no piano e na guitarra.

Kasey sorriu. — Alison, tenho de ir às compras. Queres vir comigo?

— Às compras? — disse Alison, entusiasmada. — Compras de Natal? Eu já acabei as minhas, mas gostava de te ajudar com as que ainda te

faltam.— As que me faltam? Eu ainda nem comecei!

— Nenhuma? — Alison esbugalhou os olhos. — Mas só faltam dez dias! — Tantos? — Kasey levantou-se e espreguiçou-se. — Bem, acho que

posso começar com antecedência. Geralmente espero até à véspera. Adoro

a confusão.

— Mas, e se não conseguires encontrar o que queres?

Como era parecida com Jordan, pensou Kasey. — É esse o desafio

— disse-lhe. — Dou com os vendedores de saldos em doidos. — A ideia

fê-la sorrir. — De qualquer forma, preciso de um vestido. E também pode-

mos comer um hambúrguer. Deve haver um McFarden's algures por aí.

— McFarden's? — Alison franziu o sobrolho. Estava intrigada e desconfiada. *Tão parecida com o Jordan*, pensou Kasey novamente. — Nunca

fui ao McFarden's.

— Nunca foste ao McFarden's? — Kasey fez um olhar excessivamente

espantado. — Isso é completamente antiamericano — disse. Agarrou na

mão de Alison e pô-la de pé. — Estás a precisar de uma aula de patriotis-

mo! Algum tempo depois, Kasey estacionou num parque. — Eu disse-te

que íamos encontrar um lugar. — Desligou o motor e enfiou as chaves no

bolso. Alison saiu do carro e Kasey trancou-o cuidadosamente.

— Espero que o tio Jordan não se importe de termos trazido o carro dele. — Ele disse-me que o podia usar sempre que quisesse. — Kasey deu

a volta ao capô do Mercedes.

— Mas é o Charles que costuma levar toda a gente excepto o tio Jordan. — Para que é que havíamos de trazer o pobre do Charles? — retrucou

Kasey. — Devemos ter ido a umas cento e trinta e sete lojas. — Empurrou

as portas de vidro. — Estou faminta. Sabes há quanto tempo não como um

hambúrguer?

Alison olhou em volta e ficou agradada com a multidão e o barulho.

— Cheira muito bem!

Kasey riu-se e puxou-a para a fila. — Cheirar não é comer. Sou doida por batatas fritas.

Alison olhou atentamente para a lista pendurada por cima do balcão e fixou uma fotografia de um hambúrguer. — Queria um daqueles. É

bom?— Fantástico. — Kasey riu-se. — Esperemos que não tenhas mais

olhos que barriga, Alison.

— É realmente grande — disse Alison quando encontraram uma mesa. Deu uma dentada e sorriu. — E é bom.

— Tens um gosto muito exigente. — Kasey atacou o seu. Fechou os olhos e suspirou. — Já tinha tantas saudades. Achas que conseguimos con-

vencer o François a experimentar fazer uma coisa destas?

— Tu podias tentar — disse Alison, deglutindo uma batata frita.

— Porque dizes isso?

— Consegues convencer qualquer pessoa a fazer qualquer coisa.

Kasey riu-se e abanou a cabeça. — És uma pivetinha muito perspicaz,

não és? Alison sorriu e provou o batido de leite. — Nuca vi nada como o pre-

sente que compraste para o tio Jordan.

— O pendente xamã? — Kasey mastigou pensativamente uma batata frita. — Foi um achado. — Estava elegantemente gravado e pintado.

Era apache. Kasey ficara tão entusiasmada por o encontrar que nem sequer

pensara em regatear o preço. — Vai ajudá-lo a afastar espíritos malignos.

Alison devorava o hambúrguer. — Também gosto do vestido que compraste. O verde fica-te bem.

— Não costumo usar verde. É tão óbvio com a minha cor. — Recostou-se com o batido na mão. — Mas não me importo de ser óbvia de vez

em quando.

— É muito elegante — disse-lhe Alison dando outra dentada no hambúrguer. — E discreto.

Kasey sorriu. — Mas eu gostava do outro, aquele de veludo amarrado. — Veludo enrugado — corrigiu Alison, e deu umas risadinhas.

— O que for. Queres tarte de maçã?

Alison encostou-se na cadeira e respirou fundo. — Acho que não. E tu? — Não, se quiser caber dentro daquele vestido. O que me compraste



para o Natal?

— É um... Kasey! — exclamou Alison.

— Pensei que te conseguia apanhar desprevenida.

— É suposto ser segredo. — Alison limpou escrupulosamente as mãos. — Dizer-te estragava tudo.

— A sério? — Kasey fez-lhe um sorriso ingénuo. — É por isso que tens andado furtivamente pela casa a espreitar os armários?

Alison corou e depois riu-se de novo. — Achei que podia abanar alguns embrulhos.

— Isso é uma história já muito antiga.

— O Natal é muito mais divertido contigo aqui, Kasey. — Os olhos estavam de novo sérios. — Vais ficar cá para sempre?

Kasey sentiu um aperto no coração. Como podia explicar à menina algo em que ela própria não queria pensar? — Para sempre é muito tempo,

Alison. — Manteve a voz calma e o olhar fixo. — Terei de partir quando

terminar o meu trabalho.

— Mas não podias ficar a trabalhar para o tio Jordan?

— Ele não precisa de uma antropóloga a tempo inteiro, Alison. E

eu tenho o meu próprio trabalho. — Kasey viu a menina baixar os olhos

de tristeza. — Amigas serão sempre amigas, independentemente do quão

longe possam estar. Eu amo-te. — Estendeu a mão e pousou-a sobre a de

Alison. — Isso não vai mudar.

— Vais voltar cá? — Alison ergueu de novo os olhos. — Vens visi-

tar-me? *Não posso, queria ela dizer. Como podes pedir-me isso? Não compreendes como isso me faria sofrer?* — Podias tu ir visitar-me — disse. — Gos-

tavas?— A sério? — O sorriso de Alison reapareceu. — E ao teu avô?

— Claro, o avô ia adorar. — Começou a empilhar as coisas no tabu-

leiro. — És muito mais bem-comportada do que eu alguma vez fui. Porque

não vais deitar isto ali no balde?

Kasey aproveitou o momento a sós na mesa para se acalmar. Era me-

lhor assim. Alison já estava a ser preparada. *E eu?* Fechou os olhos por um instante. *Disse que sofreria as consequências quando chegasse a hora. Tenho*

*de manter isso.*

— Pronta? — disse ela, sorrindo para Alison quando esta regressou à

mesa. — Agora temos de encontrar uma estação de correios para eu poder

enviar aquelas coisas para o meu avô. Achas ele vai gostar daquele gnomo

com os dentes tortos?

Quando entraram em casa, Alison estava a rir, tentando carregar par-

te das compras de Kasey. — Vou ajudar-te a fazer os embrulhos — disse ela,

agarrando numa caixa.

— É melhor primeiro levarmos tudo lá para cima. — Kasey pegou numa caixa e ergueu os olhos quando Beatrice desceu as escadas.

— Alison, o que tens andado a fazer? — Franziu o sobrolho ao ver o cabelo desgrenhado da criança.

— A Alison esteve a ajudar-me com as compras de Natal, Sra.

Taylor. Beatrice olhou para Kasey. — Não gosto que leve a Alison daqui sem

falar primeiro comigo. — Virou-se novamente para a neta. — Vai pentear

esse cabelo, Alison. Estás um pavor.

— Sim, senhora.

Kasey viu-a subir obedientemente as escadas. Depois virou-se para

Beatrice e disse calmamente: — Desculpe se a preocupei, Sra. Taylor.

Mas não estava em casa quando saímos e eu disse à Milicent o que íamos fazer.

Beatrice ergueu uma sobrancelha. — Não gosto de ser informada do paradeiro da minha neta por uma criada.

— Não me ocorreu que desse pela falta dela.

Beatrice enrubesceu. — Está a criticar-me, Menina Wyatt?

— Claro que não, Sra. Taylor. — Kasey tentava manter a conversa razoável. — Eu gosto da companhia da Alison e ela gosta da minha. Passámos

uma tarde juntas. Lamento se ficou preocupada.

— Acho a sua atitude bastante impertinente.

— Só posso reafirmar que lamento — disse Kasey calmamente. —

Bem, se me der licença, gostava de ir arrumar estas coisas.

— Seria sensato da sua parte se se lembrasse do lugar que ocupa nesta casa, Menina Wyatt. — Kasey parou e pousou os sacos. Parecia que a

conversa ainda não tinha terminado. — É uma empregada paga para pres-

tar um serviço e pode facilmente ser substituída.

— Estou aqui a trabalho, Sra. Taylor, e não sou empregada de ninguém a não ser que queira. — Calou-se por momentos. — Era só isso que

tinha para me dizer?

— Não vou tolerar a sua insubordinação. — A mão de Beatrice agarrou com força o corrimão. Não estava acostumada a ser enfrentada de

modo tão directo por alguém que considerava uma empregada. — Não

vou tolerar a sua influência maléfica sobre a minha neta.

— Eu tinha ficado com a impressão de que o tutor da Alison era o

Jordan. — *O que estou eu a fazer?* — pensou Kasey de repente. *Estou a envolver a Alison na discussão.* — Sra. Taylor — começou ela, procurando uma

forma de aliviar a tensão para o bem da menina.

— O que se passa? — Jordan surgiu da sala de estar. Ouvira a discussão

assim que saíra do gabinete.

— Esta mulher — começou a mãe, voltando-se para ele — é insuportavelmente grosseira.

Jordan ergueu uma sobrancelha. — Kasey? — perguntou, virando-se para ela.

— Talvez — concordou ela, e tentou relaxar os músculos.

— A Menina Wyatt resolveu desaparecer com a Alison durante a tarde toda e depois teve o descaramento de me criticar quando eu me mostrei preocupada.

Meio divertido e meio irritado, Jordan olhou de novo para Kasey.

— Estiveste ocupada, não?

— Só fomos fazer compras de Natal, tio Jordan. — Alison desceu apressadamente metade da escadaria e depois parou quando a avó se voltou para ela.

— Isto não é da tua conta, Alison. Volta para o teu quarto.

— Não acho que seja necessário. — Jordan passou pela mãe e estendeu uma mão a Alison. Ela desceu rapidamente os restantes degraus.

— Bem, pareces-me relativamente bem. Divertiste-te?

— Foi maravilhoso. — Alison sorriu para ele. — Fomos ao McFarden's.

— A sério? — Jordan olhou para Kasey. Conhecia-a suficientemente bem para ver para lá da expressão descontraída. Ela estava uma pilha de

nervos por dentro e sentia-se magoada. O que teria sido dito antes de

ele ter entrado? Sorriu para ela, querendo acalmá-la. — Podias ter-me

convidado para ir também.

Kasey estava a tentar controlar os nervos. Ela sabia muito bem que a raiva não era a melhor forma de tratar com Beatrice Taylor. E seria necessário tratar com Beatrice Taylor se ela queria manter um bom am-

biente para Alison. Ajudou-a ver Alison debaixo do braço do tio.

— Estavas a trabalhar — respondeu ela. — E não achei que a ideia de andar a correr de loja em loja te agradasse.

— A Kasey comprou-lhe um presente, tio Jordan.

— Ah, sim? — Chegou a menina mais para ele, mas os olhos não se desviaram dos de Kasey.

— Biscoitos de chocolate — disse-lhe Kasey. — A Alison achou-os bonitos.

— É óbvio que pretendes dar pouca importância a este assunto

— disse Beatrice.

— Mãe. Não há aqui qualquer motivo para preocupação. A Alison está ótima.

— Muito bem. — Anuiu com a cabeça e passou por ele escada acima. Kasey olhou para Alison, que estava a olhar para as costas da avó.

— Desculpe, tio Jordan. Não sabia que a avó ia ficar preocupada. Ela não

estava quando saímos e por isso dissemos à Mil icent, para o caso de o

tio perguntar por nós.

— Não fizeste nada de mal. — Jordan dobrou-se e beijou-a na face.

— A tua avó está provavelmente um pouco cansada do lanche de hoje,

só isso. Precisa de descansar um bocado. Porque não levas estes sacos lá

para cima?

Alison pegou nos sacos. — Vou levar papel de embrulho para o teu quarto — disse ela a Kasey.

— Obrigada. — *As crianças recuperam rapidamente*, notou ela.

Alison já estava mais preocupada com os presentes do que com a irrita-

ção da avó.

Jordan pôs as mãos nos ombros de Kasey assim que Alison desapareceu escada acima. — Também devo pedir desculpas? — perguntou ele



em voz baixa enquanto aliviava a restante tensão dos músculos dela.

Kasey abanou a cabeça. — Não. — Suspirou. Estava ciente de que

00

era o facto de Beatrice não simpatizar com ela que tinha originado o

confronto. Sentia-se responsável. — Coloquei-te numa situação emba-

raçosa. E à Alison também. Não era minha intenção, Jordan.

— Deixa-me tratar das coisas com a minha mãe — disse-lhe ele.

— Já o faço há muito tempo. E da próxima vez que saíres uma tarde in-

teira, convida-me — acrescentou. — Talvez tivesse gostado de andar de

loja em loja e de ir aos hambúrgueres.

— Está bem. — Ela sorriu, acalmando-se. — Da próxima vez, con-

vido. Ele começou a puxá-la, mas parou. Franziu o sobrolho. — Biscoi-

tos de chocolate?!

0

# 11

Kasey parou à entrada da sala de estar. Demorara a arranjar-se para ir

ao baile no clube de Jordan para garantir que Beatrice já saíra antes de

descer. Ali parada, teve algum tempo para observar Jordan sem ser vista en-

quanto ele preparava bebidas no bar. O fato formal – um smoking preto

de corte perfeito, camisa branca – ficava-lhe bem. *Mexe-se bem*, pensou

*ela. Um homem habituado a roupas e salas elegantes. Contudo, ele tem tanto mais do que me pareceu à primeira vista. Mais profundidade, mais personalidade, mais força. Se eu pudesse ter escolhido um homem por quem me*

*apaixonar, não teria escolhido melhor.*

Respirou fundo e entrou na sala. — Parece que o meu timing foi per-

feito. Jordan virou-se para a observar. O vestido era verde-escuro e justo,

com um decote acentuado. Tinha uma racha de lado que abria e fechava à

medida que ela caminhava.

— Em tempos achei que eras uma bruxa — murmurou ele. — Agora

tenho a certeza.

Kasey tirou-lhe o copo da mão. — Gostas? — Sorriu e bebeu um gole.

— Jordan, apanhaste o jeito a fazer isto. Podias ganhar a vida assim.

— Sim, gosto. — Tirou-lhe o copo, pousou-o e depois envolveu-a nos braços. Deu-lhe um beijo longo, profundo que suplicava mais. — Está

a passar-me pela cabeça trancar aquelas portas e ficar por aqui mesmo —

disse ele passando ao de leve os lábios pela face dela.

— Ah, não! — Kasey sorriu e abanou a cabeça. — Convidaste-me para sair. Vais ter de me levar.

— Podíamos atrasar-nos. — Beijou-a de novo, demoradamente.

Quase não tinham tido tempo juntos desde que haviam regressado de Nova

Iorque. — Já nos atrasámos noutras alturas.

*Mas não aqui*, pensou ela, flutuando com o beijo. *Aqui não estamos* só. Soltou-se cuidadosamente dos braços dele. — Alguém me disse em

tempos que chegar atrasado é falta de educação. Além disso, — pegou no-

vamente no copo, — prometeste dançar comigo. Acho que deves dançar

muito bem.

Passou pela cabeça de Jordan que não ia gostar de ter de a partilhar.

0

Mas afastou o pensamento. O ciúme era uma sensação nova para ele. —

Está bem — concordou. — Convidei, está convidado.

Kasey segurou-lhe na mão enquanto se encaminhavam para a porta.

— A seguir podemos ir namorar para o carro? — perguntou ela.

— Adorava. — Ele sorriu e empurrou-a para fora.

...

Jordan tirou dois copos de um tabuleiro de um dos empregados. — Cham-

panhe? — perguntou a Kasey.

— Claro. — Kasey pegou no copo e bebericou. — Isto aqui é lindo.

Ainda bem que me convidaste.

Ele tocou com a borda do copo no dela. — À antropologia — murmurou. — Uma ciência fascinante.

Kasey deu uma gargalhada baixa e levou o copo aos lábios. Depois

virou-se e viu uma morena esbelta num vestido branco quase transparente

aproximar-se dos dois. Quando chegou ao pé de Jordan, pôs-se em bicos de

pés e deu-lhe um beijo na face.

— Jordan. Saíste finalmente da hibernação.

— Olá, Liz. Estás linda, como sempre.

— Estou espantada que ainda te lembres de como eu sou depois deste

tempo todo. Passaram-se meses. — Sorriu e voltou-se para Kasey. Tinha

olhos redondos e pele de veludo. Trazia um diamante perfeito numa cor-

rente ao pescoço.

— Kathleen Wyatt. — Jordan tocou ao de leve no ombro de Kasey.

— Elizabeth Bentley.

— Kathleen Wyatt? — repetiu Liz. — O nome é-me muito familiar, mas ainda não fomos apresentadas, pois não?

— Não, não fomos. — Kasey fez-lhe um sorriso amistoso, apreciando o interesse sincero nos olhos dela. — Quer um pouco de champanhe?

— perguntou, tirando um copo de outro tabuleiro. — É realmente muito

bom. — Obrigada. — Liz olhou para o copo e depois de volta para Ka-

sey. — A Kasey tem estado a trabalhar comigo no meu livro novo —  
ex-

plicou Jordan. Podia perceber que Liz estava simultaneamente  
confusa e

intrigada.

— Ah, sim. — Finalmente fez-se luz. — O Harry Rhodes mencionou  
o seu nome num jantar uma noite destas. — Hesitou um momento.  
— Ele

disse que você era extraordinariamente inteligente.

— Isso foi porque eu o venci no snooker. — Os olhos de Kasey cinti-  
0

laram divertidos por cima do copo quando ela o ergueu de novo. —  
Você

joga? — Jogo o quê? Snooker? — Liz abanou a cabeça e franziu  
ligeiramen-

te o sobrolho. — Não. Você é arqueóloga?

— Não, antropóloga. — Kasey sorriu e não conseguiu resistir. — Ar-  
queólogo é quem estuda a vida e a cultura de povos antigos  
escavando

idades antigas, relíquias, artefactos. Um antropólogo é quem  
estuda ra-

ças, características físicas e mentais, distribuições populacionais,  
hábitos,

relações sociais. — Bebeu mais um pouquinho de champanhe. — O seu

vestido é maravilhoso — comentou, acenando com a cabeça a Liz. — É

francês?

...

—Conseguiste confundir completamente a Liz — afirmou Jordan já na pista de dança com Kasey nos braços.

— A sério? — Kasey desencostou a face da dele e riu-se quando viu o

olhar de esguelha dele. — É uma rapariga muito bonita, Jordan. E também

muito simpática. Gosto dela.

— És rápida a fazer juízos.

— Habitualmente poupa-me tempo. — Sorriu enquanto ele a fazia deslizar pela pista. — Também disse que eras um dançarino maravilhoso

— salientou ela. — E estava certa.

— Se eu te dissesse que nunca gostei tanto de dançar valsa, acredita-

vas? — Talvez. — Riu-se para ele.

— Vou ter de te deixar dançar com alguns homens que não conse-

quem tirar os olhos de cima de ti. E não vou gostar.

Ela ergueu as sobrancelhas. — São assim tantos? — perguntou, brin-

cando com ele enquanto tentava perceber o que sentira ao ouvir aquela

afirmação.

— De mais. Entras numa sala e olham logo todos para ti. Incluindo eu. Kasey riu-se e abanou a cabeça. — Tens a imaginação fértil de um

escritor, Jordan.

— E a de homem — murmurou ele. — Não consigo tirar-te da cabeça. Ela olhou fixamente para ele, esquecendo a música que dançavam e

as pessoas que dançavam com eles. — E queres?

Jordan não conseguiu desviar o olhar. — Não sei. — Não conseguia pensar convenientemente quando a tinha nos braços, assim encostada a

0

si. — Gostava que sim. Chega dizer-te que nunca houve uma mulher tão

importante para mim como tu?

Era um passo cauteloso e Kasey não o levou adiante. Tocou-lhe com



os dedos no rosto. — Sim, Jordan.

Kasey nunca esteve sozinha durante toda a noite. Despertava interes-

se onde quer que estivesse. Agradava-lhe responder às perguntas que lhe

faziam e às insinuações sedutoras. Gostava tanto da elegância e do glamour

como gostava de ir ver um filme ao cinema da esquina. Pipocas com man-

teiga ou champanhe, era tudo parte da vida.

— Menina Wyatt.

Kasey afastou-se de uma conversa com um casal entusiasta de vela e

sorriu para Harry Rhodes. — Olá, Harry. Prazer em vê-lo.

— O prazer é todo meu. Está linda.

— O senhor também. — Tocou na lapela do fato. Ele pigarreou.

— Queria dizer-lhe o quanto gostei do livro que me emprestou.

— Sempre às ordens, Harry. — Ele tinha uma cara simpática, pensou ela. Jordan tinha sorte em tê-lo como amigo.

— Estive a treinar, sabia? Vou desafiá-la para outro jogo de snooker.

— Gostaria imenso. — Kasey sorriu. — Desta vez temos de tentar oito bolas.

— Menina Wyatt... Kathleen... Kasey — decidiu ele, quando o sorriso dela aumentou. — É assim que o Jordan a trata, não é?

— É assim que todos os meus amigos me tratam.

Harry ajustou os óculos e sorriu. Os olhos dele eram bondosos, pensou ela, como os do pequeno ursito que ele lhe fazia lembrar.

— Kasey, importava-se de conceder uma dança a um velho professor senil?— Não vejo aqui nenhum. — Kasey pousou o copo e deu-lhe a mão.

— Mas adorava dançar consigo, Harry.

— O Jordan é um homem de grande sorte por tê-la encontrado — disse-lhe ele quando se dirigiam para a pista.

— Mas foi o Harry que me encontrou, não foi?

— Então tenho de me congratular a mim próprio. — Ele gostava da covinha na bochecha dela e da forma como os caracóis lhe caíam desorde-

nados em volta do rosto. — Espero que o Jordan esteja satisfeito consigo.

— Ele é um homem muito generoso, não é? Generoso, amoroso e carinhoso.

— Sabe, ele adorava o irmão. — Harry deu um suspiro. — Eram mui-

to chegados. Al en, o pai, era um grande amigo meu. Morreu alguns anos

antes, e a Beatrice nunca foi uma mulher maternal. Uma excelente anfitriã,

bem sei — acrescentou. — Mas não foi feita para a maternidade. Os rapa-

0

zes eram uma dupla e tanto. Um bocado desvairados de vez em quando,

mas...— Desvairado? — interrompeu Kasey com uma gargalhada de sur-

presa. — O Jordan?

— Teve os seus momentos, minha querida. — Recordando-se de alguns, Harry decidiu que seria mais discreto não os pormenorizar. — Foi

muito difícil para o Jordan quando perdeu o irmão. Eram gémeos.

— Não sabia. — Perder um irmão já era complicado, mas perder um gémeo devia ser como perder parte de si próprio, pensou ela. — Ele nunca

falou comigo sobre o assunto.

— Ele fechou-se bastante depois do que aconteceu. Só muito recente-

mente é que o vi abrir-se de novo. — Harry olhou para Kasey. — Graças a

si. Gosta muito dele, não gosta?

Kasey fitou-o directamente nos olhos. — Estou apaixonada por ele.

Harry acenou com a cabeça. Já não se surpreendia com a franqueza dela. — Ele precisava de alguém assim para o devolver de novo à vida. Se

ele não tiver cuidado, pode transformar-se num velho solteirão enrugado

como eu.

— O Harry é um homem lindo. — A música parou e Kasey beijou-lhe a face, abraçando-o por um momento.

— O que é isto? — Jordan aproximou-se deles e pôs um braço em volta dos ombros de Kasey. — Viro costas por um minuto e já estás embru-

lhado com a minha convidada? Pensava que podia confiar em ti, Harry.

Harry corou e pigarreou. — Não quando se trata desta senhora, meu caro. Faço parte da competição. E ainda não perdi o jeito — anunciou antes

de se afastar.

— O que é que lhe fizeste? — Confuso, Jordan observou o andar bamboleante de Harry. — Acho que ele estava a falar a sério!

— Espero bem que sim. — Kasey virou o rosto de Jordan para si. —

Ficavas com ciúmes? Isso seria um maravilhoso presente de Natal, Jordan.

— Ainda não estamos no Natal — replicou ele. — Vamos lá para fora antes que eu tenha de competir com mais alguém.

— A competição é uma coisa muito saudável — afirmou Kasey quando atravessaram as portas do terraço. — Em estudos com ratinhos bran-

cos...Ele beijou-a com firmeza, interrompendo a palestra iminente. —

Raios me partam se vou competir com ratos brancos — resmungou ele,

puxando-a.

A mão estava no cabelo dela e a boca exigente. Kasey cedeu, sentindo

que era daquilo que ele precisava. Beijou-o com suavidade e abraçou-o pelo

pescoço. Uma submissão do momento; mais tarde haveria tempo para o

o

desafio, para a agressão, para o confronto de forças. Naquele momento ele

precisava de algo diferente da sua parte. Era fácil render-se a ele quando

conhecia o próprio poder. Sentiu o coração dele bater contra o peito.

Jordan afastou-a ligeiramente para a fitar nos olhos. — Quem és tu?

— disse por entre dentes. — Nunca sei quem tu és.

— Estás mais perto de saber do que a maioria — murmurou ela, virando-se para se encostar ao parapeito. — Isto aqui é lindo, Jordan. O ar é

leve, e consigo sentir o aroma de... acho que é de lúcia-lima. — Kasey le-

vantou a cabeça. — As estrelas estão próximas. — Suspirou e perscrutou-as.

— Lá em casa eu costumava sentar-me horas a fio no campo a descobrir

as constelações. O avô acabou por me comprar um telescópio. Eu ia ser a

primeira mulher a ir à Lua.

— Mudaste de ideias? — Ouviu-se o clique do isqueiro e depois o aroma de tabaco no ar.

Kasey encolheu os ombros. Iria para sempre recordar aquele aroma.

— Tentei viver à base de comida desidratada durante uma semana. É um

pavor. — Ele riu-se e ela apontou para o céu. — Ali está Pégaso. Vês? Ele

voa na vertical. A cabeça de Andrómeda toca-lhe na asa. — Desceu a mão

e suspirou. Sentia-se agradavelmente sonolenta. — Maravilhoso, não é?

Aquelas imagens todas ali em cima. É confortante saber que vão ali estar

amanhã.

Jordan aproximou-se para lhe tocar no ombro. A pele dela era macia

e estava ligeiramente fria do ar nocturno. — É por isso que investigas o

passado? Porque é uma ligação ao futuro?

Ela encolheu outra vez os ombros. — Talvez.

Jordan atirou fora o charuto e puxou-a de novo. Kasey pousou a ca-

beça no ombro dele. — Dança comigo outra vez, Jordan — murmurou.

— A noite está quase a acabar.

0

# 12

Véspera de Natal. Magia. Kasey queria magia. Tinha palmeiras em vez

de neve, mas já tinha passado outros Natais sem neve. Desta vez tinha algo mais valioso. Passaria o dia com o homem que amava e com uma

criança que pulava de excitação. Era magia suficiente para si.

Estava ciente de que o seu trabalho estava concluído, ou, pelo menos, quase concluído. Jordan passava cada vez mais tempo a trabalhar sozi-

nho. Aquilo em que ela naquele momento o auxiliava podia perfeitamente

ser feito por carta ou por telefone. Kasey estava a adiar a partida e sabia que, consciente ou inconscientemente, Jordan também o estava a fazer. Quando

acabasse a quadra festiva, ela faria os seus planos, as malas e depois infor-

má-lo-ia. Por essa ordem. Seria melhor se estivesse já tudo preparado antes

de as palavras serem proferidas.

Com um plano firme em mente, sentia-se melhor. Disse a si mesma que tinha direito a uma semana. No primeiro dia do ano, afastar-se-ia dele,



de Alison e recomeçaria a sua vida. Era uma mulher forte; já tinha enfren-

tado outras perdas. Mas agora era Natal e ela tinha uma família, mesmo que

por apenas mais uma semana.

Sentou-se no tapete da sala a observar Alison vasculhar o monte de presentes debaixo da árvore de Natal. A menina arrulhava como um pom-

bo. O que seria isto? O que era aquilo? Quantas horas faltavam?

— Fizeste essa mesma pergunta há menos de uma hora — disse-lhe Jordan sentando-a no colo. — Porque não abrimos já tudo?

— Ah, não, tio Jordan! Não podemos! — Olhou para Kasey.

— Não, não podemos. O Pai Natal ficaria muito aborrecido — disse

Kasey. Alison riu-se e aconchegou-se na curva do braço de Jordan. — Kasey,

sabes que o Pai Natal não existe mesmo.

— Não sei nada disso. A menina é uma céptica.

— Sou? — Alison digeriu a palavra. Pegou numa pequena bola de vidro que continha um cenário de uma floresta em miniatura. Virou-a ao

contrário e viu a neve cair. — Nunca tinha visto isto.

— Pois não. — Jordan tinha-se perguntado quando é que ela iria re-

parar. — Encontrei-a no sótão hoje de manhã. Era do teu pai quando éra-

mos crianças.

— Verdade?

0

— Sim. Verdade. Pensei que talvez gostasses de ficar com ela.

— Para mim? — Alison agarrou na bola e olhou para ele.

— Para ti.

Alison olhou de novo para a bola de vidro e viu a neve pairar. — Ele gostava de neve — disse. — Quando vivíamos em Chicago, fazíamos bata-

lhas de neve. Ele deixava-me ganhar. — Encostou-se ao peito de Jordan e

virou a bola outra vez.

Kasey observava-os em silêncio. Ele tinha ido à procura de alguma coisa do pai de Alison para lhe oferecer pelo Natal. Se ela não o amasse já,

apaixonar-se-ia naquele momento. *É um bom homem*, pensou. *Acima de*

*tudo, é um bom homem.*

Levantou-se para lhes dar algum tempo a sós.

— Kasey? — Os olhos de Jordan ergueram-se até aos dela e fixa-

ram-se.— Acho que ainda tenho algumas coisas para embrulhar — disse-lhe

ela. Ele sorriu, percebendo-a.

— Não houve alguém que falou em fazer cordões de pipocas?

— Pipocas? — Os olhos de Alison iluminaram-se. — Para a árvore? — A Kasey disse-me que uma árvore não estava adequadamente ornamentada se não tivesse pipocas — afirmou Jordan. — O que é que

achas?— Podemos ir fazer agora?

— Por mim, tudo bem, mas parece que a Kasey tem outras coisas para fazer. — Jordan mantinha os olhos nela, ainda sorrindo.

— Sou flexível — respondeu Kasey olhando em seguida para Alison.

— Precisamos de vários metros de fio e de três agulhas. Consegues tratar

disso?— Também podemos comer algumas?

— Claro.

Alison levantou-se e saiu apressadamente da sala levando consigo a bola de vidro.

— Às vezes és tão transparente, Kasey. — Jordan levantou-se e aproximou-se dela. — Ias chorar e não querias fazê-lo à frente da Alison. Nem

à minha.

— Foi maravilhoso, o que tu fizeste.

— A Alison esteve comigo no Natal passado e não me ocorreu nada disto. — Levantou o queixo de Kasey e beijou-a.

— Não me faças chorar, Jordan. É véspera de Natal.

— Já tenho! — Alison entrou a correr. Tinha uma caixa de agulhas e um novelo de fio.

0

— Meio caminho andado. — Kasey dirigiu-se a ela e depois virou-se para Jordan. — Vens?

— Não perdia por nada.

Quando se aproximavam da porta da cozinha, Jordan disse: — Sabes,

não sei se o François vai aceitar isto. A cozinha dele é sagrada.

— É canja — murmurou Kasey quando entraram.

François virou-se e fez uma pequena vénia. Não tinha o chapéu bran-

co que Kasey esperara ver, mas tinha um bigode. — *Monsieur*. — Fez uma

vénia a Jordan. — Em que posso ajudá-lo?

— François. — Jordan aguardou um momento. Já tinha assistido a

vários ataques de nervos ao longo dos anos. — Precisamos de fazer uma

coisa para a árvore de Natal.

— *Oui, monsieur?*

— Vamos fazer cordões de pipocas.

— Pipocas? Quer fazer essas pipocas na minha cozinha? — Antes que Jordan pudesse responder, François desatou a disparatar num francês

indignado.

— François?

Ele virou-se e fez uma vénia rígida. — *Mademoiselle?*

Kasey sorriu para ele. — *Votre cuisine est magnifique* — começou ela,

continuando a falar fluentemente em francês. Elogiou-lhe a comida, o fo-

gão, as bancadas, provou a sopa que ele tinha ao lume enquanto ele se jun-

tava apaixonadamente à conversa. Kasey mostrou-se entusiasmada com a

perfeição do material de cozinha e com os talheres.

Quando terminou, ele beijou-lhe cordialmente a mão, fez novamente uma vénia a Jordan e saiu da cozinha.

— Bem! — Jordan olhou para a porta fechada e depois de volta para Kasey. Viu-a pegar num tacho e colocá-lo sobre o fogão. — Onde é que

aprendeste a falar francês dessa maneira?

— A minha companheira de quarto da faculdade era formada em línguas. Onde está o milho?

Ele aproximou-se dela, ignorando a pergunta. — O que é que lhe dis-

seste? Sempre achei que o meu francês era bom, mas não percebi nada do

que vocês dois disseram.

— Apenas umas coisitas. — Kasey sorriu. — Disse-lhe que tu querias que ele e o restante pessoal da cozinha tirassem a noite. Tens milho, não

tens? Jordan riu-se e abriu um armário sob a bancada. — Consegui enfiá-lo

aqui correndo grande risco.

— És um valente, Taylor. — Tirou-lhe o saco da mão. — Preciso de óleo. — Jordan fez sinal a Alison para que o fosse buscar e depois apro-

0

ximou-se e sussurrou uma rápida frase em francês ao ouvido dela. Kasey

sorriu. — Estou chocada — murmurou. — Interessada, mas chocada.  
Acho

que não te vou perguntar onde aprendeste isso.

Daí a instantes podia ouvir-se o milho a estourar. Alison estava sentada na mesa, de pernas cruzadas, a cortar cuidadosamente pedaços de fio.

Jordan estava sentado em frente a observá-la. Quando fora a última vez que

ouvira aquele som? — indagou-se. Na faculdade? Não, em casa do irmão; há

uns cinco ou seis anos. Talvez Kasey estivesse certa. Ele tinha-se isolado.

— Outra obra de arte — declarou Kasey, despejando as pipocas para dentro de uma taça. — Não falhou nenhum grão.

Jordan enfiou as mãos na taça. — Onde está a manteiga? — pergun-

tou. A mão de Alison roçou na dele quando mergulhou também a dela.

— Agarrem numa agulha — disse-lhes Kasey.

Trabalhavam em constante algazarra. Alison matraqueava continuamente enquanto comia pipocas. O seu cordão não parava de crescer. A

Kasey parecia que já faziam aquilo há muitos Natais e que iriam continuar

a fazê-lo. Mas sabia que não era assim e estremeceu.

— Tens frio? — perguntou-lhe Jordan.

— Não. — Ela tentou afastar a sensação. — Foi só um arrepio. Não estás a sair-te lá muito bem, Jordan — disse ela para mudar de assunto.

— Preciso de incentivo.

— O meu vai ser o mais comprido — afirmou Alison. — Vai ter cem quilómetros de comprimento.

— Não ponhas o carro diante dos bois — avisou Kasey. — Como é que fazes isso, Jordan? — perguntou ela, observando-o com atenção. — É

uma coisa natural ou adquiriste com a prática?

Jordan abanou a cabeça, confuso e divertido.

— Estou a falar de levatares a sobancelha — explicou Kasey. — É maravilhoso. Adorava ser capaz de o fazer, mas as minhas funcionam em

simultâneo. Vamos fazer chocolate quente. — Levantou-se de um salto e

começou a vasculhar os armários. Jordan largou o cordão e observou-a.

— Kasey, chega aqui um minuto.

— Jordan, preparar chocolate quente exige concentração e cuidado.



— Mediu o leite. Ele atravessou a cozinha, agarrou-a pelo braço e puxou-a

até à porta. Apontou com um dedo para cima. Kasey sorriu ao ver o

nho. — É verdadeiro? — perguntou.

— Sim — assegurou-lhe ele.

— Bem, nesse caso... — Tocou com os lábios ao de leve nos dele.

— Assim é como beijam nos filmes — comentou Alison, enfiando mais uma pipoca.

— Tens toda a razão — concordou Jordan antes que Kasey pudesse comentar. Puxou-a de novo para os braços e cobriu a boca dela com a sua.

O beijo prolongou-se e a sua doçura fez Kasey ter vontade de chorar. Agar-

rou-se bem a ele. Recordar-se-ia daquele beijo acima de todos os outros.

— Assim foi muito melhor — afirmou Alison quando Kasey se afastou. — Terminei o meu cordão.

Mais tarde regressaram de novo à sala de estar. Alison aconchegou-se

no sofá ao lado de Jordan com a guitarra de Kasey no colo. Kasey obser-

vava as cores das luzes da árvore iluminarem o rosto da menina que estava

prestes a adormecer.

— Ela teve um dia longo — murmurou Kasey.

— Estou desejoso de ver a cara dela quando abrir amanhã os presen-

tes. — Jordan tirou a guitarra dos braços de Alison e entregou-a a Kasey.

— O teu presentinho está bem escondido?

— O Charles está a guardar o meu presentinho na garagem e acho que não vai conseguir separar-se dele com facilidade. — Levantou-se. —

Vou levar a Alison para cima e deitá-la na cama.

— Eu faço isso. — Jordan pegou na sobrinha e levantou-se. — Porque

não pões uma musiquinha?

Quando ele já tinha saído, Kasey dirigiu-se ao armário que tinha a aparelhagem. Chopin, decidiu, examinando os álbuns. Era noite para ro-

mance. A casa estava em silêncio. Os criados já se tinham recolhido. Beatri-

ce estava numa festa. Parecia que só estavam os três em casa. Kasey sus-

pirou ao colocar o disco no gira-discos. Pelo menos naquela noite podia

fingir que era verdade. Deslocou-se até à janela, abriu as cortinas e olhou lá

para fora. A Lua estava cheia, a noite límpida. Encontrou Pégaso de novo

e ficou a admirá-la. Quando ouviu as portas fecharem-se silenciosamente,

virou-se. Viu Jordan trancá-las.

— Ela ficou bem? — O seu coração estava a começar a acelerar. *Tola,*

*pensou. Até parece que é a primeira vez que estou com ele.*

— Ficou muito bem. Nem sequer acordou. Tu também dormes assim. — Jordan atravessou a sala e pousou sobre o bar a garrafa de vinho que

trazia. — Profundamente, como uma criança. — Abriu o vinho e depois

dirigiu-se à lareira a gás. Ajoelhou-se e acendeu-a. — Agora podes fingir

que está a nevar. — Sorriu para ela.

— Tu consegues ler-me os pensamentos, não consegues?

— Às vezes. — Depois de servir dois copos, regressou para a frente da

lareira e sentou-se. Estendeu-lhe uma mão. Kasey segurou-a e instalou-se

ao lado dele. — Como te sentes? — perguntou quando ela se encostou a

ele. — Como se estivesse rodeada de neve — murmurou ela, aceitando

o vinho que ele ofereceu. — Aconchegada numa cabana nas Montanhas

Adirondack, longe do mundo e dos seus problemas.

— E há espaço para mim na cabana?

Ela inclinou a cabeça e sorriu para ele. — Sempre.

— Teríamos lenha — disse ele em voz baixa tirando-lhe o copo da

mão. — E vinho. — Dobrou-se para lhe beijar o canto da boca. — E um ao

outro. — Empurrou-a suavemente para o chão. — Não precisaríamos de

mais nada.

— Pois não. — Kasey fechou os olhos quando ele a abraçou com for-

ça. — De mais nada.

Ela perdeu-se no toque dele, no sabor dele. O corpo e mente estavam

em completa harmonia e pertenciam ambos a Jordan. Algures ao longe o

relógio tocou as doze badaladas e já era dia de Natal.

Quanto tempo se amaram naquela noite, Kasey nunca saberia. Nenhum dos dois quisera destrancar a porta e expor-se ao resto do mundo. A

certa altura, quando estavam adormecidos nos braços um do outro, Jordan

acordara ao ouvir a mãe entrar em casa. Depois a casa ficara de novo em

silêncio. Só deles. Ele virou-se para Kasey e acordou-a lentamente até ela

estremecer de desejo por ele e ele por ela. Havia a luz do fogo e das cores da

árvore e o aroma a pinha. O vinho aqueceu.

Kasey adormeceu de novo e acordou meio zozza quando Jordan a pegou ao colo.

— Eu levo-te para cima — murmurou ele.

— Não quero deixar-te. — Encostou a cara no pescoço dele. — As noites são demasiado curtas. Têm horas a menos.

Depois adormeceu novamente, tão profundamente como Alison quando ele levara a menina para o quarto.

...

A manhã chegou depressa de mais. Só a sua determinação e o entusiasmo-

mo de Alison impediram Kasey de voltar a aninhar-se debaixo dos

lençóis. A sala arrumada e formal depressa se encheu de papel rasgado, de

caixas e fitas descartadas. Um cachorrinho cocker spaniel, presente de Ka-

sey para Alison, corria em volta da árvore enquanto Alison se encontrava,

estupefacta, com uma guitarra nova, prenda do tio, ao colo.

— Não devias ir acordar a tua mãe, Jordan? — sussurrou Kasey, desviando uns pedaços de papel amarrotado.

— Às seis da manhã? — Ele riu-se e abanou a cabeça. — A mãe não se levanta antes das dez, seja ou não Natal. Depois tomaremos um peque-

no-almoço bastante civilizado.

Kasey franziu o nariz e agarrou num embrulho. — Já era altura de eu

também ter um — disse ela, sabendo que o presente era de Alison. — Ouvi

muito burburinho acerca disto — disse, desatando lentamente o laço. — Vi

muitos olhares de cumplicidade. — Alison mordeu o lábio inferior e olhou

para Jordan. — Como esse — afirmou Kasey, rasgando o papel com um

floreado. Ao abrir a caixa, encontrou um cachecol de lã verde-claro.

— Foi o primeiro presente que já fiz — disse Alison ansiosamente.

— Rose, a ajudante de cozinha, ensinou-me. Mas cometi alguns enganos.

Kasey tentou levantar os olhos, tentou falar, mas não conseguiu. Aca-

riciou com as pontas dos dedos o cachecol tricotado.

— Gostas?

Kasey ergueu os olhos e acenou afirmativamente com a cabeça. Os olhos já estavam cheios de lágrimas.

— As mulheres — disse Jordan, prendendo o cabelo de Alison atrás da orelha. — Algumas mulheres — corrigiu ele — têm tendência para cho-

rar quando estão particularmente felizes. A Kasey é uma delas.

— A sério?

— A sério — conseguiu Kasey dizer, e respirou fundo. — Alison, é o presente mais maravilhoso que já recebi. — Abraçou com força a criança.

— Obrigada.

— Ela gostou mesmo — disse Alison, sorrindo para Jordan por cima

do ombro de Kasey. — Acha que ela vai chorar se lhe dermos o seu?

— Porque não descobrimos? — Jordan pegou numa pequena caixa

cúbica que estava debaixo da árvore. — Claro que ela pode não estar inte-

ressada em mais presentes.

— Claro que estou. — Kasey libertou-se dos braços de Alison. — Sou

muito gananciosa no Natal. — Tirou-lhe a caixa das mãos e inspirou pro-

fundamente. Quando a abriu, sentiu o coração saltar pela segunda vez na-

quela manhã.

Segurou nos brincos de ouro delicadamente entalhados, impressio-

nantemente semelhantes aos que vira no dia em que comprara o unicórnio.

Olhou para ele e abanou a cabeça. — Jordan, como é que te lembraste de

uma coisa destas?

— Não me esqueci de nada do que me disseste. Achei que combina-

vam com isto. — Entregou-lhe outra caixa, comprida e achatada, e depois

sorriu quando ela hesitou. — Pensava que eras gananciosa no Natal.

Kasey abriu a caixa e viu três finos fios de ouro, ingenuamente entre-



laçados para formar um. — É lindo — murmurou.

Ele tirou-lhe o fio dos dedos e colocou-lho no pescoço.

Kasey engoliu em seco e encostou o rosto ao dele. — Obrigada, Jordan. — Levantou-se. — Vou ver se peço café.

— Ela também gostou do seu — disse Alison a Jordan, pegando na guitarra. — Estava a chorar outra vez.

Quando, quinze minutos depois, Mil icent entrou na sala com o café e os croissants, estacou, estupefacta, com o tabuleiro nas mãos. Em todos

os anos que já trabalhava em casa dos Taylor nunca vira nada igual. Papéis,

fitas e caixas por todo o lado. E o Sr. Taylor estava a lutar com um cãozinho

no meio da confusão. O Sr. Taylor! A Menina Alison e a Menina Wyatt es-

tavam a dar risadinhas. Não, ela nunca vira nada igual; não naquela casa!

# 13

Kasey tencionava manter-se bastante ocupada quando deixasse Palm

Springs. Primeiro iria para casa. Já se decidira; a véspera de Ano Novo

seria o último dia com Jordan. Só lhe faltava informar Jordan. Depois de

analisar a situação sob todos os pontos de vista – o dela, o dele e o de Alison

–, Kasey decidira esperar pelo primeiro dia do ano. O voo já estava mar-

cado. Seria menos penoso se as horas que faltavam não fossem passadas

com o conhecimento de que eram as últimas. Iria fazer tudo o que lhe fosse

possível naquelas últimas vinte e quatro horas.

— Ter-te-ia vencido o terceiro jogo do segundo set se não tivesse fa-

lhado dois serviços. — Balançou a raquete quando se afastava com Jordan

do court de ténis. — E se não tivesses feito um ás no quarto jogo do segun-

do set, eu também teria ganho esse. És realmente uma jogadora terrível;

aproximares-te da rede daquela forma.

Jordan pegou na raquete dela, um pouco desconfiado com o entusiasmo que ela demonstrava ao balançá-la. — Olha, a Alison está ali ao pé

da piscina. Parece estar muito aplicada a fazer os trabalhos de casa.

Alison ergueu os olhos quando os dois se aproximaram, acenou-lhes e depois votou a recostar-se com um suspiro. — Tio Jordan, não sei como

fazer este trabalho.

— Não? — Ele pousou as raquetes na mesa. — O que é?

— Tenho de enumerar cinco itens típicos dos anos oitenta. Coisas que pusesse numa cápsula do tempo para mostrar às sociedades futuras

como era a nossa cultura.

— Alison. — Jordan sorriu e passou a ponta de um dedo pelo nariz dela. — Para quê perguntares a um escritor quando tens uma antropólo-

ga? — Oh, esqueci-me! — Olhou para Kasey. — O que porias numa cáp-

sula do tempo?

— Vejamos. — Kasey semicerrou os olhos contra o Sol por um mo-

mento. — Uma haste de trigo, um barril de petróleo, um chip MOS, uma

cassete de música punk rock e um par de mocassins Gucci.

Jordan riu-se. — E é essa a tua «encapsulização» dos anos oitenta?

Alison franziu o sobrolho enquanto escrevinhava. — O que é um chip MOS?

— É um...

— Ah, não! — Jordan interrompeu a explicação de Kasey. — Não a faças começar, Alison!

— Bem, — disse Alison, olhando duvidosamente para a lista, — se calhar é melhor pensar um pouco mais sobre o assunto. — Fez um olhar

a Kasey que a informou de que a sua ajuda fora de pouca valia, e depois

entrou em casa.

— Duvido que a Alison ou a professora dela estejam preparadas para

a tua opinião sobre a nossa sociedade — comentou Jordan.

— É a minha análise estudada da nossa cultura como está nos dias de

hoje, da tecnologia à moda. Sabes, Jordan, parece que ficaste mesmo acalo-

rado depois do jogo de ténis. Devias ir refrescar-te.

Deu-lhe um forte empurrão e fê-lo cair de costas para dentro da piscina. Ele veio à superfície, desviando o cabelo dos olhos. — Foi um impulso

— disse ela, agarrando-se à barriga enquanto ria às gargalhadas. — Nunca

tive um controlo firme sobre os impulsos. — Sem dizer nada, ele semicer-

rou os olhos e nadou até à borda. — Desculpa, Jordan, mas parecias-me

mesmo com calor. Tenho a certeza de que a água está uma delícia. Não estás

zangado, pois não? Eu ajudo-te a sair.

Tinha acabado de lhe estender a mão quando se apercebeu do erro.

Ele agarrou-a com firmeza e depois sorriu-lhe quando lhe deu um súbito

puxão que a fez mergulhar de cabeça. Ela veio à tona cuspendo água.

— Acho que estava a pedi-las.

— Estavas, pois. Como está a água?

— Óptima. — Kasey nadou com um braço enquanto com a outra mão descalçava uma sapatilha. — Sempre achei — atirou a sapatilha por

cima da cabeça dele para fora da piscina — que quando nos encontramos

numa situação inevitável, devemos tirar o melhor partido dela. — Tirou a

outra sapatilha e depois mergulhou e nadou rente ao fundo.

Assustou-se quando as mãos de Jordan a agarraram pela cintura. Ele

voltou-a para si, abraçou-a e beijou-a debaixo de água. O ritmo cardíaco de

Kasey passou de normal a frenético, e ela agarrou-se a ele. Quando subiram

à superfície, o pulso dela ainda estava descontrolado.

— Eu estava só a tirar o melhor partido de uma situação inevitável

— murmurou Jordan mordendo-lhe o lobo da orelha.

— Assustaste-me. — Kasey respirou fundo. — Nunca devia ter visto aquele filme do tubarão!

— No Inverno não temos tubarões. — Passou uma mão pelos cabelos

dela. — É praticamente cobre quando está molhado e o sol lhe bate. No pri-

meiro dia que estiveste aqui fiquei à janela a ver-te nadar. Já naquela altura

não conseguia tirar-te da cabeça.

Kasey encostou a cabeça ao ombro dele. Era tão difícil ser forte quan-

do ele era meigo. Queria dizer-lhe que o amava, que lhe estava a partir o

coração deixá-lo. E ainda não sabia o que faria se ele lhe pedisse para ficar.

Ou talvez soubesse e fosse por isso que planeara as coisas sem lhe dizer

nada. Não podiam continuar como estavam e ela não via futuro para eles.

Se ele a amasse... Mas abanou a cabeça e afastou-se dele.

— Vou fazer uma corrida contigo — desafiou ela. — Sou muito melhor nadadora do que tenista.

Ele sorriu. — Está bem, dou-te algum avanço.

Kasey ergueu as sobrancelhas. — Isso é uma assumpção de superioridade masculina. — Desviou o cabelo dos olhos. — Aceito.

Partiu como um foguete pelo meio de uma agitação de água. Mesmo

com o avanço dela, Jordan chegou à outra extremidade duas braçadas à

frente. Kasey franziu o nariz. — Claro — começou ela, pondo-se de pé na

parte menos profunda — se eu também tivesse crescido numa piscina...

Kasey reparou que ele não estava a prestar-lhe atenção. Seguindo-lhe

os olhos, olhou para baixo.

A T-shirt que tinha vestido para a partida de ténis estava colada aos seios. Em vez de a tapar, era um convite erótico. Os calções curtos molha-

dos estavam moldados às coxas e ancas. A água escorria-lhe lentamente

pelo cabelo.

— Acho que este tipo de equipamento de natação é mais adequado para águas profundas — decidiu Kasey, afastando-se da borda.

Ele agarrou-a antes de ela chegar a meio da piscina. A boca dele apos-

sou-se da dela, faminta, desesperada. Mergulharam de novo, unidos. Kasey

agarrou-se bem enquanto um misto de medo e paixão a invadia. Havia sen-

sações de leveza, de claustrofobia, de impotência. Kasey poderia ter lutado

contra elas, mas a vontade desaparecera e ela abraçou-se a ele com mais

força. Jordan levou-os à superfície e ela inspirou rapidamente.

— Estás a tremer — reparou ele subitamente. — Assustei-te?



— Não sei. — Ela continuou agarrada a ele e deixou-o mantê-los à superfície. — Oh, Jordan, quero-te — disse ela, ofegante. A necessidade

surgiu inesperadamente urgente e poderosa.

A boca dele foi novamente ao encontro da dela. A excitação de Jordan redobrou com o desejo que ele sentia da parte dela. — Quanto tempo

consegues suster a respiração? — murmurou ele.

— Não o suficiente. — Ela deu uma gargalhada trémula e beijou-o.

— Nem de perto. Vamos afogar-nos?

— Provavelmente. — A mão dele desceu até à anca dela, depois até à

coxa e regressou à cintura. — Importas-te?

— Neste momento, não. Beija-me outra vez. Beija-me e não digas nada.

Ela não conseguia aguentar mais. No dia seguinte, por aquela hora, estaria num avião. Não poderia tocá-lo nem sentir as mãos dele. Teria ape-

nas a recordação do seu sabor. Aqueles três meses da sua vida seriam engo-

lidos pelo que estivesse para vir. Como poderia partir? Como poderia ficar?

O preço que ia ter de pagar já parecia insuportavelmente elevado.  
Então

iria aproveitar até ao último instante. Uma última noite. Uma última  
noite

completa.

— Jordan, não vamos hoje àquela festa. — Afastou-se dele,  
querendo

ver-lhe o rosto. — Preciso de estar sozinha contigo, como estivemos  
em

Nova Iorque. Não podemos ir para qualquer lado, só esta noite?  
Amanhã é

outro ano. Queria passar a última noite deste apenas contigo. Só  
contigo.

— Uma suite no Hyatt? — murmurou ele. — Champanhe e caviar?

Segundo me lembro, tu gostas bastante de caviar.

— Sim. — Abraçou-se rápida e desesperadamente ao pescoço dele  
e encostou a face à dele. — Ou pizza e cerveja num motel. Não  
importa.

Amo-te. — Não conseguiu evitar dizê-lo. — Amo-te tanto! — A boca  
dela

atracou-se à dele antes que ele pudesse falar.

— Jordan!

A voz de Beatrice rompeu o silêncio. Jordan afastou sem pressa a

boca da de Kasey.

— Mãe. — Olhou para cima, mantendo um braço em redor de Kasey. — De volta tão cedo?

— O que estás a fazer?

— Ora, estou a nadar — disse-lhe ele descontraidamente. — E a beijar a Kasey. Deseja alguma coisa?

— Tens consciência de que temos criados que podem aparecer aqui a qualquer momento?

— Sim. Mais alguma coisa?

Os olhos de Beatrice faiscavam, mas ela manteve a dignidade. Kasey viu-se forçada a admirá-la por isso. — O Harry Rhodes telefonou. Precisa

de te ver dentro de uma hora para tratarem de negócios. Disse que é bas-

tante urgente.

— Está bem. Obrigado.

— Enfureceste-a, Jordan — comentou Kasey quando Beatrice se retirou. — E provavelmente vou enfurecê-la muito mais — reflectiu ele. Esta-

va na hora de fazer algumas mudanças, pensou. Algumas mudanças defini-

tivas. A casa era herança sua, mas talvez fosse mais sensato entregá-la à mãe

e levar Alison para outro lugar qualquer. E Kasey... Kasey era outro assun-

to. Bem, tinham a noite toda para discutir o assunto, decidi puxando-a de

novo. — Se estiveres pronta quando eu regressar da conversa com o Harry,

podemos começar cedo.

— Conversa depressa — disse-lhe Kasey.

...

Kasey tinha acabado de secar o cabelo quando bateram à porta do quar-

to. — Entre. — Abriu a porta do guarda-roupa. *Novamente o vestido verde?* — indagou-se, pegando nele. — Olá, Mil icent.

A criada espreitou à porta. — Menina... — Mil icent cruzou as mãos

e fez um ar desconfortável. — A Sra. Taylor gostaria de lhe falar... no quar-

to dela.— Agora? — Kasey passou os dedos pelo tecido do vestido que tinha

nas mãos.

— Sim, por favor.

*É melhor tratar disto de uma vez por todas,* pensou, voltando a pendu-

rar o vestido no guarda-roupa. Ia ser desagradável. Se ela não soubesse já, a

cara da criada dizia tudo.

— Está bem, vou já.

Mil icent clareou a voz. — É suposto levá-la comigo.

Kasey suspirou. Não podia censurar a criada. — Podes ir à frente

— disse, seguindo-a.

Mil icent bateu à porta de Beatrice, rodou a maçaneta e depois afastou-se rapidamente. Kasey inspirou profundamente uma última vez e en-

trou. — Sra. Taylor?

— Entre, Menina Wyatt. — Beatrice estava sentada à escrivaninha cor de marfim e não se virou. — E feche a porta.

Kasey obedeceu e sentiu uma necessidade súbita de um cigarro. O quarto era opressivo e tão difícil de suportar como a mulher. — Em que

posso ser-lhe útil, Sra. Taylor?

— Sente-se, Menina Wyatt. — Gesticulou com a mão em direcção a uma cadeira eduardiana. — Temos de ter uma conversa.

Kasey sentou-se e aguardou o inevitável.

— Esticou o seu tempo aqui o mais que pôde. — Beatrice virou-se então para ela e cruzou os braços sobre a mesa.

— Está preocupada com a pesquisa do Jordan, Sra. Taylor? — *Hoje ela não vai atingir-me*, disse para si mesma. *É o meu último dia*. — Porque não vai direita ao assunto e nos poupa tempo, Sra. Taylor? — disse em voz

alta. — Estive a verificar as suas credenciais. — Beatrice batucou com uma

0

caneta de ouro no tampo da mesa. Era o único sinal exterior de emoção.

— Parece que se considera uma perita na área.

— Andou a investigar-me. — Kasey sentiu a fúria aumentar e tentou contê-la.

— Ao fazê-lo, fiquei a saber que é neta de Samuel Wyatt. Eu conheço

a filha dele, sua tia. Há alguns anos houve um escândalo envolvendo o seu

nome. Um incidente bastante infeliz. — Batucou de novo com a caneta.

— Uma pena não ter ficado com a sua tia em vez de ter sido criada pelo

seu avô.

— Por favor. — A voz de Kasey tinha baixado de tom. — Não me enfureça.

Beatrice reparou que tinha irritado Kasey. Fora esse o seu primeiro objectivo. — Não constava no testamento do seu avô paterno.

— Andou a investigar bastante.

— Sou uma mulher meticulosa, Menina Wyatt.

— Mas que não vai rapidamente ao que interessa.

— Então, vamos ao que interessa — concordou Beatrice. — Aparentemente não tem problemas de ordem financeira, mas não é propriamen-

te... — Podre de rica? — sugeriu Kasey.

— No seu vernáculo — concedeu Beatrice. — A sua estada aqui tem sido um negócio muito lucrativo para si. É bastante compreensível que per-

siga as possibilidades de futuras recompensas caindo nas boas graças do

Jordan e da Alison.

— Futuras recompensas? — Kasey começou a sentir um ardor no estômago.

— Não pensei que fosse preciso ser gráfica. — Beatrice pousou a ca-

neta e cruzou de novo as mãos. — O Jordan é um homem muito rico. A

Alison irá herdar uma bela fortuna quando for mais velha.

— Percebo. — Kasey esforçou-se por manter as mãos quietas. —

Está a sugerir que eu espero beneficiar financeiramente desenvolvendo

uma relação com o Jordan e com a Alison. — Olhou prolongadamente

Beatrice nos olhos. — É uma mulher dura, Sra. Taylor. Não lhe ocorreu

que eu pudesse gostar deles independentemente do tamanho das contas

bancárias?

— Não. — Beatrice deixou a palavra pairar no ar por um momen-

to. — Já tratei com gente do seu tipo. A mãe da Alison era um exemplo,

mas o meu filho não me deu ouvidos. Decidiu casar-se com ela apesar das

minhas objecções e mudar-se para o outro extremo do país. Claro — disse

enquanto se recostava e fitava Kasey — que neste caso o problema é dife-

rente. O Jordan não faz qualquer tenção de se casar consigo. Está satisfeito



com um simples caso amoroso. Uma vez mais, no seu vernáculo, a menina

contou com o ovo no cu da galinha.

Kasey queria atirar-lhe com alguma coisa. Queria fazer alguns buracos naquela perfeição de branco que a rodeava. Estava rígida com o esforço

que fazia para se controlar. — Estou ciente dos limites do meu relaciona-

mento com o Jordan, Sra. Taylor. Sempre estive. Não tem com que se preo-

cupar.— Não vou tolerar mais a sua presença nesta casa. A sua influência

sobre a Alison vai levar meses a reparar.

— Uma vida inteira, espero. — Kasey levantou-se. Tinha de sair

dali. — Nunca mais vai conseguir encaixá-la naquele molde. Ela já ex-

travasou.

— O Jordan tem a custódia da Alison.

Foi o tom, e não as palavras, que fizeram Kasey estacar. Sentiu uma súbita pontada de medo. — Sim.

Beatrice rodou ligeiramente na cadeira para poder olhar para Kasey de frente. — Se não sair hoje, esta tarde, serei forçada, pelo bem da Alison,

a requerer a custódia dela.

— Isso é um absurdo. — O medo regressou com força redobrada e Kasey sentiu o frio apossar-se da sua pele. — Nenhum tribunal lhe vai dar

a custódia em detrimento do Jordan.

— Talvez sim, talvez não. — Beatrice moveu elegantemente os ombros. — Mas sabe bem o quão desgastante pode ser uma batalha judicial,

particularmente quando há uma criança envolvida. Processá-lo com base

em conduta imoral tornaria tudo particularmente desagradável.

— Ele é seu filho. — As palavras saíram-lhe quase sussurradas. —

Não pode fazer-lhe uma coisa dessas. Nem à Alison. O Jordan não lhe fez

nada de mal; nunca faria.

— A Alison precisa de protecção. — Olhou friamente para Kasey.

— Assim como o Jordan.

— Protecção? Quer dizer, manipulação, não é? — Aproximou-se de Beatrice. Só podia estar a sonhar. Mas nem o pesadelo dela era assim tão

mau. — Não pode fazer-lhes uma coisa dessas. Não pode. Ela não passa

de uma criança. Ela adora-o. — Não ia chorar em frente daquela mulher.

— Não tem nada a ganhar com isso. Não ama a Alison como o Jordan ama.

Não precisa dela. Se pudesse compreender o que é ser-se disputada dessa

forma, não o faria.

Beatrice soltou um curto suspiro. — A decisão está nas suas mãos.

Era incrível, impossível, mas Kasey percebeu que ela estava a falar

bastante a sério. — Eu ia amanhã — disse em voz baixa. — Não valho a

pena, Sra. Taylor.

— Hoje, antes de o Jordan regressar. E não pode contar-lhe nada dis-

to. — Hoje — concordou Kasey. Havia lágrimas na sua voz; não conse-

guiu evitá-las. Lutou para mantê-las afastadas dos olhos. — Hoje, porque

sou capaz de algo que a senhora não é. De amá-los o suficiente para lhes dar

o que precisam: um ao outro.

Beatrice virou-lhe novamente as costas. — A Mil icent já deve ter as

suas malas prontas e o Charles leva-a onde quiser. — Abriu o livro de che-

ques. — Estou disposta a compensá-la pela sua discricção e pela contrarie-

dade, Menina Wyatt...

A mão de Kasey bateu com força sobre o livro de cheques e interrom-

peu-a. Beatrice ergueu os olhos, surpreendida.

— Não abuse da sorte — sussurrou Kasey. — Dei-lhe a minha palavra. É de graça. — Levantou lentamente a mão e endireitou-se. — Vai

chegar a hora em que terá de lidar com o que fez hoje. Perdeu mais do que

eu, Sra. Taylor.

Saiu porta fora e quase se dobrou com a dor. Precisava de tempo, de alguns momentos, para se recompor. Ainda tinha de ver Alison. Não se iria

embora sem se despedir dela. *Tenho de encontrar as palavras certas.* Ka-

sey percorreu o corredor como uma sonâmbula. *Não posso chorar à frente*

*dela.* A intensidade da dor tinha-a deixado entorpecida. Segurou na ma-

çaneta da porta do quarto de Alison com dedos completamente dormen-

tes. — Kasey! — Alison olhou para ela. O cachorrinho estava deitado

em cima da colcha e Alison estava ao lado dele a dedilhar a guitarra nova.

— Aprendi uma música nova. Queres que a toque?

— Alison. — Kasey sentou-se ao lado dela.

— O que se passa? — Franziu a testa ao olhar bem para Kasey. — Pa-

reces estranha.

— Alison. Lembras-te de eu te ter dito que um dia teria de me ir embora? — Viu a expressão nos olhos da menina e tocou-lhe no rosto.

— Esse

dia chegou, Alison.

— Não. — Alison pôs a guitarra de lado e agarrou na mão de Kasey.

— Não precisas de ir. Podias ficar.

— Já te tinha explicado. Lembras-te? Sobre o meu trabalho?

— Não queres ficar? — As lágrimas estavam a começar a brotar. Kasey sentiu um momento de pânico.

— Alison, não é uma questão de querer. Não posso.

— Podias. Podias se quisesses.

— Alison, olha para mim. — Kasey estava no limite e tinha consciência disso. Mas não podia deixá-la assim. — Às vezes as pessoas não podem

fazer exactamente aquilo que querem. Eu amo-te, Alison, mas tenho de ir.

— O que é que eu vou fazer? — Foi quase um lamento quando se abraçou ao pescoço de Kasey.

— Tens o Jordan. E eu vou escrever-te, prometo. Talvez no Verão pos-

sas ir visitar-me. Como já tínhamos conversado.

— Ainda faltam muitos meses para o Verão.

Kasey abraçou-a com força e depois afastou-a. — Às vezes o tempo passa depressa. — Tirou a aliança de ouro do dedo e enfiou-a na mão de

Alison. — Isto é para ti. Sempre que pensares que já não te amo, podes

olhar para ela e lembrar-te que sim. — Levantou-se e encaminhou-se

para a porta. A dor estava a tomar conta dela e o tempo estava a esgo-

tar-se.— Alison... — Virou-se para trás com a mão na maçaneta. — Diz

ao Jordan que eu... — Abanou a cabeça e abriu a porta. — Cuida dele por

mim.

...

Havia apenas uma luz ténue no quarto do hotel, mas até isso lhe inco-

modava os olhos. Kasey não conseguia reunir forças para a ir desligar.

O choro tinha-a exaurido, deixado nauseada e vazia. Podia ouvir os sons de

celebração vindos de outros quartos.

Era quase meia-noite.

*Eu devia estar com ele a esta hora, pensou. Devia ter tido esta última noite. O que terá pensado ele quando regressou e viu que eu me tinha ido embora? Que me fui embora sem lhe dizer nada. Nunca vai conseguir compre-*

*ender. Terá ficado magoado, ou apenas furioso?* Abanou a cabeça. Era inútil especular. Estava terminado.

Ouviu o som de uma chave e voltou-se. Quando Jordan entrou, ela não disse nada. Os seus pensamentos estavam afogados em dor e choque.

— Devias pôr a corrente quando não queres que ninguém entre, Kasey. — Atirou a chave para cima da mesa. — As chaves são bastante fáceis

de conseguir. Bastam vinte dólares e uma boa história. Tu sabes tudo sobre

boas histórias.

Kasey deixou-se ficar exactamente onde estava. A ameaça de Beatri-

ce travou-lhe o impulso de correr para os braços dele. — Como é que me

encontraste?

— Foi o Charles. — Virou-se e colocou a corrente na porta. — Embora tivesse tido de visitar alguns bares para o encontrar. Ele tinha a noite

de folga.

— Parece que andaste a aproveitar bem o tempo. — Ela reparou que ele tinha andado a beber. Tinha de se manter calma. As mãos estavam a

começar a tremer e ela agarrou-se ao bordo da cómoda que estava atrás.

Jordan passou os olhos pelo pequeno quarto de hotel. — Estou a ver que não escolheste o Hyatt.

— Não. — Vinham aí palavras duras, furiosas. Kasey levantou-se e pegou num cigarro. — Não é ridículo? Os hotéis têm sempre fósforos e eu

não consigo encontrar nenhum. — Susteve a respiração quando ele a agar-

rou pelos braços e a virou de frente para si.

— Porque é que te vieste embora?

— Tinha de vir algum dia, Jordan. — A voz dela ficou tensa com a



dor quando os dedos dele a agarraram com mais força. — Ambos sabemos

que a pesquisa terminou.

— Pesquisa? — Se ele não a estivesse a segurar com tanta força, recea-

va bater-lhe. Ela magoara-o mais do que ele achara possível. Ela expusera-o

à dor. Abanou-a com violência. — É só isso que existe entre nós?

Kasey estava a começar a tremer, mas ele não pareceu reparar. Nunca

o tinha visto assim – brutal, furioso. Ela desejava que ele lhe batesse, se isso pusesse um fim à situação.

— Raios! — Ele abanou-a de novo, quase levantando-a do chão. —

Não podias ao menos ter-me dito alguma coisa? Tinhas de te ir embora nas

minhas costas, sem dizer nada?

Kasey agarrou-se de novo à borda da cómoda. O enjoo estava a voltar. — É melhor assim, Jordan. Eu...

— *Melhor?!* — A palavra explodiu de dentro dele. Kasey deu um salto. — Para quem?! Se não tiveste a decência de pensar em mim, podias ao

menos ter pensado na Alison!

Estava a ser praticamente insuportável. Kasey fechou os olhos por

um momento. — Eu pensei na Alison, Jordan. Tens de acreditar que pensei

nela. — Como posso acreditar nalguma coisa que tu digas? Ela ficou des-

troçada. Olha para mim! — Agarrou-a pelos cabelos e puxou-lhe a cabeça

para trás. — Fiquei uma hora a abraçá-la, enquanto ela chorava, a tentar

fazê-la compreender uma coisa que eu próprio não compreendia.

— Fiz o que tinha de fazer. — Ela estava a começar a sentir-se zozna.

Tinha de o fazer ir-se embora, e rapidamente. — Jordan, bebeste demasia-

do. — A voz estava impressionantemente calma. — E estás a magoar-me.

Quero que saias.

— Disseste que me amavas.

Kasey engoliu em seco e endireitou-se. — Mudei de ideias. — Viu a cor esvair-se do rosto dele.

— Mudaste de ideias? — disse ele lentamente, incrédulo.

— Isso mesmo. Agora vai e deixa-me em paz. Tenho um avião para apanhar de manhã.

— Cabra. — Jordan sussurrou a palavra no momento em que a pu-

xou violentamente contra ele. — Vou quando terminarmos. Temos um en-

contro marcado.

— Não. — Ela contorceu-se em pânico. — Não, Jordan!

— Vamos terminar o que tu começaste — disse-lhe ele. — Aqui e agora! Cobriu a boca dela com a sua, interrompendo o protesto dela. Ka-

sey empurrava-o, cheia de medo. Até aquilo lhe seria tirado: as recordações

da felicidade de o amar e de ser amada por ele. Ele começou a arrastá-la

em direcção à cama e ela debatia-se, mas ele era forte e estava dominado

pela raiva. *O que é que estamos a fazer um ao outro?* Pensou ela vagamente quando ele lhe arrancou a camisa. As mãos dele percorriam-na, puxando,

rasgando-lhe a roupa enquanto ela tentava libertar-se.

A imagem da calma e da expressão fria de Beatrice veio-lhe ao pensamento. *Não vou deixar que nos faça isto.*

Kasey parou de se debater. A sua boca rendeu-se à de Jordan. *Posso dar-te isto,* disse-lhe ela em silêncio, sentindo o pânico desaparecer. *Uma última noite. Afinal, isso ela não nos tirou.* Parou de pensar e entregou-se ao amor.

# 14

Kasey acordou com o quarto inundado de luz. Gemeu num protesto automático e virou-se para o outro lado. A mão tocou no vazio ao seu

lado. Abriu os olhos. Ele tinha-se ido embora. Sentou-se com alguma difi-

culdade, perscrutando rapidamente o quarto em busca de algum sinal de

Jordan. Quando pousou a mão na almofada ao lado, sentiu-a fria.

Quando é que ele teria saído? Só se recordava que se tinham amado vezes sem conta durante a noite, em desespero e em silêncio. Ela achava que

ele tinha adormecido, tinha a certeza de que tinham tido algumas horas de

completa paz um junto ao outro. Precisava de saber que tinham tido.

Ninguém lhe poderia tirar essas horas. Se não tinha havido ternura, pelo menos tinha havido desejo. *Ele não vai sofrer mais.* A sua última espe-

rança era que, se não tivesse acabado com a raiva, pelo menos a noite tivesse

acabado com o sofrimento dele. Kasey duvidava que Jordan alguma vez a

perdoasse pela forma como pusera um ponto final às coisas.  
Levantou-se

da cama. Ainda tinha um avião para apanhar.

Quando viu o bilhete em cima da cómoda, estacou. Talvez fosse melhor não o ler, fingir que não o tinha visto. O que poderia ele dizer-lhe que

não fizesse regressar a dor? Mas não conseguiu conter-se e agarrou no bi-

lhete. Abriu-o e leu:

*Kasey,*

*Um pedido de desculpas pelo que aconteceu ontem à noite seria pouco, mas não tenho mais nada a oferecer. A raiva não é desculpa para o que aconteceu. Só posso dizer-te que é do que mais me arrependo de ter feito na vida.*

*Deixo-te um cheque pelo teu trabalho do mês passado. Espero que percebas o que me deste, porque eu não tenho palavras para o descrever.*

*Jordan*

Kasey releu a mensagem algumas vezes. Tinha razão quando pensara

que traria a dor de volta. Amarrotou a folha e largou-a no chão.  
*Arrepen-*

*deu-se*, pensou ela, pegando lentamente no cheque que tinha sido deixado

debaixo do bilhete. Estava gelada. Já não lhe restavam emoções. Olhou ra-

pidamente para o montante e deu uma gargalhada.

— Que generoso, Jordan. És um homem generoso. — Rasgou metodicamente o cheque em pedacinhos minúsculos e deixou-o pairar até

ao chão. — Isso ia dar com o teu contabilista em doido. — Não ia chorar

outra vez. Não tinha mais lágrimas. Com um suspiro, pegou num cigarro.

— Montana — decidiu de repente. — Em Montana há neve e vai estar um

frio de morte. — Aquele não era o momento de ir para casa, pensou. Seria

demasiadamente fácil desmoronar em casa. Dirigiu-se rapidamente ao te-

lefone e preparou-se para alterar os planos.

...

O Dr. Edward Brennan desligou o motor do velho Pontiac. O Sol esta-

va a começar a pôr-se e ele tinha tido um dia muito longo. As costas

diziam-lhe isso. *Estou a ficar velho*, reflectiu. Outrora teria sido capaz de trazer ao mundo três crianças, operar umas amígdalas, tratar de uma tibia

partida e vacinar três famílias contra a gripe antes do almoço e sem perder

o ritmo. Mas já estava com setenta anos e a pensar que chegara a hora de

abrandar.

Talvez tivesse chegado a hora de arranjar um sócio, alguém jovem com ideias novas. O Dr. Brennan gostava de ideias novas. Sorriu por um

instante e contemplou o pôr-do-sol. Era uma pena Kasey não ter seguido

medicina. Teria dado uma excelente médica.

Nas suas montanhas havia riscas de luz cor-de-laranja a atravessar as

copas das árvores. Ele era muito senhor do seu pequeno pedaço de terra. A

sua montanha, o seu pôr-do-sol. Era o que sentia quando estava sozinho.

Era uma boa sensação e fazia-o andar com a vida para a frente.

Abriu a porta do carro e retirou o saco com pão caseiro e conservas

que a Sra. Oates lhe tinha enfiado nas mãos quando ele lá fora para tratar

da papeira do filho. Ia apreciar o pagamento com uma chávena de café.

Depois, talvez tomasse apenas um copito do whisky ilegal que o Sr. Oates

lhe passara antes de ele sair. Oates tinha a melhor casa na encosta leste da

montanha.

A porta de casa nunca estava trancada e ele empurrou-a já a salivar pelo pão.

— Olá, avô.

O Dr. Brennan deu um salto e ficou pasmado a olhar para a mulher que estava sentada à mesa da cozinha. — Kasey! — Estava abalado por a ver

ali e surpreendido por ela não ter corrido até si para um abraço apertado e

um beijo sonoro. Era a forma habitual de ela o cumprimentar, quer tives-

sem estado separados um dia ou um ano. — Pensei que ainda estivesses no

Tennessee.

— Não, estou aqui. — Sorriu para ele e depois olhou para o saco que ele trazia. — Cheira-me a pão fresco. Parte dos honorários?

— Da Sra. Oates — respondeu ele, atravessando a cozinha para o



pousar na mesa.

— Ah. — Kasey sorriu para o avô. — Então imagino que devas ter recebido algo um bocadinho mais estimulante do Sr. Oates. Como tem an-

dado o teu estômago?

— Suficientemente resistente para um ou dois copitos.

Pousou uma mão sobre a dele. — Como tens passado, avô?

— Muito bem, Kasey. — O Dr. Brennan examinou cuidadosamente a cara da neta com um misto de afecto e de profissionalismo. Havia algo

que não estava a bater certo. Apertou-lhe a mão em resposta. Ela dir-lho-ia

quando estivesse pronta, à sua maneira. Conhecia-a há demasiado tempo

para esperar outra coisa. — E tu? O que tens andado a aprontar? Há quase

um mês que não recebo uma das tuas cartas de seis páginas.

— Nada de especial. — Kasey encolheu os ombros. — Estive duas semanas em Montana. Comprei lá um casaco fantástico; capaz de nos man-

ter quentes nas Aleutas. Estive um tempo com a família Phiefer no Utah. A

Mol y Phiefer está rija como sempre. Festejou o sexagésimo oitavo aniversário

na escavação. Fiz uma palestra em St. Paul e andei à pesca de trutas

no Tennessee. E deixei de fumar. — Os olhos dela escureceram. — Avô...

estou grávida.

— Grávida? — O Dr. Brennan esbugalhou os olhos. — O que queres dizer com isso?

— Avô... — Kasey segurou-lhe na mão. — És médico. Sabes muito bem o que isso quer dizer.

— Kasey. — O Dr. Brennan percebeu que precisava sentar-se. — Como é que isso aconteceu?

— Da forma tradicional — disse ela, tentando sorrir. — Até porque mesmo os métodos modernos nem sempre são fiáveis — acrescentou, an-

tecipando a pergunta inevitável.

Ele ia deixar passar isso por enquanto. — De quanto tempo estás?

— Que dia é hoje?

Ele estava habituado à indiferença descontraída da neta à passagem do tempo. — Dezassete de Maio.

— Quatro meses e dezassete dias.

— Muito específica — reparou ele com um aceno de cabeça.

— Tenho a certeza. — Kasey entrelaçava e desentrelaçava as mãos.

Observando o movimento nervoso, ele optou pelo profissionalismo:

— Já consultaste algum médico? Tens sentido desconforto? Algum efeito

secundário?

— Sim, já fui ao médico. — Ela sorriu de novo, acalmada pelas perguntas objectivas. — Não, não tenho sentido nenhum desconforto, e depois

de um infeliz mês de enjoos matinais não tive mais nenhum efeito colateral.

Estamos de óptima saúde.

— E o pai?

Ela entrelaçou as mãos outra vez. — Tenho a certeza de que também

está muito bem de saúde.

— Kasey. — O avô pôs-lhe uma mão sobre os dedos para os fazer parar. — Quais são os planos dele em relação ao bebé? Como é óbvio, resol-

veste levar a gravidez até ao fim. Tu e o pai da criança devem ter chegado a

algum tipo de acordo.

— Não, não chegámos a acordo nenhum. — Olhou-o directamente nos olhos, deixando transparecer alguma vulnerabilidade. — Não lhe con-

tei. — Não lhe contaste?! — Estava mais chocado com esse facto do que

com o resto. Não era nada típico dela. — E quando é que tencionas fa-

zê-lo?— Não tenciono. — Pegou num cigarro e começou a desfazê-lo em

pedacinhos.

— Kasey, ele tem o direito de saber. É filho dele.

— Não. — Olhou de novo para ele. — O filho é meu. O meu filho tem

direitos e eu tenho direitos. O Jordan pode ir para o diabo que o carregue.

— Kasey, tu não és assim — disse ele calmamente.

— Por favor. — Ela abanou a cabeça e esmagou o resto do cigarro

na mão. — Pára. Não tomei esta decisão da noite para o dia. Pensei nisto

durante meses. Sei que é a atitude certa a tomar. O meu bebé não vai ser

disputado porque o pai dele e eu cometemos erros. Eu sei o que aconteceria

se contasse ao Jordan.

A voz estava a começar a tremer-lhe e ela parou um momento para a estabilizar. — Ele ia pedir-me em casamento. É um homem digno. E eu

recusaria porque não suportaria... — Calou-se de novo e abanou impa-

cientemente a cabeça. — Não suportaria que ele mo pedisse por obrigação.

Depois ia querer dar-me algum tipo de assistência financeira. Eu não preci-

so disso. O meu filho não precisa disso. Teria de se fazer um calendário de

visitas e o bebé ia estar constantemente a saltar de uma costa para a outra,

sem saber onde é que era o lugar dele. Não é justo. Não quero isso. O bebé

é meu. O Dr. Brennan pegou outra vez nas mãos dela e olhou-a intensamen-

te. — Amas o pai?

E viu-a desmoronar. — Sim, muito. — Kasey deitou a cabeça sobre a mesa e chorou.

0

O avô deixou-a desabafar. Não a via sofrer daquela forma desde

criança. Manteve as mãos dela nas suas e esperou. Que tipo de homem se-

ria Jordan, cujo filho ela carregava no ventre? Se o amava, porque estaria a

chorar ali sozinha em vez de estar a partilhar com ele a felicidade da pater-

nidade iminente?

O Dr. Brennan tentou recordar-se de partes das cartas que recebera

dela. Ele sabia quem era Jordan – o escritor com quem ela trabalhara no

final do Outono e início do Inverno do ano anterior. O Dr. Brennan admi-

rava o trabalho dele. As cartas de Kasey tinham sido simultaneamente en-

tusiásticas e confusas. Mas ele estava habituado a essas duas características

na neta.

Como é que lhe tinham escapado as entrelinhas? E agora, durante

meses, ela enfrentara sozinha a decisão mais importante da sua vida. De-

testava vê-la assim – perdida, a chorar. Outrora fora obrigado a mandá-la

para longe. Também nessa altura ela se sentira perdida e chorara. Ele achara

que a decisão que tomara sozinho fora a melhor para ela, e, quando a poeira

assentara, confirmara-se que tinha sido. Mas o tempo intermédio tinha dei-

xado marcas. Ele era suficientemente intuitivo para saber que parte da deci-

são dela resultava da própria experiência de vida. Ele só podia oferecer-lhe

tempo, apoio e amor. Esperava que isso bastasse.

O choro tinha parado entretanto. Kasey manteve a cabeça pousada na mesa enquanto descansava. Há meses que não chorava. Endireitou-se

lentamente e começou a falar outra vez.

— Eu amava-o... amo-o. Foi esse um dos motivos que me levou a tratar das coisas desta forma. — Suspirou. Sentira a necessidade de falar

com alguém desde o dia em que saíra do quarto de Beatrice, quatro meses

antes. — Deixa-me explicar-te as coisas, talvez entendas.

A voz já estava calma, sem emoção, e ela pormenorizou os acontecimentos na casa dos Taylor. Quando falou de Alison, ele viu imediatamente

o paralelismo e manteve-se em silêncio. Só quando ela lhe contou o último

encontro com Beatrice é que ele explodiu.

— Estás a dizer-me que ela te ameaçou?! — O Dr. Brennan levantara-se de um salto, esquecendo a dor nas costas. Estava pronto para o com-

bate. — Não a mim. — Kasey estendeu-lhe a mão e levantou-se. — Ao

Jordan, à Alison. A mim ela não podia fazer nada, nada de importante.

— Foi chantagem, Kasey. Chantagem pura e simples. — A voz dele tinha enrouquecido com fúria. — Devias ter contado tudo ao Jordan.

— Sabes o que é que ele teria feito? — Kasey deu-lhe o braço. — Teria

entrado lá de rompante, tal como tu gostarias de fazer agora. Teria sido uma

cena terrível com a Alison a assistir a tudo. Achas que eu podia arriscar uma

batalha judicial? Ela não passa de uma criança. Sei o que ela sentiria se visse

o nome e a fotografia estampados nos jornais, se ouvisse os mexericos. —

Os olhos de Kasey eram eloquentes e as lágrimas tinham secado. — Põe-te

no meu lugar, avô. Em tempos testemunhaste algo idêntico. Se tivesses de



mudar o que fizeste há tantos anos atrás, mudarias?

Ele suspirou e abraçou-a. — Kasey, nunca pensei que tivesses de vol-

tar a passar por uma situação destas.

Ela tinha sentido a necessidade de ir para casa, de sentir os braços grandes e fortes e as mãos suaves. Precisara de uma rocha e não conhecia

nenhuma mais firme. — Amo-te, avô.

— E eu a ti, Kasey. — Abraçou-a por uns instantes sem dizer nada.

E, de repente, apercebeu-se de que ela já não era nenhuma trinca-espínhas.

Conseguia sentir as curvas do corpo da neta contra o seu. Sentiu-se cho-

cado com a alteração. Ela já não era a sua menina mas uma mulher que

carregava o próprio filho. — Acabou de me ocorrer que vou ser bisavô.

— Sempre foste um avô maravilhoso — murmurou Kasey. — O melhor. — Ficas cá até o bebé nascer.

Kasey suspirou e relaxou encostada a ele. — Sim.

Ele afastou-a. — Estás a tomar vitaminas?

— Sim, senhor doutor. — Sorriu e beijou-o na face.

— E a beber leite?

Ela beijou-lhe a outra face. — Que achas de Bryan? — perguntou-lhe.

— Dá para menino ou para menina. Acho que Bryan Wyatt soa bem. É

digno sem ser demasiado pesado.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Estou a ver que não.

— Ou então Paul — continuou ela enquanto ele se dirigia ao frigorífico. — Claro que, nesse caso, teria de ser um menino. — Kasey viu-o encher

um copo alto com leite. — Podemos comer agora algumas das guloseimas

da Sra. Oates? — Kasey abriu o saco. — Isto são ameixas em conserva?

— perguntou ela pegando num frasco. — Adoro ameixas em conserva.

— Ainda bem. — O Dr. Brennan entregou-lhe o copo de leite e sorriu. — Podes comer algumas com o leite antes de eu te examinar.

# 15

Julho chegou em menos de nada. Havia flores silvestres nos bosques e

gerânios nos vasos da janela da cozinha. À noite os grilos cantavam sem

parar. Kasey deixou-se ficar deitada a ouvi-los enquanto o bebé se mexia ir-

requietamente dentro dela. *Está com pressa de sair*, pensou ela. *Ou estão. O*

avô tinha quase a certeza absoluta de que eram dois. Ela recusara a sugestão

dele de irem ao hospital para terem a certeza. Queria ser surpreendida.

Já há muito tempo que não dormia profundamente. O bebé não o

permitia. *Os bebés* não permitiam. Kasey não precisava que nenhum equi-

pamento sofisticado lhe dissesse que eram dois. Nenhum bebé podia ser

assim tão activo. Quando um estava a dormir, o outro estava bem acordado

e a dar pontapés. E a barriga dela estava enorme.

Pousou as mãos na barriga. *Não vou chegar ao final da gravidez*, pen-

sou. *Geralmente os gémeos chegam mais cedo.* Fechou os olhos e começou

de novo a devanear. Gostava dos movimentos dentro dela, gostava de saber

que havia vida a desenvolver-se lá dentro, impaciente para vir ao mundo.

Quase conseguia imaginá-los: um menino e uma menina, com cabelo cas-

tanho e olhos azuis-escuros. Quando olhasse para os olhos, lembrar-se-ia

de Jordan.

Ajeitou-se de novo ao sentir uma cotovelada inequívoca. O que estaria ele a fazer naquele momento? Que horas seriam na Califórnia? Su-

ficientemente cedo para ele ainda estar a trabalhar? Teria já concluído o

livro? Kasey queria muito encontrar o livro numa livraria, levá-lo para casa

e fechar-se com ele. Isso traria Jordan de volta, assim como todas as horas

que tinham passado juntos no gabinete dele. Podia guardá-lo para os fi-

lhos. Nunca saberiam que tinha sido escrito pelo pai, mas aprenderiam a

admirá-lo e a respeitá-lo através das suas palavras. Ela queria isso para eles

e para Jordan.

E Alison. Kasey virou-se de barriga para cima. Tinha escrito à menina, tal como prometera. As constantes viagens que fizera pelo país tinham

impossibilitado qualquer resposta por parte de Alison. *Já não devo tardar*

*a ter notícias dela, pensou. Já aqui estou há quase dois meses. Escrevi-lhe há praticamente três semanas.*

Levantou-se da cama e dirigiu-se à janela. A noite estava quente e abafada, dificultando ainda mais o sono. *Seria melhor se ela me esquecesse.*

*Agora não posso convidá-la a vir visitar-me.* Acariciou a barriga. Não have-

ria forma de lhe explicar nem de ter a certeza de que Jordan não descobri-

*ria. Ele vai tomar conta dela. Eu vou fazer o mesmo pelos nossos filhos.*

O movimento dentro da barriga parou. Kasey regressou para a cama e adormeceu.

...

O Dr. Brennan observava Kasey ajoelhada no chão entre fiadas de vege-

tais e ervas daninhas. Ela estava resplandecente. Ele não tinha  
quais-

quer preocupações com ela a nível físico. Ela era a imagem de uma  
mulher

saudável e forte. Tinha de novo tomado as rédeas da vida com o  
entusiasmo

que lhe era característico. Ele sentia muito orgulho dela.

Mas tinha algumas dúvidas acerca da sensatez da decisão da neta,  
embora ela não. Ele fazia tenção de falar novamente com ela acerca  
de Jor-

dan, mas esperaria até depois do parto, quando ela se sentisse  
recuperada.

O bebé era a sua principal preocupação. E a mãe.

— Não sei porque plantei favas — resmungou ela arrancando uma  
erva daninha. — Detesto favas, mas gosto de as ver todas dentro de  
um

saquinho gordo. Acho que as podia mandar torrar. — Apoiou-se nos  
calca-

nhares e sacudiu a terra das mãos. — Alguns dos tomates já estão  
maduros.

Podíamos comê-los hoje ao jantar com o milho que o Lloyd Cramer  
te deu

pelo apêndice. — Tapou o Sol com a mão e sorriu para ele.

— Eu fiz um bom negócio. O apêndice dele estava em mau estado.

— És tão mercenário. — Kasey levantou uma mão para o avô a ajudar a levantar-se e depois beijou-o com a habitual exuberância. —  
Achas

que devia regar o jardim? Não choveu a semana toda.

Ele olhou para o céu. — Se regarmos o jardim, vai chover de certeza.

Dava-nos jeito. O calor não te tem deixado dormir de noite.

— O calor, entre outras coisas. — Deu umas pancaditas na barriga.

— E, não, não estou cansada. — Riu-se, antevendo a pergunta dele.  
— Te-

nho energia suficiente para todos nós.

— Já bebeste o teu leite hoje?

— As minhas cenouras não estão a desenvolver-se em condições

— respondeu Kasey. — Vou buscar a mangueira.

— Eu rego-as esta noite quando estiver menos calor. Vai agora beber o leite.— Vou vomitar — ameaçou ela.

— Isso não resulta desde os teus doze anos.

Kasey semicerrou os olhos, avaliando-o. Sabia que ele era tão teimoso

quanto ela. — Vou fazer batatas gratinadas para o jantar. E pudim de bauni-

lha. Isso tem leite suficiente para qualquer pessoa.

— Vais engordar.

— Já estou gorda. — Correu para dentro de casa antes que ele tivesse

tempo de comentar.

Kasey estava sentada à mesa da cozinha a descascar batatas. Uma pequena montanha crescia à sua frente. Havia algo de tranquilizador na

simples tarefa e ela estava a descascar mais do que os dois poderiam comer

numa só refeição. *Vamos ficar com sobras*, concluiu olhando para o monte de batatas. *Para a semana toda. É a última*, garantiu a si mesma abanando a batata na mão. *Ou teremos de convidar a vizinhança toda*. Não ergueu os olhos quando a porta se abriu, e continuou a descascar. — Talvez tenhas

de arranjar uns pacientes esfomeados — disse ela em voz alta. — Entusias-

mei-me com isto. Sabes, já não descascam batatas no exército; uma terrível

lacuna na tradição. Têm umas máquinas...

Ergueu os olhos e paralisou.

Jordan viu a cor esvaír-se lentamente do rosto dela. Viu puro choque nos seus olhos, e medo também. O medo provocou-lhe um aperto no estô-

mago. Kasey largou a faca e enfiou as mãos debaixo da mesa.



*Oh, meu Deus!* – pensou desesperada. *O que é que eu digo? O que é*

*que eu faço?*

Ele não disse nada, mas os olhos estavam fixos no rosto dela. O cabe-

lo estava mais comprido, já quase a tocar-lhe nos ombros, reparou Jordan.

Quando é que ela tinha ficado assim tão linda? Ela já era atraente, interes-

sante, inesquecível. Mas quando é que tinha ficado linda? Não conseguia

tirar os olhos da cara dela. Quanto tempo esperara para a ver de novo? Para

a ver iluminar-se para si. Mas, naquele momento, o rosto de Kasey não es-

tava luminoso e a expressão era de terror. A culpa era sua, mas ainda não

era tarde de mais. Não podia ser. Todos aqueles meses de desespero não

podiam ter sido em vão.

Seria a pele dela tão macia quanto se lembrava? Encolher-se-ia ela se

tentasse tocar-lhe? Jordan estava com medo de experimentar e só conse-

guia olhar para ela.

Kasey entrelaçou as mãos com força por debaixo da mesa. Tinha de fazer alguma coisa, dizer alguma coisa. Esperou um momento até ter a cer-

teza de que a voz não iria vacilar.

— Olá, Jordan. — Sorriu para ele enquanto cravava as unhas nas pal-

mas das mãos. — Estás de passagem?

Ele deu alguns passos em direcção a ela mas manteve a mesa entre os

dois. Sem isso teria de lhe tocar. — Ando à tua procura há meses — disse,

num tom de acusação. Não fora seu intento cumprimentá-la daquela for-

ma. Jurara a si próprio que se manteria calmo, mas a calma desertara-o no

momento em que ela olhara para si.

— Ah, sim? — Kasey conseguiu manter o olhar fixo no dele. — Lamento. Tenho andado a viajar. É algum problema com o livro? Não me

recordo de nada que tivesse ficado por fazer.

— *Podes parar, por favor?!* — Estava a gritar com ela. Como é que podia estar a gritar com ela? Mas não conseguia parar. Tudo o que o fizera

continuar desde que ela partira se tinha desmoronado no momento em que

a vira de novo. — Passei seis meses no Inferno! Como podes ficar aí a olhar

para mim como se eu fosse um vizinho que estivesse de passagem?  
— Deu

a volta à mesa antes de ela conseguir responder e levantou-a pelos ombros.

— Raios, Kasey!... — Ficou sem pio quando olhou para ela. — Meu Deus.

— Sussurrou quando olhou para baixo. — Estás grávida.

— Sim, estou. — O aperto dele tinha afrouxado. Kasey sentiu os dedos dele largarem-na, um a um. Ele fitou-a como se nunca a tivesse

visto. — Tu... — Abanou a cabeça como se estivesse a tomar consciên-

cia do que estava a acontecer. — Estás grávida de um filho meu e não me

disseste.

Ela recuou um passo. — Meu filho, Jordan. Nunca te disse que era teu. Ele puxou-a de novo com tamanha rapidez que ela não teve tempo

para nada. O olhar já não era de estupefacção, mas de raiva. — Olha para

mim — exigiu ele por entre dentes. — Olha para mim e diz-me que não é

meu! — Viu outra vez medo nos olhos dela e soltou-a. Porque é que não

conseguia parar de cometer o erro que o levara a perdê-la? Jordan virou

costas e procurou controlar-se. Não estava preparado para aquilo. Como

poderia estar? Passou-se um longo bocado antes de conseguir voltar a falar.

— Por amor de Deus, Kasey — disse ele calmamente. — Como pudeste

esconder-me uma coisa destas? Independentemente do que sentisses por

mim, eu tinha o direito de saber.

— O meu bebé é que tem direitos, Jordan. — A voz dela continha a mortal calma do desespero. — Não estou preocupada com os teus.

Ele olhou novamente para ela, pronto para suplicar, se necessário. En-

terrara o orgulho havia muitos meses. — Por favor, Kasey, não me faças isto.

— Começou a tocá-la, mas, quando a sentiu tensa, baixou a mão. Tinha

planeado dizer uma centena de coisas quando a encontrasse, mas naquele

momento disse apenas: — Amo-te.

— *Não!* — explodiu Kasey, dando-lhe uma bofetada. — Não me digas isso! Não te atrevas a dizer-me isso agora! — Os olhos dela encheram-se

instantaneamente de lágrimas. — Teria dado tudo para ouvir isso há seis

meses atrás. *Tudo!* O que me deixaste foi um bilhete e um cheque pelos

serviços prestados, como se eu fosse uma...

— Não, Kasey. Por favor, não podes pensar... — Tentou tocar-lhe de novo mas ela empurrou-o.

— Não dormi com muitos homens. Surpreendido? — Passou as mãos pelas faces para afastar as lágrimas. — Mas foste o primeiro que me

deixou pagamento.

— Não, Kasey, não foi nada assim. — As palavras dela deixaram-no abalado. — Deixa-me explicar.

— Não quero explicações. — Ela abanou a cabeça e afastou-se dele.

— Quero que te vás embora. Pedi-te uma vez para me deixares em paz.

Estou a pedir-te de novo.

— Nessa altura, eu podia. Agora, não. Não compreendes?

— Não quero compreender. — Respirou profundamente. — Não preciso. — A voz estava novamente calma, mas ela não se voltou para ele.

— Desculpa ter-te batido. Nunca tinha feito uma coisa dessas.

— Kasey, por favor. — Jordan tocou-lhe suavemente no ombro. —

Senta-te e escuta-me. Amaste-me em tempos. Não posso ir-me embora as-

sim. — Ela não se mexeu. Não respondeu. Jordan sentiu o pânico crescer e

esforçou-se por controlá-lo. — Por favor, ouve-me e depois eu vou se é isso

que queres.

— Está bem. — Ela afastou-se dele e sentou-se. — Vou ouvir-te.

Jordan não sabia por onde começar nem como. Onde estavam as suas

palavras? — Quando acordei naquela última manhã... — Hesitou. A men-

te estava apinhada com as coisas que queria dizer e as emoções estavam a

fustigá-lo. Ela estava à espera de um filho seu. Naquele momento tinha as

mãos entrelaçadas sobre a barriga como se quisesse proteger algo que era

também parte dele.

— Quando acordei, — continuou, — odiei-me. Lembrei-me que tinha entrado no teu quarto. Lembrei-me de tudo o que te tinha dito, o que

tinha feito. Ainda estavas a dormir. Deixei-te o bilhete porque pensei que

não quisesses voltar a ver-me.

— Porque é que pensaste uma coisa dessas?

— Céus, Kasey, eu... — Ele tinha tido de enfrentar aquilo durante seis meses e agora tinha de o dizer: — Eu violei-te. Acordei e estavas cheia

de marcas nos braços. — Naquele momento foi ele quem virou costas. En-

caminhou-se para uma janela e cerrou com força os punhos sobre o para-

peito. — Vou ter de viver com isso para o resto da vida.

Kasey permaneceu calada por um momento. *Um homem honrado,*

pensou ela pousando as mãos nos braços da cadeira. E um homem hon-

rado não suporta saber que é capaz de fazer algo desonroso. Talvez se não

estivesse tão magoada se tivesse apercebido da mágoa contida no bilhete

que ele lhe deixara.

— Jordan. — Esperou até ele se voltar de novo para ela. — O que aconteceu naquela noite esteve muito longe da violação. Eu podia ter-te im-

pedido ou dado luta o tempo todo. Sabes que não o fiz.

— Não te teria servido de nada se o tivesses feito. — Aproximou-se outra vez dela. — Eu estava bêbedo e enlouquecido. Magoei-te. Coisa que

me tinhas dito desde o início. — Fez novamente uma pausa mas não tirou

os olhos da cara dela. — Acho que devias saber que te ia pedir em casa-

mento naquela noite. — Viu o choque nos olhos dela antes de ela os fechar.

— Quando regresssei do encontro com o Harry e descobri que te tinhas ido

embora, não queria acreditar. Fiquei fora de mim; era mais fácil lidar com a

situação dessa forma. Tu forçaste-me a sentir de novo, e depois, quando já

significavas tudo para mim, foste-te embora. Queria fazer-te sofrer.

Kasey ainda estava de olhos fechados e ele examinava-lhe o rosto en-

quanto falava. — Durante semanas, aquelas primeiras semanas depois de



teres entrado na minha vida, tinha dito a mim mesmo que não podia estar

apaixonado por ti. Tinha sido demasiado rápido. Sentia-me apenas atraído,

intrigado. Se não tivesse sido tão parvo, talvez não te tivesse perdido. Tu

deste-me tudo de graça e eu aceitei, mas tive receio de te dar demasiado em

troca. Ela abriu os olhos e olhou para ele. — E agora há demasiadas coisas

no caminho, Jordan. Por favor, não digas mais nada.

— Disseste que ias ouvir-me. Vais ouvir até ao fim. — Viu as mãos dela regressarem para cima do bebé. Algo se rasgou dentro dele, e ele de-

morou um tempo a recompor-se. — Depois daquela última noite juntos,

depois de te teres ido embora, eu tentei esquecer. Dizia para mim mesmo

que me tinhas mentido. Dizia para mim mesmo que tinhas andado a brin-

car comigo. Mas depois lembrava-me da tua expressão quando me disseste

pela primeira vez que me amavas. Eu sabia que te tinhas ido embora porque

eu não te tinha dado nada em troca e porque, quando tivera a última oportu-

nidade, te tinha magoado.

— Jordan, já passou — começou ela. — Não...

— Tentei viver sem ti. — Jordan abanou a cabeça e agachou-se à fren-

te da cadeira dela para a olhar de frente nos olhos. — Não havia cor. Tu

tinhas levado toda a cor contigo. Fui atrás de ti.

— Foste atrás de mim? — repetiu ela.

— A tua primeira carta para a Alison vinha de Montana. Quando lá cheguei, tinhas partido três dias antes. Três dias. Até podiam ter sido anos.

Não tinhas deixado contacto. E como tinhas alugado um carro, não ha-

via forma de te localizar. Comecei a contratar detectives, mas depois lem-

brei-me. — Parou de novo e levantou-se. — Pensei como poderias estar a

sentir-te. Por isso, resolvi antes regressar e rezei para que voltasses a escre-

ver à Alison. — Passou uma mão pelo cabelo enquanto revivia a frustração

e o pânico. — Cada vez que escrevias, eu tentava alcançar-te antes de tu

partires. Uma vez cheguei cinco horas atrasado. Pensei que ia enlouque-

cer. Eu sabia que não podia continuar a deixar a Alison assim, mesmo

que apenas por um ou dois dias. E comecei a pensar que não ias parar de

mudar de sítio, sempre um passo à minha frente, para o resto da minha

vida. Então chegou esta última carta. Quando disseste que ias ficar uns

meses com o teu avô, a Alison ficou tão entusiasmada. Ficar sem ti tem

sido duro para ela.

Kasey abanou a cabeça e cerrou as mãos em punhos. — Pára.

— Desculpa. — Ele pegou numa das mãos rígidas dela. — Assim

que ela recebeu a carta, quis vir ter contigo. Disse-me que lhe tinhas dito

que ela podia.

— Sim, disse. — Kasey retirou a mão. Não podia deixá-lo tocar-lhe.

Não naquele momento. Nunca fora suficientemente forte para o mandar

embora se ele estivesse a tocar-lhe.

Jordan olhou para a mão vazia por um momento e depois enfiou-a no bolso. — Não a queria deixar de novo com a minha mãe, nem por pou-

cos dias. Disse-lhe que vínhamos os dois.

— A Alison está cá? — Kasey sentiu o sorriso iluminar-lhe o rosto.

— Lá fora?

— Não. — Jordan engoliu a inveja. O sorriso tinha sido para Alison, não para ele. — Queria ver-te primeiro a sós. Tinha de te ver a sós. Ela está

no hotel. Está lá uma família que tem uns miúdos e que ficou a tomar conta

dela. Ela estava com esperança de que tu fosses comigo quando eu a fosse

buscar. Kasey abanou a cabeça. — Não posso. Adorava vê-la se a trouxesses

cá. Jordan sentiu uma nova chicotada de dor. Estava a perder e não tinha

meios de o impedir. — Está bem, se é o que queres. Vamos passar o resto do

Verão à procura de uma casa nova.

— Casa nova?

Ele tinha de falar de alguma coisa, qualquer coisa, para evitar pres-

sioná-la. Para evitar suplicar-lhe. — Decidi já há algum tempo, na verdade,

ainda antes do Natal, que a Alison precisava de sair daquela casa, de ir para

longe da minha mãe. Já tratei da papelada para a casa passar para o nome

dela. Não vamos precisar de nada tão grande. Eu disse à Alison que iríamos

procurar uma casa juntos e tentar instalarmo-nos ainda antes de ela reco-

meçar as aulas.

Ele estava prestes a explodir. Virou-se novamente para ela com a pai-

xão estampada no rosto. — Não me peças para te deixar agora que te en-

contrei, Kasey. Não me vires as costas. Não podes pedir-me que me afaste

de ti, do meu filho.

— Meu filho. — Kasey levantou-se. Seria mais forte se estivesse de

pé. — Nosso filho — corrigiu Jordan suavemente. — Não podes alterar

isso. Uma criança tem o direito de conhecer o pai. Se não consegues pensar

em mim, pensa no bebé.

— Estou a pensar no bebé. — Kasey levou as mãos às têmporas e pressionou-as. Talvez aliviasse a tensão. — Não estava à espera que apa-

recesses aqui, não estava à espera que me amasses. Sabia o que tinha de

fazer. — Mas eu apareci. — Jordan segurou-a delicadamente pelos om-

bros. — E amo-te.

— Não. — Kasey recuou, abanando a cabeça. — Não me toques.

— Tapou os olhos e não viu a emoção nos de Jordan. — Eu sabia o que

tinha de fazer — repetiu. — Não posso dar-me ao luxo de pensar em ti,

em mim. Tenho de pensar no meu filho. Não posso correr riscos com o

meu filho.

— Riscos? — começou Jordan, mas ela não parava.

— Não vou permitir que ande sempre a saltar de um lado para o ou-

tro. Ele vai saber onde é que pertence. Ninguém vai disputá-lo. Não vou to-

lerar. Não desta vez; desta vez a escolha é minha. — Já estava a soluçar com

as mãos tapando-lhe o rosto. Ele não sabia como confortá-la. — Trata-se do

meu filho, não de uma coisa que se possa dividir ao meio. Ela pode tentar

atingir-me através do bebé. Pode tentar tirar-mo. Perdi-te a ti, perdi a Ali-

son, mas não posso perder este filho. Seria a minha morte. A tua mãe não

vai pôr as mãos em cima do meu bebé!

— Do que é que estás a falar? — Ele descontrolou-se e segurou-a

pelos cotovelos, afastando-lhe as mãos dos olhos. — O que é que estás a

dizer? Kasey não respondeu. Estava a respirar ofegantemente. Não sabia

o que tinha dito.

Os olhos de Jordan semicerraram-se. — A minha mãe tem alguma

coisa a ver com a tua partida? — Kasey começou a abanar a cabeça, mas

o olhar dele deteve-a. — Tu não tens jeito nenhum para mentir, por isso

nem tentes. O que foi que ela te disse? O que foi que ela fez? — Como ela

não respondeu, ele obrigou-se a falar calmamente. Havia de novo medo

nos olhos dela, mas desta vez ele sabia que a responsabilidade não era

sua. — Vais dizer-me exactamente o que aconteceu entre as duas.

— Muito boa ideia — disse o Dr. Brennan ao entrar em casa. Jordan olhou para ele mas não largou o braço de Kasey. Ninguém o ia impedir de

0

saber a verdade. — Não é preciso ficares desconfiado, rapaz — disse ele a

Jordan. — Eu disse-lhe que era o que ela devia fazer, quando ela regressou

há uns meses.

— Avô, não te intrometas.

— Não me intrometo. — Ergueu as sobrancelhas à neta. — Sempre foste arrebitada.

— Avô, por favor. — Kasey libertou-se de Jordan. — Tens de ficar fora disto.

— Uma ova! — gritou-lhe ele. — Este homem tem o direito de saber o que se passou nas suas costas. Chega de esconder coisas, Kasey! Ela abanou a cabeça, dirigindo-se ao avô. — A Alison.

— Ele vai proteger a Alison, Kasey. Qualquer tolo vê isso. Contas-lhe tu, ou conto eu?

— Conte-me o senhor — disse Jordan ao Dr. Brennan. — Quero sa-



ber tudo como deve ser.

— Muito bem. Senta-te e cala-te, Kasey — ordenou o avô.

— Não, eu não...

— Kathleen, *senta-te!*

Ela ergueu o queixo, indignada, mas o treino de uma vida fê-la obedecer.— Muito bem, Jordan — começou o médico. — Isto pode não ser

fácil de ouvir. Queres sentar-te?

— Não. — Jordan falou rispidamente, mas depois controlou-se. —

Não, obrigado.

— Eu vou sentar-me, estou a ficar velho. — O Dr. Brennan acomodou-se. — A tua mãe colocou a Kasey numa posição de escolha — come-

çou. — Eu diria que ela é uma excelente avaliadora de caracteres, já que

deve ter percebido qual seria a escolha da Kasey. A felicidade dela, ou a tua

e da Alison.

— Não estou a perceber.

— Então a melhor maneira é ser mais claro. A tua mãe ameaçou requerer a custódia da Alison se a Kasey não fizesse as malas e se fosse embo-

ra naquele preciso momento.

— Requerer... — Jordan passou a mão pelo cabelo. — Isso é loucura!

Ela não quer a Alison e, de qualquer forma, não haveria fundamentos para

tal. — Eu disse que ela era uma boa avaliadora de carácter. — O Dr. Bren-

nan olhou para a neta. franzindo o sobrolho, Jordan seguiu-lhe o olhar.

Sentia as forças esvaírem-se.

— Oh, Deus. — Passou as mãos pelo rosto num gesto de fadiga. —

Acho que ela deve ter investigado o passado da Kasey. Ela devia ter vindo

ter comigo — disse ele ao médico. — Eu nunca teria deixado a minha mãe

levar por diante uma ameaça dessas. Ela devia ter vindo ter comigo.

— Pois. — O Dr. Brennan anuiu com a cabeça. — Mas ela não ia correr riscos com duas pessoas que amava. A tua mãe ameaçou processar-te

com base em conduta imoral.

— Avô. — A palavra não foi mais do que um sussurro cansado.

— Tudo, Kasey, ele vai saber de tudo. E — voltou-se para Jordan — ofereceu-lhe dinheiro. Foi aí que ela avaliou mal.

Havia uma janela sobre a pia da cozinha que tinha vista para as mon-

tanhas. Jordan dirigiu-se até lá e olhou para a paisagem. — Estou a ter di-

ficuldade em absorver isto. — A voz estava tensa. — Eu sabia que a minha

mãe era capaz de uma série de coisas, mas não esperava isto dela. Agradeço

que me tenha dito. — Ele achava que já tinha sentido toda a raiva e dor que

era possível sentir. Mas tinha-se enganado. Naquele momento não sabia

qual das duas se sobrepunha. — Eu trato da minha mãe, Dr. Brennan. Pode

ter a certeza disso.

— Eu tenho a certeza. — Depois de olhar para Kasey, o avô levan-

tou-se. — Tenho de ir regar o jardim. — Deixou-os e a cozinha ficou no

mais absoluto silêncio.

Kasey inspirou fundo. Já estava tudo esclarecido. Haveria pouco mais

a dizer. — Vou fazer chá. — Levantou-se para pôr uma chaleira ao lume.

— Kasey, não há nada que eu possa dizer ou fazer que consiga com-

pensar isto.

— Tu não tens culpa, Jordan, e não te cabe a ti compensar nada. —

Abriu um armário acima da cabeça. — É chá de ervas. O avô proibiu-me

de tomar cafeína.

— Kasey, por favor, pára um minuto. — Ela parou e virou-se de frente

para ele. Jordan reuniu todos os pensamentos. Tinha de dizer tudo rápida-

mente e sair enquanto conseguia aguentar-se de pé. — Primeiro, prome-

to-te que a minha mãe nunca se aproximará de ti nem do bebé. — Sentiu

uma pontada no estômago ao prescindir dos seus direitos. — Não farei

quaisquer exigências. Quero dar-te apoio financeiro, se o aceitares. Com-

preenderei se não o fizeres.

— Jordan...

— Não, não digas nada ainda. — Ele sabia que tinha de despejar tudo

rapidamente. — O bebé é teu, completamente teu; aceito isso. Tens a minha

palavra em como nunca reivindicarei nada. Sei o quanto a Alison significa

para ti. Se quiseres, deixo-a contigo durante alguns dias enquanto vou tratar

das coisas com a minha mãe.

— Isso já não interessa, Jordan...

— Interessa-me a mim! — Levantou uma mão para evitar perder o controlo. — Quando encontrar um lugar para nós, e nos tivermos instala-

do, envio a morada ao teu avô. Só gostava que me informassem quando o

bebé nascer e se estás bem.

As palavras dele estavam a alterar tudo. O que fizera sentido uma hora antes parecia naquele momento um absurdo. Pessoas que se amam

deviam estar juntas. — Jordan — começou ela. Depois deu um pequeno

gemido e pôs a mão sobre a barriga.

— O que é? — Em pânico, ele segurou-lhe os braços. — Estás com dores? É o bebé? Oh, meu Deus! Eu não devia ter vindo! Não te devia ter

perturbado desta forma! Vou chamar o teu avô.

— Não é necessário. — Kasey sorriu para ele. — O bebé está a dar

pontapés, só isso. É muito activo.

Jordan baixou os olhos e depois levantou lentamente a mão para a pousar sobre a barriga dela. Havia vida a mexer-se impacientemente sob

a palma da sua mão. Sentiu-se inundar de felicidade. Parte de si crescia ali

dentro. Parte de Kasey. Os dois tinham criado um ser humano. Quase con-

seguiu perceber o contorno do pequeno pé que batia contra a sua mão.

Quando levantou os olhos até aos de Kasey, ela viu a emoção e o des-

lumbramento. Sorriu e pousou a mão sobre a dele. — Devias sentir quando

ele está mesmo agitado.

A dor inundou-o de imediato roubando-lhe a cor. Aquele era o primeiro e último contacto com aquela criança. A última vez que tocava na

mulher que amava. Kasey percebeu a alteração antes de ele se voltar para

sair. *Não o deixes ir*, gritou-lhe o coração. *Não sejas tola. É um risco*, re-

cordou-lhe a mente. *Para ti, para todos. Corre o risco*, insistiu o coração. *És suficientemente forte. São todos suficientemente fortes.*

— Jordan. — Chamou-o antes de ele chegar à porta. — Não vás.

— Quando ele se virou, ela já estava praticamente junto a ele. — Nós pre-

cisamos de ti. — Lançou os braços em volta do pescoço dele. — Eu preciso

de ti. Ele queria aceitar o que ela estava a oferecer, mas conteve-se. — Ka-

sey, não precisas de fazer isto por mim. Não quero...

— Oh, cala-te e beija-me! Já falámos demasiado. Tenho saudades tuas. — Cobriu a boca dele com a sua e ouviu-o gemer de alívio.

— Amo-te. — Jordan espalhava beijos por todo o rosto dela. — Nunca mais vais passar um dia sem me ouvires dizer isto. Amo-te.

— Beija-me como deve ser — murmurou Kasey, tentando parar-lhe a boca. — Não vais esmagar os bebés.

Ele puxou-a e perdeu-se no sabor dela. Era sua... finalmente. Completamente sua. — Bebés? — disse ele subitamente, afastando-a. — *Bebés?*

— Não mencionei que eram dois?

Jordan abanou a cabeça e deu uma curta gargalhada de espanto.

— Não! — Riu-se de novo e apertou-a contra si. Conseguia sentir a mo-

vimentação das vidas dentro dela. — Não, não mencionaste. Como é que

consegui viver sem ti mais de seis meses? Não foi viver — respondeu ele à

própria questão. — Agora é que comecei a viver de novo. — Deu-lhe um

beijo ardente como se conseguisse preencher seis meses de vazio com um

abraço. Afastou-a de novo e olhou intensamente para ela. — Desta vez que-

ro compromisso — disse-lhe.

— Também eu — concordou ela, lançando-se nos braços dele.

## **Epílogo**

O fogo que ardia na lareira tornava acolhedora a sala de estar. Lá fora a

neve tinha meio metro de altura e ainda estava a cair. Kasey enfiou um

presente de última hora debaixo da árvore de Natal e depois recuou para a

admirar. Cordões de pipocas entrecruzavam-se de cima a baixo. Ela sorriu,

recordando-se do caos na cozinha na noite em que os tinham feito. O caos

continuava a ser uma preferência sua.



Dobrou-se para palpar um embrulho que tinha uma etiqueta com o seu nome.

— A fazer batota? — perguntou Jordan da entrada, e ela endireitou-se rapidamente.

— Claro que não. — Esperou até ele chegar ao pé dela e a abraçar.

— Estava só a espreitar. Espreitar não é fazer batota. Espreitar é obrigatório no Natal.

— É essa a sua sábia análise, Dra. Taylor? — Encostou o nariz ao pescoço dela.

— Claro. Como vai o livro?

— Muito bem. Tenho uma protagonista fascinante. — Afastou-a para poder olhar para ela. Estava resplandecente. Seria a véspera de Natal que a

fazia ficar assim? — Amo-te, Kasey. — Beijou-a ao de leve. — E sinto muito orgulho de ti.

— Porquê? — Ela entrelaçou as mãos atrás do pescoço dele e sorriu.

— Gosto de elogios mais específicos.

— Por teres concluído o doutoramento, por construíres uma família,

por cuidares de um lar.

— Claro que eu fiz isso tudo sozinha. — Sorrindo, emoldurou-lhe o rosto com as mãos. — Jordan, tu és incrivelmente querido. Sou louca por ti.

— Puxou-o até as bocas se encontrarem.

Foi um instante até o beijo aquecer. Estavam abraçados com força, envoltos um no outro. O prazer suave e a paixão ardente fundiam-se.

— Está a nevar — murmurou Jordan.

— Já reparei. — Kasey suspirou suavemente quando os lábios dele roçaram o pescoço dela.

— Temos muita lenha.

— Tu sabes cortá-la muito bem. Fico sempre impressionada. — Afastou-lhe suficientemente a cabeça para ir de novo ao encontro da boca dele.

— Há vinho na cave. — O desejo estava a tomar conta dele. Parecia que a necessidade nunca diminuía. Enfiou a mão debaixo da camisola dela

para lhe percorrer as costas. — Lembras-te da fantasia de que falámos na

noite da consoada de há dois anos?

— Hum. — Kasey encostou-se mais a ele. — Neve — murmurou ela.

— Com lenha, vinho e um ao outro.

O cocker spaniel entrou na sala a correr imediatamente à frente de duas crianças pequenas.

*Foge enquanto é tempo*, pensou Kasey, sorrindo ao pousar a cabeça no ombro de Jordan.

— Bryan, Paul, venham cá! — Alison entrou na sala a correr atrás deles. — Sabem que não devem implicar com o Maxwell. — Suspirou e

abanou a cabeça quando os gémeos se atiraram para o chão com o cão

entre os dois.

Jordan observou os filhos divertindo-se alegremente com o pobre do cão. Abraçou Kasey com mais força. — São lindos — murmurou. — Fico

sempre espantado com o quão lindos são.

— E tão bem-comportados — comentou Kasey quando Bryan empurrou Paul para conseguir agarrar melhor no pescoço do cão. Alison in-

terferiu para restabelecer a ordem.

Jordan riu-se e virou-a de frente para ele. — Acerca daquela fantasia... — Encontramo-nos à meia-noite — sussurrou ela. — Aqui.

— Tu trazes o vinho, eu trago a lenha.

— Combinado. — As crianças estavam a fazer cada vez mais barulho e Kasey sabia que depressa seria impossível conseguirem

continuar

a conversa. Além disso, ela também queria juntar-se à brincadeira.

— Só

mais uma coisa — acrescentou, lançando-lhe um daqueles sorrisos in-

gênuos.

Jordan olhou-a confuso e Kasey aproximou a boca da dele. — Va-

mos ter mais um bebé — disse-lhe. — Ou dois — conseguiu ela dizer

antes de os lábios dele esmagarem os seus.

F I M

# CLUBE *Nora Roberts*

*É fã da melhor autora romântica da actualidade?  
Então este clube é para si.*

Receba gratuitamente no seu email  
toda a informação que desejava:

- Newsletter mensal com as novidades
- Excertos dos novos lançamentos
- Promoções exclusivas
- Fórum para troca de opiniões
- E muito mais...

Mais informações em  
[www.chadascinco.com](http://www.chadascinco.com)

O Clube Nora Roberts  
ainda está em desenvolvimento.  
Se tiver sugestões venha à nossa  
página e partilhe-as connosco.



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexta sentido

